



turismo
étnico afro
na **Bahia**



turismo étnico afro na Bahia

Secretaria de Turismo do Estado da Bahia

Salvador Bahia Brasil

Turismo Étnico-Afro na Bahia

©Copyright 2009, Secretaria de Turismo /
Superintendência de Serviços Turísticos.

Planejamento editorial, pesquisa, redação e edição
Diretoria de Planejamento e Estudos Econômicos (DPEE)
e Assessoria de Comunicação (Ascom)

Organização Clarissa Amaral (diretora)

Participação

Acácia Martins, Gabriel Carvalho
Simone Cabral, Fernanda Freitas,
Daniel Meira, Silmara Menezes
Estagiários: Davi Carneiro, Rafael Brito,
Adriana Barbosa, Delmar Calil, Érica Almeida

Produção Viviane Santos

Revisão Tânia Feitosa

Edição Gráfica, Design e Arte finalização
Solisluna Design e Editora

Fotografias

Arquivo Setur-Bahiatursa, Rita Barreto, Jota Freitas

Agradecimento especial

Fundação Pedro Calmon
Prof. Ubiratan Castro
Maísa Menezes

Impressão e acabamento

Impacto Gráfica e Editora



Secretaria do Turismo

Bahiatursa

Governador do Estado da Bahia
Jaques Wagner

Secretário de Turismo do Estado da Bahia
Domingos Leonelli

Chefe de Gabinete
Antonio Carlos Tramm

Presidente da Bahiatursa
Emilia Salvador Silva

Superintendente de Serviços Turísticos
Cássia Magalhães

Coordenador de Turismo Étnico-Afro
Billy Arquimimo

Assessoria de Projetos
Manoel Passos Pereira
Ubiraci Oliveira Silva

B135 Bahia, Secretaria de Turismo. Superintendência de Serviços Turísticos - Suset.
Turismo Étnico-Afro na Bahia. / A Secretaria. ___ Salvador: Fundação Pedro
Calmon, 2009.
152p.: il.

ISBN: 978-85-61458-15-7

1. Turismo. 2. Turismo Étnico. 3. Herança africana - Bahia. 4. Turismo cultural.
5. Cultura negra. I. Título.

CDD 338 47918142

Secretaria de Turismo do Estado da Bahia
Avenida Tancredo Neves, 776 – Bl. B / 8º andar, Caminho das Árvores
CEP 41823-900 Salvador Bahia Brasil
Tel. 55 71 3116.4115
gab@setur.ba.gov.br

*“[...] Seja tenente ou filho de pescador
Ou importante desembargador
Se der presente é tudo uma coisa só
A força que mora n’água
Não faz distinção de cor
E toda cidade é d’Oxum [...]”*

*É D’Oxum
Gerônimo e Vevé Calasans*





Apresentação



O Turismo Étnico-afro na Bahia é mais do que um programa setorial da Secretaria de Turismo. Trata-se, também, de um instrumento de reparação social, que expressa os compromissos e os objetivos do Governo da Bahia na construção de um Estado verdadeiramente democrático, no qual a população deve desfrutar de resultados sociais e econômicos.

Muitos já disseram que a Bahia é uma terra abençoada pelos deuses. E, sem dúvida nenhuma, é. Da diversidade ambiental à cultural, a Bahia surpreende e é sempre muito mais do que se espera dela, seja pelas belezas naturais do seu litoral, das montanhas, do sertão e do cerrado ou pela sua particular formação social, que gerou um povo especial e padrões de convivência inter-raciais próprios.

Essas características tornam o nosso estado especialmente atraente para pessoas do mundo inteiro e se destacam junto àqueles que desejam viajar com a expectativa de viver experiências únicas e conviver com situações culturalmente incomuns.

Embora ainda tenhamos um longo caminho a percorrer, o investimento na área do Turismo Étnico-afro vem saldar compromissos políticos e econômicos com as comunidades afrodescendentes, historicamente excluídas dos benefícios econômicos gerados pelo turismo, que elas tanto ajudaram a desenvolver.

Sabemos que a nossa dívida com a população baiana de origem africana ainda é muito grande, mas com fé, coragem e determinação vamos construir uma Bahia ainda mais diversa, mais justa e mais humana, uma terra, verdadeiramente, de todos nós.

Jaques Wagner
Governador do Estado da Bahia









Apresentação



Em um estado como a Bahia e, especialmente, numa região metropolitana como a de Salvador, em que mais de 80% da população é negra, todo o turismo seria, em princípio, um turismo étnico-afro. Mas ainda não é.

Em um estado em que seus principais artistas, intelectuais e pensadores têm origem africana e são interessados em nossa cultura, uma estratégia de atração de turistas afrodescendentes já deveria ter sido implantada há muitos anos. Mas não foi.

O reconhecimento da importância da contribuição cultural africana, embora retoricamente enaltecido, não correspondia a uma ação efetiva no sentido de profissionalizar o turismo étnico de uma forma sustentável, inclusiva social e economicamente.

Estamos certos que, em vez de banalizar nossos símbolos culturais, as ações de construção de roteiros e de qualificação dos atores vão proteger e valorizar lugares, pessoas, práticas culturais e referências históricas. Um terreiro de candomblé, por exemplo, não é e nunca será uma atração turística em si. Mas pode ser visitado com o mesmo respeito com que se visita a Basílica de São Pedro no Vaticano. E se essa visita tem valor monetário para seus organizadores, é justo que aqueles que garantem a existência do espaço participem dessa renda.

A ideia do turismo étnico na Bahia e no Brasil pressupõe a democratização dos acessos a todos os elos da cadeia produtiva do turismo, permitindo à população afrodescendente o usufruto da sua contribuição cultural à Bahia e efetiva participação na economia da cultura e do turismo. Estamos fazendo isso juntos, governo e sociedade, na Bahia, terra de todos nós.

Domingos Leonelli Netto
Secretário de Turismo do Estado da Bahia





Turismo étnico-afro



É uma marca desta gestão o diálogo amplo com os vários setores da sociedade e a modernização da concepção de turismo em direção à sustentabilidade do setor, além do desenvolvimento de novas estratégias de gerenciamento.

Estes três vetores estão presentes no processo de construção deste documento.

As ideias, avaliações e análises fomentadas no âmbito da Secretaria de Turismo foram sistematizadas e posteriormente apresentadas a diversos segmentos sociais para que, juntos, pudéssemos avaliar e opinar sobre as questões ali delineadas. O efeito dessa ação foi valioso. Recebemos inúmeras contribuições, a maior parte delas incorporada a este documento, quando pertinente, ou encaminhada a outras instâncias.

O resultado desse processo está nas páginas que compõem este Marco Conceitual, passo inicial para as ações da Secretaria de Turismo a serem implementadas através da Coordenação de Turismo Étnico-Afro da Secretaria e da Bahiatursa.

Esperamos em breve poder apresentar o resultado de estudos que acompanharão essa ação inovadora, para confirmar as nossas expectativas de sucesso.

Billy Arquimimo
Coordenador de Turismo Étnico-Afro





Agradecimentos

A Secretaria de Turismo registra e agradece imensamente a colaboração de todos aqueles que participaram dos encontros, debates, entrevistas, reuniões, textos e estudos que subsidiaram a elaboração deste documento.

Alberto Pita
Aldair Roque Assunção Alcântara
Aliomar do Ilê
Amilton Santos
Anjelia Faddoul
Antônio Luiz dos Santos
Carlos Alberto Dias Coelho
Carlos Escorpião
Carmem França
Carmem Gama
Carolina Barbosa dos Santos
Célia Bandeira
Cláudia Alexandra Silva Santos
Cláudia Evangelista dos Santos
Cleydson Sá Barreto do Rosário
Deise Queiroz
Dulce Silva Leno
Eduardo Farina
Edvaldo Sátiro dos Santos
Eliana dos Santos de Jesus
Eugênio S. da Luz
Eurico Alcântara
Evilásio da S. Lucas
Fernanda Antônia
Fernando Guerra

Florivaldo Café
Francisco Argueiro
Marli Carvalho
Genésio O. Filho
George Silva dos Santos
Gilson Costa Babosa
Goya Lopes
Isamar Rita Silva de Oliveira
Izabel Harris
Jailton Bispo dos Santos
Jeziel Silva Santos
João Jorge Rodrigues
Joilson do Desterro Silva
Jorge Bafafé
Jorge Kalile
Joselita Gomes dos Santos
Josevaldo de Souza Santos
Julio Braga
Jurema Monteiro
Justiniana J. dos Santos
Laércio Sacramento
Ligia Carolina dos Santos
Lindinalva N. da Silva
Lindinete P. do Nascimento
Lourdes Pinto
Lucia Aquino Queiroz
Luiz Carlos Café da Silva
Manoel Passos R. Ferreira
Márcia Maria de Souza
Márcia Novais
Marcos Luis F. Santos
Marcos Rezende
Maria Clarice dos Santos

Maria Dias Conceição
Maria do Carmo B. Pita
Maria Luiza de Barros
Mário Nelson Carvalho
Marrom Maneiro (Jorge Bonfim S. Silva)
Mateus Aleluia
Miguel Arcanjo
Mônica Kalile
Nadinho do Congo
Neguinho do Samba
Nelson Mendes
Neto Bala
Nilzete dos Santos
Oscar Dourado
Paulo Carvalho
Paulo Ricardo dos S. Costa
Paulo Rogério Nunes
Rosana França
Ruybela Cartedo
Soraia Oliveira
Steve Spencer
Tereza Burmeister
Tonho Matéria
Ubirací Oliveira
Uiliam Coelho Santos
Vagner Jesus dos Santos
Valcírnia Santana de Jesus
Valdeci Teixeira Barbosa
Valter Hugo
Vandete Capinan
Victor Santana dos Prazeres
Vivian Caroline
Wellington R. Dourado





Marco Conceitual



Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), o turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos aos daqueles em que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.

As segmentações no campo, como estratégia de organização do turismo para fins de planejamento, gestão e mercado, têm sido uma tendência mundial. A partir dessa estratégia, o turismo cultural foi dividido em diversos segmentos; entre eles encontra-se o turismo étnico.

De acordo com os marcos conceituais¹ definidos pelo Ministério do Turismo:


“O turismo étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados. O turismo étnico envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas, e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores em seu modo de vida, saberes e fazeres.”

A definição de turismo étnico é recente para fins de normatização institucional. No caso específico da Bahia, com a sua grande diversidade cultural, a aplicação dessa estratégia pode se dar em duas vertentes principais: o turismo étnico-afro e o turismo étnico-indígena.

Considerando a preponderância e a representatividade étnico-racial da herança africana e a preservação dos modos de vida e da identidade cultural, este segmento tem-se apresentado como ponta-de-lança do turismo étnico no estado.

¹ BRASIL, MTur. Segmentação do Turismo. Marcos Conceituais. Brasília: MTur, 2006.





Para fins turísticos, a matriz afro tem alcançado crescente visibilidade no que diz respeito à imagem institucional. Se por um lado esta prática reflete força, valor cultural e orgulho para o estado, por outro exerce fascínio no imaginário nacional e internacional por consolidar a ideia de que a Bahia é um território que preserva e celebra essa identidade, baseada na herança e miscigenação das culturas do europeu, do índio e, sobretudo, do africano.

Na prática, essa imagem está associada à oferta de produtos e atrações turísticas na capital baiana, a cidade de Salvador, e no Recôncavo, especialmente nas cidades de Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Maragogipe e São Francisco do Conde. Nesses destinos, os roteiros turísticos privilegiam os aspectos históricos, sociais, culturais e antropológicos vinculados à migração de diversos grupos étnicos, com destaque especial para os originários do continente africano, cujos fluxos migratórios datam do período colonial.

As referências culturais de matriz africana aparecem, ainda, na Chapada Diamantina e no litoral baiano, áreas de grande presença de populações remanescentes de quilombos, que manifestam uma cultura fortemente marcada pela herança africana.

A atividade turística nesses roteiros, portanto, está intimamente ligada às identidades culturais representativas de grupos étnicos. Para além da sua identificação cultural, essas comunidades oferecem contato próximo com o visitante e a possibilidade do visitante participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares, contemplando assim a proposta de segmentação definida pelo Ministério do Turismo.

Entretanto, o Estado da Bahia, através da Secretaria de Turismo, não reconhece nesse segmento apenas a possibilidade de promoção turística. Trata-se, na verdade, de uma via pela qual se pode impulsionar o crescimento econômico e social das comunidades afrodescendentes, historicamente excluídas dos benefícios gerados pelo turismo, que elas tanto ajudam a desenvolver.

Segundo o Relatório Turismo no Brasil², a avaliação das últimas décadas nos leva a concluir que, no que diz respeito ao turismo étnico, o Estado brasileiro exerce pouca ou nenhuma governança. Agora, no estado da Bahia, algumas ações e intenções podem modificar o entendimento acerca da situação do turismo étnico.

Para melhor avaliar as potencialidades do turismo étnico na Bahia, a Secretaria de Turismo utilizou-se de alguns instrumentos, dentre eles:

- Pesquisas em instituições acadêmicas, principalmente ligadas à Ufba e à Uneb, bem como publicações socioantropológicas, literárias e artísticas.
- A vasta produção artística e artesanal, somada às manifestações culturais e folclóricas tradicionais, que se tem configurado em base para a criação

² BRASIL, MTur. Turismo no Brasil – 2007 a 2010. Brasília: MTur, 2006.

e reinvenção dessas expressões. A partir da década de 1970, como exemplo, os blocos afros, o surgimento do samba-reggae, a ampliação da projeção internacional de cantores e compositores negros, bem como a revalorização do samba e da capoeira, suas vertentes e ramificações.

- O registro dessas manifestações em mídia audiovisual permitiu a geração de um mercado singular e atraente pelas suas diversas linguagens e possibilidades de diálogos criativos com outras culturas e consumidores.
- Surgimento, ainda que incipiente, de organizações empresariais que buscam o desenvolvimento de produtos industriais com identidade cultural e valor agregado que têm o turista como público-alvo. Tem-se, nesse caso, a etnicidade como valor e a herança africana como expressão. Como exemplo, é possível indicar a marca Didara, de propriedade da *designer* Goya Lopes, e ainda as criações da estilista Márcia Ganem, bem como a produção de moda e objetos de adorno, de grupos culturais como o Olodum, Ilê Aiyê, Filhos do Congo, Malê Debalê e muitos outros.
- A realização de grandes eventos governamentais, culturais e científicos relacionados à Diáspora Africana (CIAD e Encontro de Intelectuais Negros, Congresso Mundial de Capoeira).
- A existência de iniciativas em sítios naturais e culturais que já recebem de forma improvisada turistas com interesse étnico-racial, a exemplo da Nossa Senhora da Irmandade da Boa Morte, Bembé de Santo Amaro, do Corredor Cultural do Curuzu, de Ilha de Maré e Rio de Contas, com remanescentes de quilombos, bem como dos marcos históricos da cidade de Cachoeira e outras do Recôncavo.
- Nesses mesmos sítios de iniciativas culturais e religiosas temos constatado experiências de hospedagens familiares nas comunidades e geração de emprego e renda, podendo citar, como exemplo, o Instituto Oyá, a Associação de Capoeira Mangangá, o Bloco Afro Ilê Aiyê, o Terreiro do Bogum, Terreiro Ajagunã e muitos outros.
- Os registros de iniciativas e esforços já desenvolvidos na tentativa de atrair o turista afro-americano, como a experiência realizada pelo projeto da empresa norte-americana Avocet Travel.

O panorama estabelecido até aqui permite visualizar um quadro, não tão novo, em que o turismo étnico voltado para a matriz cultural afro foi se estabelecendo como um segmento possível para a Bahia, embora tenha uma dimensão limitada e seja pouco trabalhado empresarialmente.

No sentido de desenvolver o segmento turismo étnico-afro “como uma atividade econômica sustentável, com papel relevante na geração de empregos e ingresso de divisas, proporcionando a inclusão social”, o Governo da Bahia, através da Secretaria de Turismo, realizou diversos encontros, debates e seminários com as comunidades afrodescendentes, entidades representativas da cultura de herança africana na Bahia, além de intelectuais, antropólogos e etnólogos, pesquisadores e estudiosos da chamada ancestralidade africana.





*Artesã na Feira de São Joaquim,
em Salvador*

A partir das propostas coletadas e dos estudos empreendidos, foram estabelecidos seis eixos estruturantes de ação: mercado, produto, promoção, qualificação, investimentos e providências operacionais.

Os dados produzidos até o momento, tanto no âmbito governamental quanto no empresarial, não mensuram com precisão o universo étnico dos turistas que visitam o estado da Bahia movidos por interesse étnico-afro.

Entretanto, mesmo com a lacuna relacionada à pesquisa, é possível fazer uma projeção qualitativa mínima do perfil do turista afro-americano e do mercado que este visitante constitui. A partir de uma série de entrevistas empíricas com gestores governamentais, trabalhadores e empregadores que atuam no setor, foi possível obter informações que permitem desenhar o mercado para o qual essa ação será dirigida:

- O público-alvo do turismo étnico-afro na Bahia é, principalmente, o afro-americano;
- A entrada desse turista no país se dá via São Paulo e Rio de Janeiro, ou direto a Salvador via Miami (este último, fruto da prospecção do governo baiano para efetivar o turismo étnico-afro no estado);
- O turista permanece, em média, de quatro a sete dias na Bahia;

- Os pacotes custam, em média, US\$1.100;
- O maior fluxo de afro-americanos concentra-se no mês de agosto, em decorrência da Festa da Boa Morte; nesse período, a cidade de Cachoeira recebe, em média, 300 turistas, com permanência de um dia na cidade;
- A hospitalidade do povo baiano e os eventos da cultura local, assim como artes plásticas, couros, pedras preciosas e semipreciosas são os principais atrativos desse público;
- Além dos vínculos subjetivos e identitários que o turista afro-americano deseja ativar, há também a preocupação com a distribuição de renda gerada. Verifica-se, por parte dos turistas afrodescendentes, uma preocupação com a participação da comunidade afro-baiana na gestão e nos lucros provenientes do turismo.

Para atender às especificidades desse mercado, a Secretaria de Turismo e a Bahiatursa estão desenvolvendo pesquisas que orientem suas ações em médio e longo prazos. Entretanto, pelos estudos já realizados, é possível trabalhar alguns produtos a partir da identificação de circuitos e roteiros turísticos e da elaboração de um calendário específico de interesse do turista afrodescendente, como veremos na parte final desta publicação.

Com base nos dados oficiais do Censo Norte-Americano de 2000, a Setur e a Bahiatursa têm concentrado os investimentos dessa área nos locais de interesse dos principais mercados emissores de turistas afro-americanos: as cidades de Nova York, Chicago, Detroit, Filadélfia, Houston, Baltimore e Los Angeles.

O conhecimento das áreas de maior concentração de afro-americanos é tão importante quanto as cidades e regiões das quais sairão voos para Salvador. Nesse sentido, estão sendo priorizadas as seguintes ações: divulgação da *mídia* afrodescendente no Brasil e nos EUA; participação em eventos e promoção de campanhas publicitárias; e a criação de uma rede de relacionamento estrangeira.

A implementação dessas estratégias possibilita a difusão do conceito de turismo étnico-afro como nicho de mercado privilegiado do turismo cultural, passando a integrar a promoção do Estado da Bahia como um destino preferencial, tanto no segmento como um todo, quanto especificamente nesse nicho.

Em outra ponta, a Setur e a Bahiatursa vêm atuando na qualificação profissional, beneficiando os participantes dessa cadeia produtiva que envolve turistas, parceiros, trabalhadores e empregadores. Esta ação atende especialmente aos trabalhadores do setor, que têm, ao mesmo tempo, na qualificação, um fator de redução de risco de desemprego e uma estratégia que possibilita tanto a inserção quanto a permanência no mercado de trabalho e abertura de novas frentes de ocupação.

Para potencializar esse segmento turístico no estado da Bahia, portanto, o Programa de Turismo Étnico desenvolvido pela Setur procura contemplar todas as dimensões, sejam elas, turísticas, sociais, históricas e culturais específicas, tendo sempre no horizonte a integração econômica da população afrodescendente na geração de emprego e renda proporcionada pelo turismo.



Sumário

25	Introdução	71	Festas religiosas e populares
31	Os africanos na Bahia	71	Festa da Boa Morte
32	Principais grupos étnicos	72	Congada
33	Civilizações sudanesas	72	Lindro Amor
34	Civilizações bantus	73	Nego Fugido
34	Civilizações islamizadas	74	Zambiapunga
37	Religiões de matriz africana	74	Bembé do Mercado
37	Irmandades negras	77	Cultura de matriz africana
39	Candomblés da Bahia	77	A língua
41	Religião anímica e ecológica	78	Música
42	As folhas sagradas	78	Batucada
43	Principais rituais	78	Samba
49	Principais cerimônias	79	Samba-reggae
51	As casas-de-santo da Bahia	80	Axé music
52	A mulher no candomblé da Bahia	80	Instrumentos musicais
53	Origens do candomblé no Brasil	80	Tambor
55	O Terreiro da Casa Branca	81	Berimbau
56	As nações no candomblé da Bahia	81	Agogô
56	Nação Ketu-nagô	81	Capoeira
59	Nação Ijexá	82	Forte da Capoeira
59	Nação Jeje	83	Afoxé
62	Nação Angola	83	A baiana do acarajé
63	Nação Caboclo	83	O ofício
65	Sociedade dos Eguns	84	A roupa
67	Sincretismo religioso	84	Mercados populares
68	Símbolos da religiosidade africana	85	A Feira de São Joaquim



86	Mercado Modelo	110	Associação Cultural Ilê Aiyê
87	Danças	112	Carlinhos Brown e o Candyall Guetho Square
87	Maculelê	112	Muzenza
87	Samba-de-roda	113	Os Negões
88	Artesanato	113	Cortejo Afro
88	Estética negra	114	Filhos de Gandhi
89	Gastronomia de matriz africana	114	Filhos do Congo
89	O dendê	114	Ara Ketu
89	Culinária afro-baiana	116	Malê Debalê
91	Os quilombos	116	Associação Cultural de Capoeira Mangangá
91	Principais quilombos da Bahia	117	Projeto Axé
92	Baía de Todos-os-Santos	119	Segmento étnico-afro no turismo da Bahia
92	Chapada Diamantina	119	Circuitos turísticos
92	Costa do Dendê	121	Salvador
93	Rebeliões escravas	122	Recôncavo Baiano
93	Revolta dos Búzios	122	Chapada Diamantina
94	Revolta dos Malês	122	Costa do Dendê
95	Heroica Resistência	123	Roteiros existentes e propostos
101	A cultura negra e o turismo	123	Roteiros já existentes
102	Pensadores da alma negra da Bahia	127	Roteiros sugeridos
107	Resistência cultural	132	Conteúdos temáticos para elaboração de roteiros
108	O negro nos currículos escolares	137	Dia-a-Dia da Negra Bahia
108	Grupos culturais	145	Depoimentos
108	Grupo Cultural Olodum	150	Referências





Introdução



Entre os séculos XVI e XIX, milhões de escravos vindos de várias partes da costa africana chegaram ao Brasil, tanto pelo tráfico legal, como através de contrabando. Na Bahia, segundo o etnólogo, Pierre Verger³, o tráfico de escravos pode ser dividido em quatro períodos.

O primeiro ciclo, conhecido como ciclo de Guiné, ocorreu na segunda metade do século XVI e recebeu essa denominação em função da rota do tráfico, que partia da costa oeste da África ao norte do Equador. Também conhecida como Guiné Portuguesa ou Costa da Malagueta, como denomina o etnólogo Edison Carneiro, a região abrange a área que hoje vai do Senegal, ao norte, a Serra Leoa, ao sul.

Segundo Verger, calcula-se que nesse ciclo tenham chegado ao Brasil entre 50 e 100 mil africanos. Na Bahia, esse ciclo foi pouco representativo. O número estimado de africanos é de sete mil, em sua maioria pertencentes a etnias sudanesas.


O segundo ciclo, o de Angola e Congo, mas que abrange também os africanos da chamada Contra-Costa (Moçambique), tem início por volta de 1580, mas estende-se até o final de século XVII. O número de africanos dessa região que chegou ao Brasil é estimado em 600 mil. Na Bahia, não se sabe ao certo o número de escravos que veio dessa parte do continente africano. Entretanto, pela grande quantidade de navios negreiros que aportaram aqui nessa época, presume-se que tenha chegado um número significativo de escravos.

O certo é que a maioria deles foi levada para trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar, instalados na região do Recôncavo. Além de angolas e congos, vieram também, nesse ciclo, escravos oriundos de Moçambique, todos eles do ramo étnico bantu.

No final do século XVII, uma grande epidemia de varíola, registrada em Angola, provocou uma nova mudança na rota do tráfico negreiro para o Brasil.

³ VERGER, Pierre. Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. Salvador: Corrupio, 2002.





O receio de contrair a doença fez com que os traficantes voltassem a buscar escravos na região mais acima, onde hoje se situa Gana e a costa do Golfo da Guiné. Este ciclo, denominado de Costa da Mina, perdurou por dois terços do século XVIII. Dessa região da costa africana, calcula-se que tenham vindo para ao Brasil cerca de 1,3 milhão de escravos, a maioria de etnias sudanesas. A denominação Costa da Mina refere-se, segundo Verger, à dependência do tráfico português ao castelo São Jorge da Mina, uma fortaleza que servia de entreposto para os traficantes, onde os escravos eram trocados por barras de ferro, ouro e fumo.

O último ciclo, o da Baía de Benin, ocorreu entre 1770 e 1850, incluindo aí o tráfico clandestino. Neste período, a forte presença da etnia iorubá passa a ser representativa, principalmente na Bahia, onde, desde o ciclo anterior, são encontrados daomeanos, tratados no Brasil pela denominação de jejes, haussás, provenientes do interior do Sudão islamizado, e, sobretudo, os nagôs-iorubás.

Os grandes centros importadores de escravos do país foram Salvador e depois o Rio de Janeiro. Cada um deles tinha sua organização própria e os dois concorriam entre si. O fumo produzido no Recôncavo Baiano era uma valiosa moeda de troca, o que garantiu sua supremacia durante os primeiros séculos de colonização. À medida que o eixo econômico desviou-se para o sudeste com a descoberta de ouro em Minas Gerais, o Rio de Janeiro suplantou a Bahia e se firmou com o crescimento urbano da cidade no século XIX.

De acordo com Boris Fausto⁴, os povos africanos que vieram para o Brasil podem ser divididos em dois grandes ramos étnicos: os sudaneses, predominantes na África ocidental, Sudão egípcio e na costa dos golfos da Guiné e do Benin, e os bantus, da África equatorial e tropical, da parte sul do Golfo da Guiné, do Congo, Angola e Moçambique.

Entretanto, deve-se levar em consideração que os negros escravizados no Brasil provinham de muitas tribos ou reinos, cada um deles com culturas próprias. Os iorubás, jejes, tapas, haussás, por exemplo, eram do ramo sudanês, enquanto os angolas, bengalas, monjolos e moçambiques pertenciam ao ramo étnico bantu.

Essa diferença cultural não pode deixar de ser mencionada, principalmente, quando se pensa na diferença de influências culturais exercidas por esses diversos povos negros na vida e cultura brasileiras.

Na Bahia, a forte predominância da cultura das comunidades provenientes do Golfo de Benin é muito mais visível na capital, Salvador, região do Recôncavo e em parte da faixa litorânea do estado. Os elementos da cultura iorubá estão presentes no culto aos orixás, semelhante aos dos atuais habitantes do sul do Daomé e sudoeste da Nigéria, e também na comida típica baiana, que ainda leva nomes pertencentes ao vocabulário iorubá e daomeano, como observa Verger.

Para Verger, a forte predominância da cultura dos povos iorubás pode ser explicada por dois fatores. Primeiro, pela chegada mais recente e maciça desses

⁴ FAUSTO, Boris. História da Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.




povos na Bahia. O outro fator, de acordo com o etnólogo, leva em consideração a forte resistência cultural desses povos. Entre os iorubás, vieram numerosos prisioneiros de guerra, advindos de classe social elevada, além de sacerdotes conscientes do valor de suas instituições, fortemente ligados aos preceitos de sua religião. Entretanto, não podemos reduzir demasiadamente a influência dos povos bantus na cultura baiana.

A influência dos bantus pode ser mais percebida em outras partes da Bahia, mas aparece com muita força na língua portuguesa, na música e na culinária típica do Recôncavo Baiano.

Misturada aos elementos da cultura indígena e europeia, a herança trazida pelas diversas etnias africanas transformou a Bahia em um lugar mágico, místico e envolvente. Aliado às belezas naturais, esse caldeirão cultural é, sem dúvida, a principal atração turística da Bahia.

*Apresentação de bandas populares
no Carnaval do Pelourinho, Centro
Histórico de Salvador*





Nesse sentido, esta publicação tem como objetivo identificar e destacar as contribuições que os povos africanos nos legaram e apresentar propostas para a criação de circuitos e roteiros turísticos que contemplem a demanda dos turistas interessados no segmento étnico-afro.

O trabalho está estruturado em 14 capítulos. Após esta Introdução, iniciamos o segundo capítulo, *Os Africanos da Bahia*, estabelecendo as características mais marcantes dos principais grupos étnicos africanos que vieram para a Bahia.

Na sequência, abordamos, no terceiro capítulo, as *Religiões de Matriz Africana*, com destaque para o candomblé e suas variações a partir da origem dos grupos étnicos. O quarto capítulo é dedicado às *Festas Religiosas e Populares*, incluindo a *Festa da Irmandade da Boa Morte*, de Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano, e manifestações populares, como Bembé do Mercado, Congada e Zambiapunga.

O quinto capítulo é destinado à abordagem da *Cultura de Matriz Africana*, com enfoque na língua, música, capoeira, dança, artesanato e na nova estética negra. O sexto capítulo é dedicado aos quilombos e às atuais comunidades quilombolas remanescentes da Bahia.

No sétimo capítulo, *Rebeliões Escravas*, abordamos as duas principais rebeliões escravas ocorridas na Bahia: a Revolta dos Búzios e a Revolta dos Malês. O palco dessas duas rebeliões, que se constituem em fortes elementos na composição de roteiro turístico temático, é o Centro Antigo de Salvador. Da mesma forma, no capítulo seguinte, *Heroica Resistência*, destacamos os grandes personagens da história do povo negro da Bahia, pessoas que se rebelaram, lutaram e comandaram movimentos contra a escravidão e a opressão da população afrodescendente.

O nono capítulo é dedicado à relação entre a cultura de matriz africana e o turismo, enquanto no capítulo seguinte são abordados os movimentos recentes de resistência cultural. Aqui, destacamos o trabalho desenvolvido por grupos sociais para elevar a autoestima de crianças, adolescentes e jovens afrodescendentes e resgatar e valorizar a cultura dos seus ancestrais, a exemplo do Grupo Cultural Olodum e do Ilê Aiyê, dentre outros. Com a finalidade de contextualizar o mosaico atual da religiosidade dos afrodescendentes baianos, no décimo primeiro capítulo destacamos as religiões de matriz judaico-cristãs.

Nos dois capítulos seguintes, apresentamos propostas para a criação de circuitos e roteiros turísticos específicos para o visitante interessado no turismo étnico, além do calendário Dia-a-Dia da Negra Bahia, que destaca eventos, festas, festivais e datas importantes das comunidades afrodescendentes da Bahia. Por fim, no último capítulo, reproduzimos depoimentos de turistas desse segmento sobre a Bahia como destino turístico de afrodescendentes.

Ao lado, vários instrumentos de percussão, pandeiros, atabaques, caxixis e tamborins, comercializados nos mercados e feiras populares em toda a Bahia





Os africanos da Bahia



A identidade coletiva nas sociedades da África ocidental do período colonial, segundo o antropólogo Luis Nicolau Parés⁵, era multidimensional e estava articulada em diversos níveis: étnico, religioso, territorial, linguístico e político.

No nível étnico, as identidades do grupo decorriam do vínculo de parentesco das corporações familiares, que reconheciam uma ancestralidade comum, e também da atividade religiosa, relacionada com o culto de determinados ancestrais ou de outras entidades espirituais. Esses vínculos eram, por excelência, determinantes da identidade étnica ou comunitária e podiam ser identificados através de uma série de marcas físicas no rosto ou em outras partes do corpo dos membros de um grupo.

A cidade ou o território e a língua também eram importantes fatores determinantes de identidades grupais, uma vez que o nome das cidades ou territórios era incorporado ao nome dos seus habitantes. Já o que se pode chamar de identidades “nacionais” era determinado pelas alianças políticas e dependências tributárias, estabelecidas por algumas monarquias.

Essa diversidade de identidades coletivas, no entanto, estava sujeita às transformações históricas, em função de alianças matrimoniais, guerras, migrações, agregações de linhagem escrava, apropriação de cultos religiosos estrangeiros ou mudanças políticas.

Em muitos casos, as denominações de certos grupos eram criadas por povos vizinhos ou poderes externos, sendo depois apropriadas pelos próprios membros dos grupos assim designados. A imposição dessas denominações externas muitas vezes incluía uma pluralidade de grupos originalmente heterogêneos.

Por isso, devemos levar em consideração que as denominações étnicas dos povos africanos, como as conhecemos hoje no Brasil, podem se referir aos pontos de embarque de escravos, reinos, etnias, ilhas ou cidades, que eram utilizadas

⁵ PARÉS, Luis Nicolau. A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

Ao lado, grupo de capoeira de Angola, em Valença





Cerimônia religiosa de Ogum em Terreiro de Candomblé

pelos traficantes de escravos para servir aos seus interesses administrativos ou de controle. Termos étnicos como nagôs, jejes, angolas, congos e fulas, por exemplo, foram identidades criadas pelos traficantes de escravos e designavam um leque de tribos escravizadas de cada região do continente.

Principais grupos étnicos

Os africanos que vieram escravizados para a Bahia pertenciam a três grandes grupos: civilização sudanesa, civilização bantu e civilizações africanas islamizadas. Essas civilizações abrangiam diversos grupos étnicos que, por sua vez, englobavam tribos distintas que falavam a mesma língua, ou corruptelas delas, e professavam a mesma religião, mas com pequenas características peculiares. No candomblé, essas tribos são denominadas de nações.

O conceito de nação no candomblé, segundo o antropólogo Vivaldo da Costa Lima⁶, tem significado de ordem religiosa e é utilizado para distinguir a procedência dos rituais religiosos. Trata-se, portanto, do conjunto próprio de rituais de cada um dos povos africanos, o que, no Brasil, determina o tipo de candomblé e a sua procedência.

⁶ COSTA LIMA, Vivaldo da. A Família-de-Santo nos Candomblés Jejes-nagô da Bahia. Um estudo de relações intragrúpicos. Salvador: Corrupio, 2003.

Civilizações sudanesas

Na Bahia, a civilização sudanesa é representada principalmente pelos grupos étnicos iorubás, conhecidos no Brasil como nagôs, e pelos daomeanos, denominados jejes. No candomblé, esses dois grupos são reconhecidos como Nação Ketu-nagô e Nação Jeje.

Iorubás (nagôs)

O ramo étnico iorubá abrange diversos povos, sendo os mais conhecidos os nagôs e os negros provenientes do Reino de Ketu, onde hoje se localiza Gana e Nigéria. O grupo étnico nagô é originário da região de Egbado, próxima do Rio Oyó, na Nigéria, mas que migrou e se disseminou por várias partes do Reino de Daomé, atual Benin. No Brasil, recebeu a denominação genérica de nagô. Segundo Verger, o etnônimo foi dado aos iorubanos pelos franceses que, na altura do terceiro ciclo do tráfico de escravos, ocupavam o Reino de Daomé. No candomblé, o ritual adotado por eles é chamado Candomblé de Nação Ketu-Nagô.

Os grupos mais representativo dos iorubás na Bahia são:

- Iorubá (Reino de Oyó)
- Ketu (Reino de Ketu)
- Nagôs (Região de Egbá e Egbado)
- Ijexá (Região de Ilesa)

Daomeanos (jejes)

O termo jeje é etnônimo de vários povos que habitavam o Reino de Daomé, hoje República do Benin. São também conhecidos como daomeanos. Como os nagôs-iorubás, o povo jeje é originário do ramo étnico sudanês, predominante na África ocidental. Eram grandes conquistadores e muito temidos pelos povos dominados. A fama de guerreiros implacáveis foi tão disseminada que acabou por distorcer, segundo o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, o significado da palavra iorubá *djedje* (jeje). Originalmente, o termo designava estrangeiro, forasteiro, estranho, mas ganhou conotação pejorativa de 'inimigo', por parte dos conquistados. O etnônimo chegou ao Brasil, de acordo com o antropólogo, através dos nagôs, que quando avistavam um daomeano gritavam: "*Pou okan, djedje hum wa!*" (Olhem os jejes estão chegando!). Essa versão, porém, é contestada pelo antropólogo Luis Nicolau Parés, que defende que o termo jeje provém do termo Gbe, utilizado para designar o vocabulário compartilhado pelos povos que falam a língua da região setentrional do continente africano. Segundo ele, o termo aparece usualmente em documentos na Nigéria e no Benin. Entretanto, em função da alcunha, o grupo de daomeanos e, por extensão, o culto religioso praticado por eles, ficou conhecido no Brasil como de Nação Jeje.

Os grupos mais representativos dos jejes (daomeanos) na Bahia são:

- Fon (região sul do Reino de Daomé)
- Éwé (região da Volta do Reino de Daomé)
- Fanti (região costeira, hoje o sul de Gana)
- Ashanti (região Axânti, hoje em Gana)



Civilizações bantus

Os africanos de origem bantu chegaram à Bahia provenientes do Reino do Congo, região hoje ocupada por Angola e República Democrática do Congo, ex-Zaire, e também da chamada contra-costa, especificamente da região em que, atualmente, se localiza Moçambique. Eram facilmente reconhecidos pela maneira diferente de falar, cantar e percutir os tambores. Na Bahia, foram chamados de angolas e sua religião Nação Angola-Congo.

Os grupos mais representativos dos bantus na Bahia são:

- Angola (ambundas, cassanges e bangalas, região de Luanda)
- Congo (kicongos, região norte de Angola e do Congo)
- Benguelas (região da província de Benguela, em Angola)
- Cabinda (região do enclave de Cabinda, entre Angola e o Congo)
- Mocambiques (macuas e angicos, etnias da região de Mocambique)

Civilizações islamizadas

Em menor número, os africanos dessas civilizações que vieram para a Bahia eram considerados de nível cultural elevado. A maioria sabia ler e escrever e, assim, disseminava a sua fé no Islã. Ficaram conhecidos na Bahia como malês, embora o termo designasse qualquer africano mulçumano. Segundo Verger, a denominação tem origem na expressão iorubá Imale, que designa Islã ou mulçumano. Foram os malês que desencadearam na Bahia uma das principais rebeliões escravas do século XIX, a Revolta dos Malês. Provenientes da região do Sudão, Costa do Marfim e Chade, esses africanos ocupavam o território iorubá quando foram escravizados.

Os grupos mais representativos dos grupos islâmicos na Bahia são:

- Haussá (região de Sahel, norte da Nigéria e sudoeste de Níger)
- Fula (ou Falani, região norte da Nigéria)
- Mandinga (norte da Guiné Bissau)
- Tapa (ou nupes, oeste de Níger)

*Ao lado, comerciante de verduras
na Feira de São Joaquim*





Religiões de matriz africana



As religiões de matriz africana sofreram toda sorte de discriminação e perseguição, inclusive policial. No Brasil, elas se integraram ao catolicismo, ampliando e oferecendo novas formas de cultuar as divindades, como observa Lody⁷. Ainda hoje, nove religiões de matriz africana resistem no Brasil. Na Bahia, encontramos três delas: candomblé, umbanda e jarê.

A mais disseminada, porém, é sem dúvida, o candomblé.

As primeiras manifestações religiosas dos africanos na Bahia receberam a denominação de *calundu*. De acordo com a etnolinguista Yeda Pessoa de Castro⁸, o vocábulo de língua bantu foi registrado no século XVII, na poesia de Gregório de Matos, e na sua acepção original significa “obedecer a um mandamento, realizar um culto, invocando os espíritos, com música e dança”.

No Brasil e, especialmente na Bahia, segundo Câmara Cascudo⁹, a palavra adquiriu duplo sentido em função do espírito ancestral dos africanos de origem bantu, o *kialundu*, mais particularmente ao aspecto carrancudo e mal-humorado no rosto e no comportamento daqueles que, em transe, eram possuídos pela divindade. Por isso, a expressão ‘no calundu’ ou ‘de calundu’ passou a designar, num primeiro momento, a tristeza dos escravos e, posteriormente, ao estado, à condição de estar zangado, agressivo, de mau humor.

Irmandades negras

Na impossibilidade de manifestar publicamente suas religiões, os africanos buscaram demonstrar sua fé através de vários expedientes. Enquanto uns optaram por praticá-la às escondidas e de forma camuflada, a exemplo do que se chamava de *calundu*, outros elegeram o culto a santos negros da Igreja Católica.


⁷ LODY, Raul. Atlas Afro-brasileiro: Cultura Popular. Salvador: Edições Maianga, 2006.

⁸ CASTRO, Yeda Pessoa de, Falares Africanos na Bahia - um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / TopBooks, 2001.

⁹ CASCUDO, Luís da Câmara - Dicionário do Folclore Brasileiro, São Paulo: Global, 2001.

Comemoração do dia das baianas, no Pelourinho, Salvador, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos





Foi nesse contexto que se inseriu o culto e devoção a Nossa Senhora do Rosário, ou Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, Santo Antônio de Catagirona, Nossa Senhora da Boa Morte, Nosso Senhor dos Martírios, Bom Jesus da Paciência, Senhor da Cruz e Senhor da Redenção.

Esses cultos acabaram por se constituir em associações, denominadas de irmandades. Segundo o historiador João Reis¹⁰, na sua concepção, elas representavam um espaço de relativa autonomia dos africanos, no qual seus membros construíam identidades sociais significativas através de festas, assembleias, eleições, funerais, missas e assistência mútua, no novo território, cuja realidade e perspectiva de futuro eram incertas. Tratava-se de uma espécie de família ritual, em que africanos, transplantados de suas terras para o Brasil, viviam e morriam solidariamente.

Idealizadas pelos brancos, sobretudo pelos jesuítas, como uma estratégia de evangelização, e conseqüentemente de domesticação do africano, essas associações, em um primeiro momento, pretendiam apenas introduzir elementos dos cultos dos africanos na religião dos senhores. Com o tempo, elas passaram a se constituir em instrumento de identidade e solidariedade coletivas.

Por ironia, as irmandades produziram muitos documentos escritos e, desta forma, como refere Reis, homens e mulheres egressos de culturas orais construíram suas identidades, codificaram discursos sobre a diferença, defenderam-se da arrogância dos brancos, deixaram, em síntese, testemunho de uma notável resistência cultural, recriando, dentro das confrarias, as suas identidades étnicas trazidas da África.

Esses tipos de confraria religiosa já existiam em Portugal desde o século XIII e se dividiam em irmandades e ordens terceiras. Estas últimas se diferenciavam das primeiras por se associarem às ordens religiosas conventuais, como os franciscanos, dominicanos, carmelitas. No Brasil, elas começaram formar-se a partir de 1586, por iniciativa dos jesuítas, que fundaram várias irmandades do Rosário nos engenhos de cana-de-açúcar. Segundo Lody, as primeiras irmandades eram compostas exclusivamente por africanos vindos de Angola.

Na Bahia, a primeira irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi fundada em Salvador, em 1685. Posteriormente, já no século XVIII, foram criadas as irmandades do Senhor da Cruz, em 1721; a do Senhor da Redenção, em 1752; e a de São Benedito, em 1777.

Mas até hoje, as mais conhecidas são as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Nossa Senhora da Boa Morte e a de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos (Sociedade Protetora dos Desvalidos).

¹⁰ REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33.

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

Fundada em 1685, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos foi confirmada na Catedral da Sé no mesmo ano. No início do século XVIII, entre 1703 e 1704, os membros da congregação deram início à construção da capela, em terreno cedido pelo governo português, às Portas do Carmo, local onde hoje se encontra o Pelourinho. Mas a capela somente ficou pronta em 1781.

Ao longo do século XIX, inúmeras obras de restauração foram feitas no prédio, que ainda hoje representa um dos principais símbolos da resistência cultural dos afrodescendentes baianos. A irmandade desfrutou de tanto prestígio que foi elevada à categoria de ordem terceira.

A participação das mulheres africanas nessas irmandades foi de fundamental importância. De acordo com Reis, elas ocupavam cargos de juízas, procuradoras encarregadas dos irmãos necessitados, coletoras de esmolas, mordomas, e eram responsáveis pela organização dos festivais anuais nas irmandades.

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte

Em diversas confrarias negras como, por exemplo, a do Rosário, existia uma mesa composta por mulheres e outra mesa composta por homens. Entretanto, com o passar dos anos, as mulheres começaram a fundar irmandades exclusivamente femininas, como a irmandade iorubá da Boa Morte, com sede na Igreja da Barroquinha, no centro de Salvador, logo transferida para o município de Cachoeira.

Fundada há cerca de 150 anos, tinha o objetivo não proclamado de alforriar escravos. Quando se transferiu para Cachoeira, a irmandade mudou a estratégia e, além de tentar libertar escravos por meios legais, passou a dar-lhes fuga, encaminhando-os para o Quilombo do Malaquias, em Terra Vermelha, zona rural da cidade.

Sociedade Protetora dos Desvalidos

O movimento ideológico que passou a fundamentar as atribuições políticas das irmandades negras no século XIX envolveu, principalmente, a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos. Segundo Verger, essa irmandade foi fundada por Manoel Victor Serra, escravo de ganho, em 1832, com o objetivo principal de alforriar escravos. Conhecida atualmente como Sociedade Protetora dos Desvalidos, a confraria não tem mais a mesma finalidade, mas ainda hoje funciona no mesmo endereço onde foi fundada: no Terreiro de Jesus, número 17, Cruzeiro de São Francisco.

Candomblés da Bahia

Originária do termo bantu *kandobile*, que significa lugar de culto e oração, segundo o antropólogo Raul Lody¹¹, o candomblé é uma das nove religiões de

¹¹ LODY, Raul. Atlas Afro-brasileiro: Cultura Popular. Salvador: Edições Maianga, 2006.



matriz africana que ainda existem no Brasil. Na Bahia, ela é a mais difundida. Suas raízes, porém, provêm de várias partes da África e, por isso, a religião se expressa de maneira diferente, dependendo do modelo étnico dominante.

A diferença nos ritos e denominações nos cultos, conforme mencionado anteriormente, é chamada de nação. Para agrupar e identificar a nação à qual pertence um candomblé, os estudiosos utilizam o critério do reconhecimento da língua falada pelos adeptos. São os termos religiosos, os nomes gerais dos alimentos, roupas e deuses, os cânticos e rituais, que indicam a procedência do candomblé.

Na Bahia, o candomblé é a religião professada e praticada por três nações: ketu/nagô (iorubá); angola/congo (bantu) e jeje (fon/ewê), além do candomblé de caboclo, considerado o candomblé de origem brasileira, por cultuar divindades indígenas.

Cada uma delas possui características próprias, que as diferenciam das demais. Entretanto, seja qual for a sua nação de origem, o candomblé terá sempre como base a natureza e os elementos terra, fogo, água e ar, além de um rico conjunto de saberes que vão da culinária à botânica, passando pelo artesanato, dança, música e língua, além de outros símbolos que compõem este sistema de fé, devoção e expressões do sagrado, como refere Lody.

O candomblé não deve ser confundido com umbanda, macumba ou outras religiões afro-brasileiras, nem com as religiões afro-americanas, similares de outros países, como o vodou haitiano, a santeria cubana, e o obeah, de Trinidad e Tobago.

*Terreiro de Candomblé Ilê Asé Ôpó
Aganjú, em Lauro de Freitas*



Religião anímica e ecológica

O candomblé tem por base a ânima (alma) da natureza. Por isso, é considerada uma religião anímica e também ecológica. O objetivo do culto é o equilíbrio entre o ser humano e as divindades.

O espaço entre o mundo material (*aiyé*) e o mundo espiritual (*orum*) é ocupado pelos orixás/inquices/voduns. Até chegar a versão professada hoje, a religião, ainda na África, evoluiu em três estágios, como refere o sociólogo Reginaldo Prandi¹². No primeiro, foi conferida vida espiritual aos elementos e manifestações naturais. Assim, uma simples pedra, o sol e os trovões possuem um *animus* (espírito) que lhes dá movimento e humor.

O segundo resulta da associação desses elementos às habilidades e aos ofícios rotineiros do grupo étnico, que são: plantio, cultivo e colheita (ligados a terra, água e sol); olaria (ligada a terra, água e fogo); conhecimento de raízes e ervas medicinais (referente à mata, palmeira e folhas); fabricação de artefatos em metal (com referência ao solo, pedras e fogo); localização de nascentes, pesca e navegação (ligada à água) e caça de animais (referente à mata). Nesse estágio, o *animus* adquire habilidades relacionadas ao seu elemento identificador e isso dá origem a ritos que celebram ou reproduzem o plantio, a caça, a tempestade, o manuseio de ervas, o uso da água, a proteção durante tempestades, a caça, o domínio do fogo e dos metais, dentre outros.

O terceiro estágio se dá com a fusão entre as divindades e os antepassados, os ancestrais que se destacaram nas tribos, sejam como patriarcas, caçadores, reis, oleiros, adivinhos, sacerdotes, mensageiros, ferreiros, pescadores e curandeiros. Esses ancestrais fundiram-se com os orixás ligados a seus ofícios ou saberes específicos.

Quando chegou ao Brasil, esse complexo processo passou a ser lembrado continuamente, tanto através dos ritos quanto pela oralidade. Nesse contexto, os orixás/inquices/voduns tornam-se personagens complexos, que permitem múltiplas classificações, conforme a genealogia, as cores, o gênero, os dias de culto e o cardápio ritualístico.


Entretanto, a maior identificação das divindades está no vínculo de cada uma com a natureza, o que demonstra que o estágio inicial da religião prevaleceu sobre os outros. Com o passar do tempo, essa visão animista não só perdurou, como se tornou mais complexa, consolidando assim a estreita ligação entre religião e natureza.

Em seu conjunto, os orixás/inquices/voduns constituem-se em uma versão mítica da biodiversidade. Para os adeptos do candomblé, preservar a natureza é preservar a religião, e preservar a religião é preservar a natureza, pois é assim que se preserva a vida.

No candomblé da Nação Ketu-Nagô, segundo Verger, existe um provérbio corrente que diz: *kosi ewé, kosi orisa*, ou seja, *sem folha não há vida*. Trata-se, de acordo com esse etnólogo, de um princípio ecológico, terapêutico, e também ético, pois apela à responsabilidade humana pelo meio ambiente.

¹² PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.





O vínculo candomblé e natureza aparece também nos rituais, pois cada orixá/inquice/vodun requer os elementos e o cardápio adequado para exercer sua função e lugar no cosmos. Com isso, o candomblé desenvolveu cuidados litúrgicos, alimentares e terapêuticos próprios, como o cultivo de folhas e ervas, tratamento de grãos, preparo de comidas, higiene no uso ritual de animais, elaboração de receitas curativas e limpeza do templo, dentre outros.

O candomblé praticado na Bahia é monoteísta, embora alguns defendam que os cultos são dirigidos a vários deuses. Para a Nação Ketu-Nagô, o deus supremo é Olorum, enquanto que para os bantus é Zambi, e para os jejes é Mawu. Os orixás/inquices/voduns recebem homenagens regulares, com oferendas, cânticos, danças e roupas especiais. Os orixás da mitologia iorubá foram criados por Olorum. Os voduns da mitologia fon, pelos Mawu, o deus supremo dos fon, e os inquices da mitologia bantu foram criados por Zambi/Zambiapongo, deus supremo e criador.

Os orixás/inquices/voduns têm personalidades individuais, habilidades próprias, preferências rituais, e são conectados a um fenômeno natural específico. Toda pessoa é escolhida no nascimento por um ou mais orixás/inquices/voduns, identificados pela mãe ou pai-de-santo do terreiro ao qual o adepto é vinculado.

Os templos de candomblé são chamados de casas, roças ou terreiros, e a depender da nação, podem ser chamados de barracão ou pela tradução da palavra *casa* na língua da nação. Em iorubá, terreiro é *egbe* e casa é *ilê*. A maioria dos nomes das casas sempre começa por Ilê Axé, que é o mesmo que Casa de Axé, que, por sua vez, pode ser traduzido por energia, poder, força da natureza, poder de realização através de força sobrenatural. Para os jejes, casa é *kwe*, enquanto os angoleiros a chamam de *inso* ou *cazuá*.

As folhas sagradas

A relação das folhas e ervas com o candomblé é tão sagrada quanto a devoção dos seus adeptos às divindades. Como os orixás, inquices e voduns são representações vivas das forças que regem a natureza, as folhas a eles atribuídas, no contexto litúrgico, associam-se, conseqüentemente, a esses elementos.

Para o povo-de-santo, os vegetais, chamados ewé em iorubá, estão classificados em quatro dimensões diretamente relacionadas aos quatro elementos: as ewé afééfé (folhas do ar, do vento); as ewé inón (folhas do fogo), as ewé omi (folhas da água); e as ilé ou ewé igbó (folhas da terra).

Entretanto, outras classificações são feitas para determinar se uma folha é positiva ou negativa; feminina ou masculina; direito ou esquerdo. Na visão de mundo jeje-nagô, por exemplo, direito/masculino/positivo são opostos a esquerdo/feminino/negativo¹³. Portanto, o masculino é positivo e se posiciona do lado direito, enquanto o feminino é negativo e se localiza do lado esquerdo.

¹³ VERGER, Pierre. Ewe – O uso das plantas na sociedade iorubá. Salvador, Corrupio, 1995.



Neste contexto, os compartimentos que contêm as ewé inón (folhas do fogo) e ewé aféfé (folhas do ar) estão associados ao masculino, elementos fecundantes, enquanto que as ewé omi (folhas da água) e as ewé ilè (folhas da terra) ligam-se ao feminino, elementos fecundáveis.

Essas classificações binárias têm o objetivo de buscar o equilíbrio natural. No panteão das religiões de matriz africana encontramos, genericamente, os orixás Exu e Xangô no compartimento fogo, enquanto Ogun, Oxossi, Ossain e Obaluaye estão ligados ao elemento terra. Iemanjá, Oxum, Obá e Nanã são divindades associadas às águas, e Oxalá e Oyá, ao ar.

As folhas e ervas sagradas são utilizadas em rituais litúrgicos e também na cura de males; como afrodisíacos; para trazer sorte ou cortar o azar e tirar mau-olhado, dentre outros empregos.

Principais Rituais

O candomblé caracteriza-se por quatro elementos, como observa Edison Carneiro¹⁴: a possessão pela divindade; o caráter pessoal da divindade; o oráculo e o mensageiro; e as áreas e tipos.

O templo dessa religião é o terreiro, comandado por uma mãe ou pai-de-santo que assume as funções de principal mensageiro dos deuses, com acesso a informações privilegiadas sobre o passado e o futuro dos seus filhos. Sua principal missão é a de manter o culto às divindades chamadas de orixás/

Iaô, filho de Oxalá e ritual de fechamento de terreiro

¹⁴ CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



*Feijoada de Ogum, em
Terreiro de Candomblé*



iniques/voduns, aos quais os terreiros são dedicados, e cumprir a rotina de aconselhamento aos filhos da casa.

Para Roger Bastide, pesquisador do candomblé de Nação Ketu-Nagô, o ponto central do culto aberto ao público é o transe ou, como ele denomina, a crise de possessão. Entretanto, apesar de merecer atenção especial dos pesquisadores e não-iniciados, o transe e o ritual apresentados em festas públicas são apenas uma pequena parte da vida do candomblé. Segundo este estudioso, a religião colore e controla toda a existência dos seus adeptos, que, por sua vez, passam a pertencer a um mundo mental diferente.

No candomblé ketu-nagô os rituais são dedicados especificamente a uma divindade. Para homenageá-la, os adeptos realizam cerimônias próprias, porém ritualisticamente comuns. Geralmente, as festas mais tradicionais começam pela manhã e abrangem várias cerimônias, desde o sacrifício de animais até os ritos de saída do transe, prolongando-se noite adentro¹⁵.

Como a Nação Ketu-Nagô é a mais disseminada na Bahia, vamos nos ater a descrição dos principais rituais e cerimônias desse tipo de candomblé, ressaltando que são pequenas as variações desses rituais e cerimônias realizadas nas demais nações, embora cada uma tenha a sua peculiaridade.

Sacrifício

Esta cerimônia, conforme registra Bastide, é realizada pela manhã e somente os membros das casas podem participar. É comandada pelo *axogun*, que na hierarquia sacerdotal é a pessoa responsável pelo ritual. O objeto do sacrifício é sempre um animal, que muda conforme a divindade à qual é oferecido.

¹⁵ BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

O animal pode ser de dois ou quatro pés, como são identificados nos terreiros; geralmente galinhas, pombos, bodes e carneiros.

O sexo do animal sacrificado é o mesmo da divindade que receberá o sangue derramado. As formas de matar o animal e o instrumento utilizado para este fim podem variar, conforme a nação ou a divindade homenageada. Essas cerimônias, na verdade, envolvem o sacrifício de dois animais. O primeiro sacrifício é sempre dedicado a Exu, o mensageiro, que atua como intermediário entre os deuses e os mortais, pois tem o dom de falar a língua de ambos. Somente depois, o segundo animal é sacrificado e oferecido à divindade homenageada.

Oferenda

O ritual da oferenda acontece à tarde. O animal sacrificado é entregue a iabassê, a pessoa responsável pela cozinha, que prepara o prato preferido do orixá/ inquice/vondun festejado e também de todos os outros deuses chamados no decorrer da cerimônia. Cabe ainda a iabassê alimentar as pedras sagradas. O restante dos alimentos é consumido pelos fiéis e pelas pessoas não-iniciadas que assistem à cerimônia noturna.

Preparo de oferendas na Feira de São Joaquim, em Salvador





Padê de Exu

A cerimônia pública começa ao pôr-do-sol e prolonga-se pela noite. Obrigatoriamente, inicia-se pelo *padê* de Exu, para que este não perturbe e se afaste do local. É desse ritual que provém o termo *despacho*, empregado no lugar de *padê*, que no culto significa “mandar alguém embora”.

O *padê* é celebrado por duas das mais antigas filhas-de-santo da comunidade, chamadas de *dagã* e *sidagã* e coordenada pela mãe ou pai-de-santo, auxiliados por uma *iatebexê*, uma das filhas-de-santo da casa, que não entra em transe, já cumpriu a obrigação de sete anos e tem a incumbência de cuidar de uma divindade.

Ao som de cânticos em língua africana, a cerimônia acontece diante de um copo de água e um prato contendo o alimento de Exu. Esses utensílios são depois descartados em uma encruzilhada, um dos lugares preferidos por essa divindade. O ritual completa-se com uma oração para os mortos ou para os antepassados do candomblé.

Chamado dos deuses

A celebração à divindade homenageada começa com o toque dos tambores, que, como Exu, também fazem a intermediação entre os homens e os deuses. São três os tambores usados nas cerimônias de candomblé e a variação de toques e de nomes depende da nação de procedência. Nas nações de origem sudanesa, eles são tocados com auxílio de *aguidavis* (varetas). Mas o objetivo do toque é sempre o mesmo: clama-se para que as divindades venham da África para o Brasil.

Quando as divindades demoram a se manifestar, a mãe ou pai-de-santo agita o *adjá* (sineta ritual com uma, duas, ou mais campânulas) junto ao ouvido das filhas-de-santo que, a essa altura, já estão dançando no centro do barracão.

Danças preliminares

Junto com o toque dos tambores, as danças preliminares, já acompanhadas por cânticos, têm o objetivo de chamar os deuses. Numa ordem que varia de acordo com a nação de origem do candomblé, os deuses são convocados a participar. No candomblé de Nação Ketu-Nagô, essa ordem sequencial, que vai de Exu a Oxalá, o mais elevado dos orixás, é chamada de *xirê* (brincadeira em iorubá). Cada divindade recebe, pelo menos, três cânticos em sua homenagem.

Os cânticos e danças reproduzem episódios da história dos deuses. Segundo Bastide, são fragmentos de mitos que constituem uma evocação. O mito deve ser representado ao mesmo tempo em que é falado, para adquirir todo o “poder evocador”. Desta forma, os adeptos acreditam que os deuses não tardarão a montar em seus cavalos (indivíduos que recebem o espírito ancestral) para atender ao chamado dos seus filhos.

Quando o transe demora de acontecer, os tambores fazem soar o toque *adarrum*, que chama não apenas uma divindade, mas todas ao mesmo tempo. Esse toque não é acompanhado de cânticos e acontece em ritmo cada vez mais rápido, para que os músculos, as vísceras e a cabeça dos filhos e filhas-de-santo se abram e a divindade possa penetrar.



Cerimônia de Olubajé, em Terreiro de Candomblé

Transe

Produzida a possessão, as *ekedes* retiram do filho ou filha-de-santo em transe peças da indumentária não condizente com a celebração religiosa. Também são tirados os sapatos. Segundo Bastide, trata-se de um gesto altamente simbólico, pois tem o objetivo de despojar o indivíduo da sua personalidade brasileira, para que ele possa retomar a sua condição de africano.

Os sapatos desempenharam um papel importante na vida dos africanos que vieram escravizados para a América, e simbolizaram, durante muito tempo, um sinal da sua libertação. Quando um escravo era alforriado, tratava logo de comprar sapatos para igualar-se aos brancos. Acostumados a andar descalços, geralmente não conseguiam se adaptar aos sapatos, que acabavam pendurados ao pescoço, pelos cadarços, bem à vista de todos.

A intensidade do transe varia de acordo com as circunstâncias, o temperamento do indivíduo e a natureza do deus que o possuiu. Se a forma for muito violenta, o sacerdote ou sacerdotisa coloca a mão na nuca do 'cavalo' para acalmá-lo.

As *ekedes*, então, o auxiliam a deixar o barracão e seguir para o *peji* (quarto onde ficam as representações materiais dos orixás, chamadas de *ibás*). A partir daí, o êxtase adquire uma forma mais branda e o fiel é revestido com roupas litúrgicas e objetos simbólicos da sua divindade.



Apresentação da
dança dos Orixás



Dança dos deuses

Enquanto o fiel possuído é preparado no *peji*, a festa é interrompida por alguns instantes. Nesse intervalo, pode ser oferecido um lanche aos visitantes. Quando os filhos e filhas-de-santo retornam ao salão principal, as danças se modificam, apesar do ritmo da cerimônia se manter o mesmo, com nova evocação às mesmas divindades, na mesma ordem sequencial.

A divindade já incorporada saúda os tambores e o sacerdote ou sacerdotisa da casa, dançando, às vezes, revelando o futuro e aconselhando seus filhos. A essa altura, pode-se facilmente perceber a desejada comunhão dos homens e seus deuses.

Ritos de saída e comunhão

O transe só chega ao fim quando os tambores introduzirem os cânticos de *anunló*, cuja função é mandar embora as divindades. São entoados em ordem inversa das invocações, começando pelas divindades chamadas por último e acabando por aquelas que primeiro foram convocadas.

O último cântico acontece no *peji*, para reafirmar a força mística dos materiais ali mantidos. Ao contrário dos precedentes, este último cântico segue a ordem do *xirê*.

Por fim, é iniciado o ritual da comunhão, quando os filhos e filhas-de-santo oferecem aos membros da confraria e aos demais participantes os alimentos das divindades.¹⁶

¹⁶ As informações sobre os rituais estão contidas em BASTIDE, 2001.

Principais cerimônias

Iniciação

A iniciação é um rito de passagem, uma morte simbólica que transforma um homem comum em um instrumento do orixá, que passa a ser chamado de *elegun*, um *laô*, pessoa sujeita ao transe, pois passa a emprestar seu corpo para que orixá viva entre os mortais, mais uma vez, por um período de horas ou dias. O iniciando passa por ritos complexos de isolamento e segregação, de silêncio absoluto, de tonsura ritual, de sacrifícios de animais, de oferendas de alimentos, de pequenos cortes (cura) para inserção de pós mágicos em seu corpo (cicatrizes sagradas que definem os futuros sacerdotes), simbolizando uma volta ao útero da Mãe Terra, de onde renascerá, não um homem comum, mas o instrumento de um orixá, que por sua boca e seu corpo falará e se manifestará, aumentando assim seu conhecimento e o de todos os outros crentes.

Águas de Oxalá

As Águas de Oxalá é uma festa anual em homenagem a Oxalá. Os filhos-de-santo, trajados de branco, saem em silêncio do terreiro, em procissão, carregando potes e moringas, tendo à frente a *iyalorixá* tocando o seu *ajá*. Trata-se de um ato de respeito, um pedido de perdão pelas injustiças ocorridas com Oxalá, no Reino de seu filho Xangô, como reza a lenda. Na parte externa é feita uma caminhada pelas ruas da cidade. Em Salvador, a procissão segue até a Igreja do Senhor do



*Filho de Oxalá,
cerimônia em terreiro*





Filho de Oxalá e o seu Opaxorô

Bonfim. A homenagem é iniciada através de vários rituais que começam no ano anterior e se concretizam no mês de janeiro, através da lavagem das escadarias da Igreja, em homenagem ao Pai Oxalá, chamada de Lavagem do Bonfim.

Ipeté de Oxum

Ipeté de Oxum ou Peté de Oxum é o nome da comida de Oxum. O mesmo nome foi adotado para a festa que se faz a Oxum, anualmente, em muitas casas de candomblé, em todo Brasil. A festa começa às cinco horas da tarde, com a procissão do peté. Saem todas as filhas de Orixá da casa de Oxum, cada uma com um balaio, uns contendo o peté, com pratos e talheres, outro contendo adun e ekó. Outras ainda carregam cestas de flores ou bandejas com diversas surpresas. Cantam e dançam em Ijexá, enquanto os foguetes explodem. Depois começa o xirê, com a dança da Oxum mais velha. Só quando ela volta a sentar-se é que todas as outras começam a dançar. E assim a festa se prolonga até a meia-noite, quando é encerrada com a roda de praxe, saudando Oduduá, pedindo paz, saúde e tranquilidade de espírito a todos do Axé, adeptos e convidados, para que no próximo ano estejam todos novamente reunidos para as homenagens aos orixás.

Axexê

Cerimônia realizada após o ritual fúnebre (enterro) de uma pessoa iniciada no candomblé. Chamado de última obrigação, este ritual é especial, particular e complexo, pois possibilita desfazer o que havia sido realizado na feitura de santo. É semelhante ao processo iniciático, denominado de sacralização, só o procedimento é invertido e, por isso, é também chamado de dessacralização, no sentido de liberação do orixá protetor do corpo da pessoa.

Com uma navalha, o babalorixá ou a iyalorixá raspa o topo do crânio do morto e retira o Oxu (artefato cônico confeccionado a partir de substância animal, imposto à cabeça do noviço na cerimônia de iniciação), juntamente com todos os pós colocados na sua iniciação. Em seguida, quebra-se um ovo, oferece-se um Obi Obi ritual (fruto de uma palmeira africana aclimatada na Bahia), pintando-o com efun (nome ritual dado à argila branca usada no ritual de iniciação), wáji (nome litúrgico da cor azul-escura) e outras tonalidades, colocando-se um novo Oxu. Um pombo é sacrificado, o sangue que escorre é recolhido em um pedaço de algodão. Parte dos objetos é enrolada em pano branco e colocado na sepultura, e outra é levada para dar início ao ritual do Axexê propriamente dito.

Juntam-se todos os seus pertences pessoais utilizados em sacrifícios e obrigações, como roupas, colares, etc. e se faz uma consulta oracular através dos búzios, para saber qual destino dar aos objetos separadamente. Se o orixá consultado mandar que os objetos fiquem com alguém, estes são lavados com água sagrada e entregues ao(s) herdeiro(s) revelado(s) no oráculo. Em caso negativo, o(s) objeto(s) é(são) separado(s) e colocado(s) em uma trouxa, que será entregue em um local também indicado pelo oráculo.

Olubajé

É o ritual específico para o orixá Obaluaiê, realizado nos terreiros de candomblé para prolongar a vida e trazer saúde a todos os filhos e participantes da casa. No encerramento desse rito, são oferecidas a Obaluaiê, no mínimo, nove iguarias da culinária afro, chamadas de comida-de-santo, servidas em uma folha chamada *ewe ilará*, conhecida popularmente como *mamona assassina*, altamente venenosa, para simbolizar a morte (iku).

Sassayin

Sassayin ou Sasanha é o nome do ritual do candomblé para retirar a energia vital das folhas e extrair o seu sangue (sumo), o sangue de origem vegetal, no sentido de purificar e alimentar os objetos sagrados e o corpo dos iniciados, possibilitando o equilíbrio e a renovação das energias. O ato abrange cânticos e orações para as folhas sagradas. Cada folha tem uma cantiga específica e é reconhecida pelo nome africano (ewé). Seu conteúdo é utilizado, principalmente, na preparação da água sagrada usada na feitura de santo, chamada de *abô*.

As Casas-de-Santo da Bahia

Embora a Nação mais difundida na Bahia seja a Ketu/Nagô, as duas outras mantêm, com bastante rigor, seus rituais originais, apesar de ter a primeira como modelo, uma vez que o Terreiro da Casa Branca, da Nação Ketu/Nagô foi o primeiro terreiro de candomblé do Brasil.

Em Salvador, um estudo publicado em 2008, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), órgão vinculado à Universidade Federal da Bahia (Ufba), e pela Secretaria Municipal de Reparação, denominado *Mapeamento dos terreiros de Salvador*, revelou a existência de 1.410 terreiros de candomblé na cidade.

Desse total, 57,8% se autoidentificam como pertencentes à Nação Ketu-Nagô, enquanto 24,2% à Nação Angola e 2,1% à Nação Jeje. O candomblé da Nação Ijexá, uma variação da Nação Ketu-Nagô, foi identificado em 1,3% das casas. Os demais terreiros professam uma mistura dessas quatro nações.

Além de serem majoritariamente liderados por mulheres negras, os candomblés de Salvador são preponderantemente regidos por orixás femininos. Em 30% deles, o regente principal ou orixá de cumieira é Oxum (186 terreiros) ou Iansã (130 terreiros).

A proliferação do número de terreiros na cidade, de acordo com o estudo, ocorreu, principalmente, na década de 1980, reflexo direto do Decreto-lei no 25.095, de 15 de janeiro de 1976, que extinguiu a exigência de licença da Delegacia de Jogos e Costumes.

Outro fato que contribuiu para o crescimento do número de casas, de acordo com as pesquisas realizadas pelo CEAO, foi a promoção da II Conferência da Tradição Orixá e Cultura, que aconteceu em Salvador, em julho de 1983. Esses dois fatores, conclui o estudo, acabaram por diminuir o preconceito em torno da religião que, historicamente, sofreu todo tipo de perseguição.



A mulher no candomblé da Bahia

Uma das mais importantes características da organização religiosa afrodescendente na Bahia foi, e ainda é, a marcante presença da liderança feminina. A poderosa presença das mulheres, que se expressa no próprio papel da mãe que alimenta os orixás e também os seus filhos-de-santo, atinge, nos terreiros da Bahia, uma importância que não se encontra em outras realidades parecidas, como aquela de Cuba e do Rio de Janeiro.

Apesar de ilustres pesquisadores, como Pierre Verger, não concordarem com essa visão, as mulheres chegam a ter aqui até predominância numérica, que chega a 68%, como comprova o estudo promovido pelo CEAO. Aquilo que, segundo o etnólogo francês, teria sido apenas uma liderança aparente, devido à grandiosidade e ao esplendor das roupas-de-santo das mulheres, foi objeto de estudos que vão se desenvolvendo desde 1947.

Naquela época, a socióloga Ruth Landes, da Columbian University, escreveu o livro *A cidade das mulheres*, onde se perguntava: “Será que nos Estados Unidos irão acreditar que existe uma cidade onde as mulheres amam os homens, se sentem seguras e à vontade com eles, sem temê-los?” Landes definiu o terreiro como “um templo matriarcal onde os homens, ainda que necessários, são simples espectadores” e foi até mais longe, ao afirmar que só podia chegar aos cargos mais importantes “exaltando o lado feminino deles”.

Embora seus estudos não tenham se aprofundado nesse aspecto, Landes abriu o caminho para a pesquisa de gênero, que vê no candomblé um campo de trabalho entre os mais interessantes.

Mais recentemente, outros pesquisadores, como a antropóloga e fotógrafa italiana Patrizia Giancotti, continuaram essa tarefa, sobretudo para verificar e tentar explicar as razões dessa particularidade baiana. Para ela, as mulheres foram as únicas responsáveis pela fundação dos cultos africanos no Brasil, no tempo da escravidão. Enquanto os homens eram obrigados a plantar cana-de-açúcar nos campos dos engenhos, as mulheres tinham acesso à cidade, moravam nos sobrados com os patrões, mantinham uma relação familiar, eram cozinheiras e vendiam, nas ruas, acarajés e outras iguarias.

Entre elas, já vivia a fundadora do primeiro terreiro de candomblé, Iyá Nassó, aqui uma escrava, mas que na África era a excelentíssima sacerdotisa particular do rei de Oyo para o povo do Dahomey-Benin. Por volta de 1830, Iyá Nassó plantou o primeiro axé e, em volta desse fulcro, foi fundado o Terreiro da Casa Branca.

Além de poder contar com figuras femininas de grande carisma, já reconhecidas por uma parte da população escrava como líderes espirituais, segundo a pesquisadora, uma razão mais prática facilitou a presença das mulheres na liderança dos terreiros. O menor valor comercial das escravas em relação aos homens, ou seja, o seu valor bem menor a preços no mercado negreiro. Como a lei de 1871 permitia aos escravos comprar a própria alforria pelo mesmo preço que os senhores pagaram por eles, as mulheres se livraram do cativeiro antes e em número bem maior que os homens.



Festa para Obaluayê



Mãe Wilma sendo vestida pelas filhas-de-santo

Certamente, observa Giacotti, esta foi a única vez que a desvalorização da mulher contribuiu para a sua liberdade. Estando na cidade, tendo acesso a dinheiro, obtido com a venda de comidas, elas puderam resgatar a sua liberdade e abrir as primeiras casas de culto. Para a antropóloga italiana, se hoje a situação não mudou e as mulheres ainda estão liderando os terreiros na Bahia é porque este processo responde ainda a precisas necessidades da comunidade baiana. Ser mãe-de-santo na Bahia, além de ser um prestígio para a comunidade do culto, é também uma oportunidade de avanço social, baseada nas capacidades peculiares da mulher. Os terreiros são lugares de intercâmbio feminino, de encontro e de ajuda entre mulheres. Lugares onde, em volta de ofícios tradicionalmente femininos, como o de preparar a comida, o gesto cotidiano da mulher sai da cozinha para virar meio de comunicação com o divino.

Origens do candomblé no Brasil

Estabelecido no final do século XVIII e início do século XIX, atrás da Igreja da Barroquinha, o Terreiro da Casa Branca foi o primeiro grande candomblé da Bahia e do Brasil. Suas origens remontam ao primeiro culto doméstico a Oxóssi,





Terreiro Caboclo Guarany de Oxóssi, em Cachoeira, Recôncavo Baiano

instalado pela mãe-de-santo africana alforriada Iyá Adetá, na Barroquinha, conforme registra o antropólogo Renato da Silveira¹⁷.

A fundação do Terreiro, porém, só acontece em 1807, quando os africanos e crioulos da Irmandade dos Martírios decidem arrendar o terreno atrás da Igreja, para instalar o culto aos orixás, sob o comando de Iyá Akalá. Mas a prática do candomblé, da forma que a conhecemos hoje, só é consolidada anos mais tarde pela iyalorixá Iyá Nassô, que veio da África, na virada dos séculos XVIII para o XIX, justamente com a missão de organizar o candomblé.

Junto com outras duas negras da Costa da Mina, de quem se conhece apenas os nomes africanos, Adetá (Iyá Dêta) e Iyá Kalá, Iyá Nassô reuniu as sociedades de africanos que funcionavam clandestinamente e reestruturou o lugar de importância litúrgica e política, atraindo importantes pessoas da comunidade, que recebiam títulos de reconhecimento. Concebia-se, assim, segundo Silveira, as casas-de-santo associadas a organizações civis secretas e a irmandades.

O Candomblé da Barroquinha funcionou oficialmente até 1850, quando

¹⁷ SILVEIRA, Renato da. O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro de ketu. Salvador: Edições Maianga, 2006.

o governador Francisco Gonçalves Martins iniciou a urbanização do bairro. Entretanto, segundo o antropólogo, a urbanização foi apenas uma desculpa para promover uma “limpeza étnica”, patrocinada pelo governo de Gonçalves Martins, que se notabilizou por ter sido o chefe de polícia que conteve a Revolta dos Malês.

Invadido, profanado e expulso da Barroquinha, o Terreiro da Casa Branca estabeleceu-se, por volta de 1855, no Engenho Velho de Brotas, na antiga Estrada do Rio Vermelho, hoje Avenida Vasco da Gama.

O Terreiro da Casa Branca

O Candomblé da Barroquinha ou Terreiro da Casa Branca deu origem aos três mais famosos terreiros ketu-nagô da Bahia. Com a morte de Iyá Nassô, o comando do terreiro ficou com a filha de uma das três fundadoras, conhecida por Marcelina, que, por sua vez, tinha duas filhas, Maria Júlia Conceição e Maria Júlia Figueiredo.

Com a morte de Marcelina, as duas passaram a disputar a chefia do terreiro. Venceu Maria Júlia Figueiredo, que já era Mãe Pequena do terreiro e desfrutava de grande prestígio junto aos frequentadores. A outra Maria Júlia, porém, afastou-se, arrendou um terreno no bairro do Rio Vermelho e ali fundou, com os demais dissidentes, o Ilê Axé Omim Iyá Massê, atual Candomblé do Gantois, que recebeu este nome por causa do proprietário francês. Reza a lenda, que Maria Júlia Conceição levou consigo os axés do Engenho Velho, constituindo-se, portanto, no legítimo herdeiro do Candomblé da Barroquinha. O Gantois prosperou e tornou-se internacionalmente conhecido na gestão de Mãe Pulquéria, filha de Maria Júlia Conceição e tia de Maria Escolástica Conceição Nazaré, Mãe Menininha do Gantois, a ialorixá mais famosa da Bahia.

Mas, nessa mesma ocasião, o Ilê Iyá Nassô saiu da Barroquinha e mudou-se para o Caminho do Rio Vermelho e passou a ser conhecido como Terreiro do Engenho Velho ou da Casa Branca, ainda sob o comando de Maria Julia Figueiredo. Com a sua morte, Mãe Sussu (Ursulina) assumiu a direção. Uma nova disputa pelo comando do Ilê Iyá Nassô acontece com a morte de Mãe Sussu. O conflito gira em torno de Ti’Joaquim, um babalorixá baiano, radicado no Recife, e foi liderada por Aninha, que queria ver o Ti’Joaquim no comando da casa. Prevaleceu, porém, o partido da ordem, e quem assumiu o axé foi Tia Massi (Maximiana Maria da Conceição).

Derrotada, a facção liderada por Aninha deixou o terreiro e fundou um candomblé independente, o Ilê Axé Opô Afonjá, sob a direção de Ti’Joaquim que, quando morreu, passou a liderança da casa para a própria Aninha (Eugênia Ana Santos) que o conduziu até 1938. Hoje o Opô Afonjá é comandado pela famosa mãe-de-santo Stella de Oxóssi. Do Terreiro da Casa Branca também saíram as principais lideranças do Terreiro Ilê Maroialaji ou Terreiro de Alaketu, comandado pela conhecida sacerdotisa Olga de Alaketu¹⁸.

¹⁸ SILVEIRA, Renato da. O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de ketu. Salvador: Edições Maianga, 2006.



As nações no candomblé da Bahia

A diferença primordial entre as nações de candomblé está relacionada às divindades, objetos dos cultos. Os adeptos da Nação Ketu/Nagô cultuam os orixás. Os da Nação Angola-Congo chamam seus deuses de inkinsses ou inquices. Já os da Nação Jeje cultuam os voduns. Essa diferença entre as divindades, porém, é tema controverso. Alguns estudiosos defendem que os deuses de cada nação possuem características distintas, impossibilitando com isso a equivalência entre eles. Para outros estudiosos, não há diferença nenhuma entre as divindades, apenas mudam os nomes, conforme as nações.

Outra diferença é a variação do idioma/língua/dialeto utilizado por cada nação. Os adeptos da Nação Angola-Congo cantam numa mistura de kimbundo e kikongo, as duas únicas línguas de tronco bantu que sobreviveram no Brasil. Os adeptos de Ketu/Nagô cantam em iorubá, e os adeptos da Nação Jeje cantam em língua ewê.

As nações distinguem-se também pelo ritmo dos atabaques, pelas denominações que cada nação dá a esse instrumento e também pela forma de tocá-los. Na Nação Angola-Congo existe ainda uma variação de ritmo: alguns pais e mães-de-santo dizem existir três toques no rito: congo de ouro, barravento e cabula (também chamado de angola munjolo). Outros dizem existir quatro toques: cabula, barravento, rebate e o arrebate. Todos os ritmos são tocados com as mãos.

Nas duas nações de origem sudanesa os ritmos são: ijexá, igbin, aguerê, bravum, opanijé, alujá, adahun e avunha, entre outros. As denominações dos atabaques para os jejes e ketu/nagô são: rum (grande), rumpi (médio) e lé (pequeno). O rum possui o registro grave; o rumpi, o registro médio; e o lé, o registro agudo. Nas duas nações sudanesas, os atabaques são tocados com o auxílio de varetas (denominadas de aguidavis).

Já os angoleiros denominam seus atabaques genericamente de ngoma (tambor em kimbundo), mas distinguem o tamanho do instrumento pelas denominações: ngoma txina (o grande); ngoma mukundu (o médio) e ngoma kasumbi (o pequeno).

Nos candomblés de Nação Ketu-Nagô, os músicos dos atabaques são chamados de ogans alabês. Os da Nação Jeje são conhecidos como runtós, enquanto os da Nação Angola-Congo são reconhecidos como xicaringomes.

Na Ketu-Nagô, o ritual de invocação dos orixás é chamado de xirê (brincadeira). Na Nação Angola, esse ritual é denominado de jamberesu.

Nação Ketu-Nagô

Na mitologia iorubá o deus supremo é Olorum, chamado também de Olodumaré. Por ser o criador de todas as coisas, não aceita oferendas, pois tudo o que existe e pode ser ofertado já lhe pertence. Olorum criou o mundo, todas as águas e terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos. Criou também as divindades ou orixás. Um dia, Olorum ordenou que seu filho Oxalá criasse o homem.

Oxalá criou o homem a partir do ferro e depois da madeira, mas ambos eram rígidos demais. Criou o homem de pedra – era muito frio. Tentou a água, mas o ser não tomava forma definida. Tentou o fogo, mas a criatura se consumiu nas labaredas. Fez um ser de ar que depois de pronto retornou ao que era, apenas ar. Tentou, ainda, o azeite e o vinho, sem êxito.

Triste pelas suas tentativas infecundas, Oxalá sentou-se à beira do rio, de onde Nanã emergiu e lhe indagou sobre as causas de sua preocupação. Oxalá contou. Nanã mergulhou até as profundezas do rio e de lá lhe entregou a lama. Oxalá, então, criou o homem e percebeu que ele é flexível, capaz de mover os olhos, os braços, as pernas e, então, sopra-lhe a vida. Por esse feito, Oxalá é considerado o orixá mais importante do panteão africano.

Língua: iorubá

Principais orixás

- Oxalá – identificado com a paz e a serenidade;
- Iemanjá – mãe das águas salgadas e da fertilidade;
- Oxum – regente dos rios, do ouro, jogo de búzios, e amor;
- Ogum – regente da guerra, fogo, e tecnologia;
- Oxóssi – ligado à caça e à fartura;
- Xangô – o deus do fogo e trovão, protetor da justiça;
- Iansã – a rainha dos ventos, relâmpagos e tempestades;
- Ibeji – os orixás gêmeos;
- Exu – o guardião dos templos, encruzilhadas, mensageiro dos deuses;
- Omolu /Obaluaiyê – orixá das doenças e das curas.
- Oxumaré – orixá da chuva e do arco-íris.



Casa de Ossain, no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro do Retiro, em Salvador





Terreiro Ilê Iyá Omi Axé Yamassê (Gantois), no bairro da Federação, em Salvador

Hierarquia

- Iyalorixá ou Babalorixá: sacerdotisa/sacerdote dos terreiros;
- Iyakekerê ou Babakekerê (mulher): mãe pequena, segunda sacerdotisa;
- Iyalaxé (mulher): cuida dos objetos do ritual;
- Agibonã: mãe criadeira, supervisiona e ajuda na iniciação;
- Egbomi (homem): iniciado há mais de sete anos;
- Iyabassê: (mulher): responsável pela preparação das comidas-de-santo;
- Iaô: filho-de-santo;
- Abiã ou abian: novato;
- Axogun: responsável pelo sacrifício dos animais;
- Alagbê: responsável pelos atabaques e pelos toques;
- Ogã ou Ogan: tocador de atabaques, título honorífico concedido a filhos-de-santo que se destacam na proteção do terreiro.
- Ekedì: camareira dos orixás.

Principais rituais

- | | | |
|--------------|-----------------|------------------|
| • Sacrifício | • Axexê | • Oferenda |
| • Olubajé | • Padê de Exu | • Águas de Oxalá |
| • Sassayin | • Ipetê de Oxum | • Iniciação |

Terreiros mais conhecidos

- Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Terreiro da Casa Branca)
- Ilê Iyá Omi Axé Yamassê (Terreiro do Gantois)
- Ilê Axé Opô Afonjá
- Ilê Axé Opô Aganjú

Nação Ijexá

O candomblé de Nação Ijexá tem sua origem no culto dos escravos vindos de Ilesa, atual região da Nigéria. Os rituais dessa nação foram incorporados pelos cultos da Nação Ketu-Nagô, apesar de ainda ter poucos terreiros na sua versão mais pura. Atualmente, o ijexá resiste como ritmo musical presente nos afoxés.

Nos candomblé da nação Ketu-Nagô, o ijexá é essencialmente um ritmo que se toca para orixás, como Oxum, Ossain, Ogum, Logum-Edé, Exu, Obá, e Oxalá. O ritmo é suave, mas de batida e cadência marcadas, no som e na dança.

O ijexá nos tambores é tocado exclusivamente com as mãos (os aquidavis ou baquetas não são usados nesse ritmo), sempre acompanhado do gã (agogô) para marcar o compasso.

O afoxé baiano Filhos de Gandhi é talvez o mais tradicional dos grupos culturais brasileiros na preservação desse ritmo.

Nação Jeje

Na mitologia Jeje (Fon/Ewê), Mawu (divindade feminina) é o ser supremo, criadora do céu e da terra. Com a ajuda de Lissá (divindade masculina), comanda o universo. Os voduns são filhos e descendentes de ambos. A divindade dupla *Mawu-Lissá* é intitulada *Dadá Segbô* (Grande Pai Espírito Vital), *Sé-medô* (Princípio da Existência) e *Gbé-dotó* (Criador da Vida). *Mawu* representa a noite, a lua, a terra e o subterrâneo. Em seu primeiro parto, *Dadá Segbô* gerou os gêmeos Sakpatá: *Da Zodzi* e *Nyohwe Ananu*. Depois gerou *Sô*, que era macho e fêmea ao mesmo tempo, como seu progenitor. No seu terceiro parto, *Dadá Segbô* gerou o casal de gêmeos *Agbê* e *Naeté*. Na sua quarta concepção veio *Agué* e na quinta veio *Gu*, que eram machos. Na sexta veio simplesmente *Djô*, a atmosfera, que não tinha gênero definido e, na sétima, veio seu caçula, *Legba*.

Depois de criar *Ayikúngban* (o mundo), *Mawu*, deu seu domínio aos gêmeos Sakpatá. *Sô*, por ser muito parecido com seu genitor, permaneceu no céu, governando os elementos e o clima. A *Agbê* e *Naeté* foi concedido o domínio de *Hu* (o mar), que refresca a terra. *Agué* foi encarregado das plantas e dos animais que habitam a terra e a *Gu*, que tinha o corpo feito de pedra e uma lâmina no





Oferenda e vasos de flores
no terreiro de mãe Wilma,
em Nazaré

lugar da cabeça, foi concedida a habilidade de auxiliar os homens a dominar o mundo criado por *Mawu* e garantir seu sucesso e felicidade em suas cidades, artefatos e tecnologias. *Djó* ficou responsável por separar o céu da terra e dar trajes de invisibilidade a seus irmãos. O caçula e mimado *Legba* permaneceu junto de *Mawu*, acororado a seus pés.

A cada filho, *Mawu* ensinou uma língua diferente, que deveria ser usada em seus próprios domínios, e *Djó* ficou encarregado de ensinar a linguagem dos homens, mas, depois que aprenderam essa nova linguagem, todos eles esqueceram a linguagem de *Mawu*, com exceção de *Legba*, que nunca se separou de seu genitor. Assim, todos os voduns e toda a humanidade teria que recorrer a *Legba* para se comunicar com *Mawu*. *Legba* passou, assim, a estar em toda parte, para levar e trazer mensagens dos seres criados ao seu Criador.

Os voduns na África são agrupados em famílias chefiadas por um vodun principal, ora representando um elemento ou fenômeno da natureza, ora da cultura. Existem basicamente quatro famílias principais:

Os Ji-vodun, ou “voduns do alto”, chefiados por *Sô* (forma basilar de Heviosô). Os Ayi-vodun, que são os voduns da terra, chefiados por *Sakpatá*. Os Tô-vodun, que são voduns próprios de uma determinada localidade (variados). Os Henu-vodun, que são voduns cultuados por certos clãs que se consideram seus descendentes (variados).

Na Bahia, entre os daomeanos, reza a lenda que o candomblé dessa nação estabeleceu-se através de uma mulher da etnia Mahi, chamada Ludovina Pessoa, que foi escolhida pelos voduns para fundar três templos: um templo para Dan, o Kwe Ceja Hundê, posteriormente conhecido como **Seja Hundé e Roça do Ventura**, em Cachoeira e São Félix. Um segundo para Heviosô, o Zoogodô Bogum Malê Rundó, mais conhecido como Terreiro do Bogum, em Salvador. E um terceiro para Ajunsun, que não se sabe por que não foi fundado. Depois, outros terreiros se estabeleceram no Recôncavo. Uma peculiaridade do candomblé jeje é a sua relação com o elemento água. Geralmente os terreiros localizam-se nas proximidades de uma nascente de rio e de lagoa.

Língua: Fon ou êwe

Principais voduns

- *Mawu* – deus supremo (divindade feminina);
- *Lissá* – co-responsável pela criação;
- *Sakpatá* – vodun das doenças, especialmente a varíola;
- *Gu* – vodun dos metais, da guerra e tecnologia;
- *Agué* – ligado à caça, protetor das florestas;
- *Heyiosô* – comanda os raios e relâmpagos;
- *Dan* – vodun da riqueza, representado pela serpente do arco-íris;
- *Agbê* – donos dos mares;
- *Aziri* – vodun das águas doces;

- Fa – vodun da adivinhação e do destino;
- Legbá – mensageiro, representa também a sexualidade.

Hierarquia

- Gaiaku/Doné: sacerdotisa suprema dos terreiros jeje;
- Mejitó/Doté/humbono: sacerdote supremo dos terreiros jeje;
- Babakon (homem): é o sacerdote de Fa, vodun da adivinhação;
- Vodunsi: iniciado com mais de um ano de ordenação;
- Kajekaji: iniciado que ainda não completou o ciclo de obrigações;
- Pejigan: responsável pelo Peji do terreiro;
- Abajigan: espécie de mordomo que cuida do terreiro.

Principais rituais

- | | | |
|---------------|--------------|--------------|
| • Sé de Lissá | • Tobossi | • Olisá |
| • Hoho | • Azonwánadó | • Azonsú |
| • Gbesén | • Olugbajé | • Agangatolú |

Terreiros mais conhecidos

- Zoogodó Bogum Malé Rundó (Terreiro do Bogum)
- Seja Hundé (Roça do Ventura) Cachoeira-São Félix;
- Terreiro Cacunda de Yayá;
- Terreiro de Pó Zerrem (Pau Zerrem) – já extinto.

*Festa em Terreiro
de Candomblé*





*Festa de Tombamento do Terreiro
Ilê Iyá Omi Axé Yamassê (Gantois),
na Federação, Salvador*

Nação Angola

Na mitologia dos povos de língua kimbundo, originários da **região litorânea de Angola**, o deus supremo e criador é Nzambi ou Nzambi Mpungu, que aqui no Brasil ficou conhecido como Zambi ou Zambiapungo. Ele está acima de tudo e de todas as coisas. Alguns povos bantu chamam deus de *Sukula* outros de *Kalunga* e outros nomes ainda associam-se a estes.

O culto a Nzambi não tem forma nem altar próprio. Só em situações extremas eles rezam e invocam Nzambi, geralmente fora das aldeias, em beira de rios, embaixo de árvores, ao redor de fogueiras. Não tem representação física, pois os bantu o concebem como o *incriado*, e representá-lo seria um sacrilégio, uma vez que ele não tem forma. No final de todo ritual, Nzambi é louvado, porque é o princípio e o fim de tudo.

Língua: kimbundo/kicongo

Principais inquices

- Aluvaiá/Nzila: intermediário entre os seres humanos e o outros inquices;
- Gangazumba: atua sobre o eclipse e as águas turvas dos pântanos;
- Kianda: sereias, grafadas com letra maiúscula, são de água salgada;

- Katendê: senhor das folhas, conhece os segredos das ervas medicinais;
- Nzazi: é o próprio raio, entrega justiça aos seres humanos;
- Kaviungo: inquite da varíola, das doenças de pele, da saúde e da morte;
- Matamba: guerreira, comanda os mortos;
- Dandalunda: senhora da fertilidade e da lua.

Hierarquia

- Mametu/ tatetu nkisi: sacerdotisa suprema dos terreiros jeje;
- Mamateo/tata de inquite: sacerdote supremo dos terreiros jeje;
- Tata kambundu: exerce funções superiores, equivalentes a ogã dos ketu;
- Tata utala: responsável pelos altares;
- Tata pokó: responsável pelos sacrifícios a Nkosi;
- Tata kivonda: responsável pelos sacrifícios a outras divindades;
- Vumbi: responsável pelo ritos fúnebres;
- Tata kisaba: responsável pela colheita das folhas sagradas.

Principais rituais

- Massangá: ritual de batismo de água doce;
- Nkudiá Mutuê: ritual de colocação de forças;
- Nguécê Kamuxi Muvu: ritual de obrigação de um ano;
- Nguécê Katàtu Muvu: ritual de obrigação de três anos;
- Nguécê Katuno Muvu: ritual de obrigação de cinco anos;
- Nguécê Kassambá Muvu: ritual de obrigação de sete anos.

Terreiros mais conhecidos

- Terreiro do Bate-Folha
- Terreiro Tumbensi
- Unzó Kuna Nkici Tumbensi Malawla
- Terreiro Tumba Junçara (Santo Amaro)

Nação Caboclo

Nesta nação, tem fundamental importância o culto dos caboclos, que são espíritos de índios, considerados pelos antigos africanos como sendo os verdadeiros ancestrais brasileiros, portanto, dignos de culto no novo território a que foram confinados pela escravidão.

O candomblé de caboclo é uma modalidade de Nação Angola, mas centrado no culto exclusivo dos antepassados indígenas. Este tipo de candomblé tem um vínculo forte com a História da Bahia, especialmente com o 2 de Julho, data em que se comemora a Independência da Bahia.

Para os baianos, o caboclo é uma entidade ao mesmo tempo heroica e divina, que simboliza a posse da terra, os donos da terra. Essa vertente do candomblé constitui-se, assim, em uma religião genuinamente brasileira, sobretudo em Salvador.

Uma peculiaridade do candomblé de caboclo é que as divindades não se manifestam em língua africana, mas na local. São encarregados de trazer mensagens



dos seus ancestrais, principalmente de entes queridos desencarnados há pouco tempo; aconselha os desesperados, indicando sempre um novo caminho; recomenda banhos de folhas sagradas e pequenas oferendas para a resolução de problemas.

A indumentária e os objetos das entidades cultuadas também se originam da cultura brasileira. Além de penas e penachos, usam um chapéu de couro e outros elementos que caracterizam os primeiros habitantes do Brasil.

As oferendas de caboclo são fartas e variadas, constituídas de uma grande variedade de frutas, legumes, raízes e até mesmo doces. Um elemento indispensável é a abóbora girimum, que é recheada com fumo de rolo e mel de abelha. Mas oferendas de galos, carneiros, peru ou qualquer outro pássaro são bem-vindas e apreciadas. A jurema é a bebida sagrada, considerada o néctar dos deuses e disputada não só pelas entidades, mas por todos os presentes.

Língua: português

Principais divindades

- Caboclo Sultão das Matas
- Caboclo Boiadeiro
- Caboclo Sete Flechas
- Caboclo Penacho de Ouro

Terreiro Caboclo Guarany de Oxóssi, em Cachoeira, no Recôncavo Baiano



Hierarquia

- Mãe ou pai-de-santo: sacerdotisa suprema dos terreiros

Centros mais conhecidos

- Centro de Caboclo Sultão das Matas
- Centro do Caboclo Boiadeiro
- Centro de Oxalá
- Centro do Caboclo Penacho de Ouro

Sociedade dos Eguns

A Sociedade dos Eguns ou Egungun é uma confraria masculina que tem o objetivo de cultuar os mortos, o espírito ancestral de pessoas importantes, além de preservar e assegurar a continuidade do processo civilizatório africano no Brasil.

Originário do Reino de Oyó, atual Nigéria, foi implantado no Brasil no início do século XIX. Esse culto é feito em casas separadas das casas das divindades. Era um culto muito fechado, quase secreto. A primeira referência que se tem notícia sobre esse culto data do início do século passado, em uma nota feita por Nina Rodrigues¹⁹.

Segundo este estudioso, somente os negros que tinham vivido na África e vieram para o Brasil como escravos guardavam a lembrança de que as almas “formavam uma maçonaria em que as mulheres não podiam tomar parte e em que a alma aparecia e passeava pela cidade muito à vontade”²⁰

O culto aos Eguns é exclusivo de homens. O cargo mais elevado na hierarquia do terreiro é o alápini, que tem como auxiliares os ojés. Todo integrante do culto aos Eguns é chamado de mariwô.


Os terreiros de Eguns apresentam basicamente as seguintes características:

- um espaço público, que pode ser frequentado por qualquer pessoa, e que se localiza numa parte do barracão de festas;
- uma outra parte desse salão é destinado ao culto e restringe-se aos iniciados. É o local onde os Egun vêm quando são chamados para se mostrar publicamente;
- uma área aberta, situada entre o barracão e o Ilê Igbalé ou Ilê Awô (casa do segredo), onde também se encontra um montículo de terra preparado e consagrado, que é o assentamento de Onilé;
- um espaço privado ao qual só têm acesso os iniciados da mais alta hierarquia, onde fica o Ilê Awô, com os assentamentos coletivos, e onde se guardam todos os instrumentos e paramentos rituais, como os Isan, pronuncia-se (ixan), longas varas com as quais os Ojé invocam (batendo no chão) e controlam os Egungun.

¹⁹ NINA RODRIGUES, O animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

²⁰ RODRIGUES, 1935 apud BASTIDE, 2001.





No Brasil, o principal culto aos Egungun é praticado na Ilha de Itaparica, na Bahia. O terreiro mais conhecido é o Mocambo, fundado por volta de 1830 por um africano chamado *Marcos-o-velho*, complemento acrescentado para diferenciá-lo do seu filho. Reza a lenda, que esse africano comprou sua carta de alforria e teria voltado à África junto com seu filho *Marcos Teodoro Pimentel*, conhecido posteriormente como *Tio Marcos*. Lá, ambos permaneceram por muitos anos, aperfeiçoando seus conhecimentos litúrgicos.

Quando retornaram à Bahia, trouxeram com eles o assento do *Baba Olukotun*, considerado o *Olori Egun*, o ancestral primordial da Nação Nagô. Por volta de 1850, Tio Marcos fundou o Terreiro de Tuntun, num velho povoado de africanos denominado Tuntun, Ilha de Itaparica, e tornou-se seu Alapini, *Ipekun Ojé*, sacerdote supremo do culto aos Egungun.

Tio Marcos faleceu por volta de 1935, e com sua morte desapareceu o Terreiro do Tuntun. A tradição do culto, porém, continuou através de seu sobrinho, Arsênio Ferreira dos Santos, que migrou para o Rio de Janeiro levando o assento de *Baba Olukotun* para o município de São Gonçalo. Depois do falecimento de Arsênio, os assentos dos *Baba Olukotun* retornaram para a Bahia, através do atual Alapini, Deoscoredes dos Santos, conhecido como *Mestre Didi Asipá*, presidente da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá. Mestre Didi foi iniciado na tradição do culto aos Egungun por Marcos e Arsênio.

Língua: iorubá

Principais terreiros

- Ilê Babá Olokotun – na Ilha de Itaparica
- Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá

Hierarquia

Nas casas de Egungun a hierarquia é patriarcal, só homens podem ser iniciados no cargo de Ojé ou Babá Ojé, como são chamados. Essa hierarquia é muito rígida, apesar de existirem cargos femininos para outras funções, uma mulher jamais será iniciada para esse cargo.

Masculinos: Alapini (sacerdote supremo, chefe dos alagbás), Alagbá (chefe de um terreiro), Atokun (guia de Egum), Ojê agbá (ojê ancião), Ojê (iniciado com ritos completos), Amuixan (iniciado com ritos incompletos), Alagbê (tocador de atabaque). Alguns oiê dos ojê agbá: baxorun, ojê ladê, exorun, faboun, ojê labi, alaran, ojenira, akere, ogogo, olopondá.

Femininos: Iyalode (responde pelo grupo feminino perante os homens), iyá egbé (cabeça de todas as mulheres), iyá monde (comanda as ató e fala com os babá), iyá erelu (cabeça das cantadoras), erelu (cantadora), iyá agan (recruta e

ensina as ató), ató (adoradora de Egun). Outros oiê: iyale alabá, iyá kekere, iyá monyoyó, iyá elemaxó, iyá moro.

Sincretismo Religioso

O sincretismo religioso pode ser definido como a fusão de duas ou mais crenças religiosas. No Brasil, mais notadamente na Bahia, surgiu como refúgio dos negros que, desta forma, podiam exercer seu culto, proibido na época, de forma dissimulada, fingindo estar adorando os santos católicos enquanto, na verdade, veneravam suas próprias entidades. Assim, associar a sua divindade orixá a um santo católico foi a estratégia encontrada pelos escravos para manter suas crenças e rituais, ao mesmo tempo em que ludibriavam os senhores, fazendo-os acreditar que eram os santos católicos a razão de sua devoção.

Caracterizada pela combinação de diferentes traços étnicos e culturais, o candomblé tem no sincretismo religioso uma das suas características mais intrigantes. Nas igrejas seculares da Bahia pode ser constatada a força do catolicismo, trazido pelos portugueses para fazer de índios e africanos novos adeptos da sua religião.

Os africanos, por sua vez, trouxeram consigo o culto aos orixás, deuses dos iorubás, considerados espíritos da natureza e provenientes de elementos fundamentais: terra, água, fogo e ar. Misturas como essa, entre o candomblé e o catolicismo, são comuns na Bahia, mas principalmente na capital, Salvador.

Produtos religiosos: guias e contas do candomblé, além de imagens de santos católicos



Alguns exemplos do sincretismo religioso entre os santos da Igreja Católica e os orixás do candomblé:

- Oxalá – Nosso Senhor do Bonfim
- Iemanjá – Diversas Nossas Senhoras
- Oxum – Diversas Nossas Senhoras
- Omolu – São Lázaro/São Roque
- Iansã – Santa Bárbara
- Ogum – Santo Antônio
- Oxóssi – São Jorge
- Nana Buruku – Senhora Sant'Anna
- Xangô – São Jerônimo

Símbolos da religiosidade africana

Jogo de búzios

O jogo de búzios é uma das artes divinatórias utilizadas nas religiões de matriz africana. Existem muitos métodos de jogo, mas o mais comum consiste no arremesso de um conjunto de 16 búzios sobre uma mesa previamente preparada, e na análise da configuração que os búzios adotam ao cair sobre ela. O adivinho, geralmente pai ou mãe-de-santo, antes reza e saúda todos os orixás e, durante os arremessos, conversa com as divindades e faz-lhes perguntas. Considera-se que as divindades afetam o modo como os búzios se espalham pela mesa, dando assim as respostas às dúvidas que lhes são colocadas. No Brasil, o jogo de búzios é feito a partir de pequenas conchas encontradas nas praias. Na África, essas conchas recebem o nome de cawris, e eram usadas como dinheiro, moeda corrente. O jogo de búzios, na língua iorubá, é chamado de *merindelogun*.



Figa

Objeto feito de diversos materiais, em vários tamanhos, apresenta-se na forma de uma mão fechada, com o polegar entre o indicador e o dedo médio. De origem africana, é utilizada para afastar os maus espíritos. Pode ser usada como bijuteria e também como peça decorativa em residências e estabelecimentos comerciais, dentre outros locais.

Fitinha do Bonfim

As fitinhas de santos são bastante utilizadas no Brasil. A do Senhor do Bonfim, conhecida também como medida do Bonfim, tem significado especial e é usada como amuleto. Trata-se, na verdade, de símbolo da religião católica que foi incorporado pelas religiões de matriz africana em função do sincretismo religioso tão enraizado na Bahia. Geralmente é amarrada com três nós ao redor do pulso, condicionados aos pedidos de proteção ao santo. Reza a lenda que a fitinha não pode ser tirada sob pena do pedido não ser atendido. Ela deve cair sozinha. Seu uso, no entanto, é bastante variado e elas podem ser usadas em vários locais, em automóveis, residências, bolsas, bolso, entre outros.

Significado do Aro

No candomblé, o aro significa a união de todos os bons fluidos, enquanto a corrente significa crença.

Pó de pemba

Efun é um nome jeje-nagô dado a vários tipos de pó utilizados nos rituais afro-brasileiros. É muito mais conhecido pelo povo-de-santo, e também pelos leigos, como pemba, denominação utilizada pela nação angola. Efun ou pemba mineral é um pó retirado de calcário, que é encontrado na natureza em várias cores, também chamado de tabatinga. É utilizado na iniciação de filhos-de-santo, que recebem no corpo a tinta produzida pelo pó. O ritual é chamado de efum fum (pó branco).

Guia

É um colar feito de contas com as cores dos orixás, usado pelos adeptos do candomblé como proteção e ponto de fixação de forças. A guia multicolorida representa os orixás de todas as nações. Esses colares são conhecidos como guias. Nos terreiros, sua utilização obedece a uma escala hierárquica. Mas são largamente usados, por não-iniciados, como amuletos, e colocados preferencialmente no pescoço ou guardados dentro da bolsa ou do bolso da vestimenta; sua função é basicamente buscar a proteção do orixá.

Patuá

O patuá é um amuleto muito utilizado pelo povo-de-santo da Bahia. É feito de um pequeno pedaço de tecido na cor correspondente à divindade do candomblé. Dentro do tecido são colocadas ervas e outras substâncias atribuídas ao orixá. Depois de devidamente fechado e costurado, o pano recebe o bordado com o nome da divindade. A pessoa utiliza o patuá específico do seu orixá no bolso de sua vestimenta, dentro de carteiras de cédulas, bolsas, para obter proteção e sorte do seu orixá. No culto aos Egungun esse amuleto é chamado de *breve*. O grupo étnico mandinga, de origem africana, carregava no peito um cordão com um pedaço de couro com inscrições de trechos do Alcorão, eles eram muçulmanos; os negros de outras etnias denominavam esse objeto de patuá.



Patuás, figas e guias dos orixás do candomblé



Festas religiosas e populares



A cultura de matriz africana desenvolveu-se na Bahia paralelamente à do europeu. Fruto do sincretismo religioso, as festas populares, da forma como as conhecemos hoje, resultam da mistura de elementos que se convencionou chamar de sagrados e profanos.

Como não tinham acesso aos estabelecimentos onde os brancos protagonizavam as festas religiosas, os africanos ocupavam, nesses dias, as ruas próximas aos locais onde seus senhores se concentravam.

Assim, manifestações culturais de diversas origens africanas proliferaram, a exemplo da capoeira, do maculelê e do samba-de-roda. Ainda hoje, milhares de pessoas vão às ruas para celebrar os santos padroeiros, sejam eles católicos ou africanos.

É no ciclo de festas populares que o baiano manifesta sua fé, desde as comemorações dos orixás do candomblé, quando os terreiros fazem soar seus tambores, para seus filhos-de-santo dançarem, até as festas da religião católica, que ganham um cunho profano com muito samba-de-roda e barracas onde se servem bebidas e comidas variadas.

O ciclo de festas tem início no dia 4 de dezembro, com a Festa de Santa Bárbara, e tem seu ápice na Lavagem do Bonfim, na Festa de Iemanjá e no Carnaval. No interior do estado, a influência africana aparece nas festividades promovidas em vários municípios.

Festa da Boa Morte

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte nasceu nas senzalas, locais que abrigavam escravos negros nos engenhos de cana-de-açúcar, há cerca de 150 anos. É formada exclusivamente por mulheres negras que tinham o intuito de alforriar escravos ou dar-lhes fuga, encaminhando-os para o Quilombo do Malaquias, em Terra Vermelha, zona rural da cidade de Cachoeira.

Com a abolição da escravidão, as irmãs aproximaram-se da Igreja Católica, fundando a entidade que funciona atualmente em um conjunto de quatro sobrados do século XVIII, restaurados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural-Ipac.

Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira. Ao lado, procissão das irmãs e abaixo adoração da imagem de Nossa Senhora da Boa Morte





Senhoras da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, Bahia

A força dessas mulheres é sempre motivo de alegria e homenagens. Na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano, todos os anos, no mês de agosto, acontece a Festa da Boa Morte. São cinco dias de comemorações. No primeiro dia, as irmãs saem em cortejo da Casa da Boa Morte para a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, para recolher o esquife de Nossa Senhora.

Em seguida, fazem uma breve procissão por apenas um quarteirão, com destino à capela da sede mais nova da irmandade, onde é celebrada uma missa em memória das irmãs falecidas. Logo depois, ocorre uma ceia na Casa da Boa Morte, com pão, vinho e frutos-do-mar. No restante dos dias acontecem missas, confissões, sentinelas, procissões nas ruas da cidade e apresentações de grupos de samba-de-roda e capoeira.

Congada

Mistura de herança africana com toques da cultura portuguesa, a *Congada* representa a coroação dos reis congos, que desfilam mascarados e trajados com fardas ornamentadas de ouro e diamantes, cercados do bailado dos guerreiros.

Sua origem remonta ao ano de 1482, em um dos impérios negros mais importantes de todos os tempos: o Congo. Apesar de imponente, ruiu frente ao poderio das esquadras portuguesas em guerra pelo território, restando ao povo negro, aguerrido de força e fé, o título de Rei de Congo como homenagem em memória à dura batalha.

No Brasil, está presente desde os tempos da colônia, quando os desfiles de congos eram a atração principal nas festas organizadas pelas irmandades de escravos, por ocasião da coroação simbólica de reis e rainhas africanos ou afrodescendentes.

Além da reminiscência de rituais africanos, a manifestação folclórica somou-se aos costumes das Congadas lusitanas, que ilustravam as comemorações de Nossa Senhora do Porto. A primeira apresentação oficial em terras baianas data de 6 de junho de 1760, no Paço do Conselho da cidade de Salvador, em festejo ao casamento da princesa real, D. Maria I, com D. Pedro III.

A tradição segue com força e respaldo em Juazeiro, com adaptações que a afastam do formato tradicional, entoando cânticos em louvor à Virgem do Rosário durante suas comemorações, no último domingo do mês de outubro.

Lindro Amor

Lindro Amor é um peditório que se faz em benefício das festas de Nossa Senhora da Purificação ou São Cosme e Damião. O cortejo, formado por mulheres, homens e crianças, sai em visitação às casas, rogando saúde e prosperidade para os seus donos, professando a esperança de dias melhores e levando algo que simbolize a devoção.

As mulheres vão sempre no meio, vestindo saias de roda estampadas e chapéus de palha enfeitados com tiras coloridas. Elas dançam e cantam, enquanto os homens seguem atrás, com calças brancas, batucando o pandeiro, tocando a viola ou a sanfona.

Na frente, as crianças animam o saimento, carregando uma caixa vazia com a imagem dos santos e onde serão depositadas as moedas para o preparo do caruru, a ser realizado nos sábados seguintes, até findar o mês de outubro.

A tradição tem suas origens nos tempos da escravidão, quando os senhores de engenho permitiam que os escravos **organisassem suas festas**. Com o passar do tempo, o Lindro Amor – originário da expressão colonial portuguesa *Lindo Amor* – passou a ter conotações religiosas associadas às procissões e peditórios que antecedem aos carurus oferecidos aos santos e orixás. No caso de Nossa Senhora da Purificação, leva-se uma coroa em uma bandeja florida, junto à bandeira, enquanto os participantes entoam cânticos acompanhados de pandeiro e tambor.

Conde, Candeias, Santo Amaro, São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé são as principais localidades onde a manifestação acontece.

Nego Fugido

Folguedo variante do quilombo, é mantido há pelo menos um século pelos moradores de Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. A encenação recria anualmente a tentativa de fuga de um escravo, que é caçado e amarrado, para depois comprar sua alforria. Os personagens que representam os negros, quando não estão correndo ou lutando, ficam em espécie de dança lenta, ao ritmo da música, que, segundo pesquisadores, possui ligação com o candomblé.

A representação conta como os negros que fugiam eram perseguidos nas matas. Para se esconder dos feitores, vestiam-se de folhas de bananeira. É uma manifestação popular única que se mantém desde o século XIX, originária de escravos africanos de origem nagô. Trata-se, na verdade, da recriação das lutas de resistência negra contra o regime escravocrata, encenada até hoje pelos moradores de Acupe, distrito do município de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

Nego fugido, manifestação cultural popular de Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano



Zambiapunga

Herança africana, o Zambiapunga é um cortejo de homens mascarados, trajados com roupas coloridas e feitas com panos e papéis de seda, que sai às ruas durante a madrugada, dançando e acordando a cidade ao som ecoante de enxadas, tambores, cuícas e búzios gigantes, usados como instrumentos de percussão.

Dedicada ao deus supremo do candomblé de angola, era inicialmente uma cerimônia para afugentar os maus espíritos. Com a utilização de máscaras, a manifestação chegou ao Estado através dos negros bantus, escravizados na região do Congo-Angola e trazidos para cá para trabalhar no plantio dos canaviais do Recôncavo e de grandes extensões de dendezeiros no litoral do Baixo-Sul.

Não à toa, a região concentra forte expressão do costume folclórico, em especial nas cidades de Nilo Peçanha, Valença, Taperoá e Cairu. Em Nilo Peçanha, onde a tradição é mais forte, a festa acontece, tradicionalmente, na madrugada de 1º de novembro, Dia de Todos os Santos e véspera de Finados.

Bembé do Mercado

A Festa do Bembé do Mercado é realizada no dia 13 de maio, no município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, desde 1889, para comemorar a abolição da escravidão. Organizada por pescadores e vendedores de peixes do Mercado Municipal de Santo Amaro, a festa reúne grupos de samba-de-roda, afoxés, maculelê e de capoeira, além de representantes dos terreiros de candomblé da região, para homenagear os orixás das águas, dos rios, dos lagos e da chuva, Oxum e Iemanjá. Durante três dias, a praça em frente ao Mercado Municipal, onde são armados barracas e barracões, fica repleta de gente para assistir ao festival de arte e religiosidade ancestral.

O termo bembé tem origem iorubá e significa *bater tambor*. A festa é identificada como uma das mais genuínas expressões populares de reconhecimento e afirmação da negritude no Brasil, principalmente por formar um grande culto a céu aberto, realizado desde quando era proibido por lei bater tambor para os orixás.

Abaixo, Festa Bembé do Mercado, em Santo Amaro da Purificação, e Zambiapunga, em Nilo Peçanha







Cultura de matriz africana



Pátria da diversidade, cenário de grandes acontecimentos políticos e culturais, a Bahia apresenta seus roteiros turísticos como verdadeiras viagens por dentro da História do Brasil. De igrejas seculares ao artesanato típico, da crença diversificada de seu povo aos mitos e ritos do folclore local, o estado se abre em um verdadeiro leque de atrativos de matriz africana. As diversas expressões folclóricas ostentam a riqueza do imaginário popular. Rodas de samba, capoeira, afoxé e tantas outras colorem, animam e exibem a fé. Um mosaico de festejos e celebrações às crenças de origem africana com o marco singular da baianidade.

A língua

Segundo a etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, a influência dos bantus no falar do brasileiro é muito mais profunda em razão da antiguidade do povo bantu no país, da densidade demográfica e da amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro.

Os aportes bantus ou bantuisms, palavras africanas que entraram para a língua portuguesa no Brasil, estão associadas ao regime da escravidão (senzala, mucama, banguê, quilombo), enquanto a maioria delas está completamente integrada ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz bantu (esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha, quilombola), o que já demonstra uma antiguidade maior.

Em alguns casos, a palavra bantu chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: caçula por benjamim, corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, dendê por óleo de palma, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente. Alguns já estão documentados na literatura brasileira do século XVII, a exemplo dos que se encontram na poesia satírica de Gregório de Matos e Guerra. (1633-1696).





O atabaque e a variação de ritmos

Música

A contribuição dos africanos na formação da música popular brasileira é inquestionável. Na Bahia, a herança cultural do povo negro é marca registrada em vários ritmos e estilos, desde a batucada e o samba de raiz até o afoxé, o samba-reggae e a chamada nova música baiana ou *Axé music*.

Batucada

Por um bom tempo, todo tipo de manifestação cultural africana que se revelasse no Brasil era tido como batucada ou batuque. As expressões musicais por instrumentos, coreografias e cantos africanos ganharam no Brasil diferentes conotações regionais ou nacionais.

Batuque é um título que existe desde o Brasil colonial, pois não era de preocupação tentar entender as várias manifestações musicais africanas no Brasil.

A batucada segue a mesma linha e não necessita da riqueza musical de muitos instrumentos africanos. Seu estilo comporta instrumentos e maneira de tocar, como cuíca, pandeiro, atabaque, agogô, reco-reco, ganzá, tamborim, ilu, batá, afoxé, berimbau, banjo e outros.

Os estilos de dança também revelam a riqueza musical da África: samba e suas variações, lundu, passo, jongo, caxambu, tambor-de-crioula, inúmeras danças rituais do candomblé, do xangô, do mina, do tambor e cortejos em que se incluem congada, ternos-de-congos e muitos outros.

Samba

As pesquisas sobre o tema indicam que, possivelmente, o termo samba seja uma corruptela de *semba*, palavra de origem africana, da região de Angola e do Congo, que significa umbigada, batuque ou ainda dança da umbigada.

O ritmo festivo foi trazido para o Brasil pelos escravos oriundos dessa região e aqui se tornou uma forma de expressão do sofrimento vivido por eles no cativeiro e nas senzalas.

A história do samba está diretamente relacionada à história da formação cultural do povo baiano. Durante o período colonial, o samba foi enriquecido com palmas e instrumentos, como viola, violão, triângulo, cuíca e pandeiro.

O ritmo desenvolveu-se principalmente no Recôncavo Baiano, mais precisamente nos engenhos de cana-de-açúcar, para onde foi levada a maioria dos escravos originários de Angola. Ali, ganhou a forma conhecida hoje como

samba-de-roda. A partir de 1860, em consequência da abolição da escravidão e do fim da Guerra de Canudos, houve um grande fluxo migratório de negros e mestiços de várias partes do país, sobretudo da Bahia, para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, em busca de trabalho e de melhores condições de vida.

A maioria se instalou em locais periféricos, mais especificamente nas imediações do Morro da Conceição, Pedra do Sal, Praça Mauá, Praça XI, Cidade Nova, Saúde e na Zona Portuária. Muitas baianas, descendentes de escravos, alojaram-se nesses bairros. Abriram pequenos bares e restaurantes que funcionavam em suas próprias casas, e ficaram conhecidas como as Tias Baianas ou Tias do Samba.

Nas casas dessas tias, os baianos se reuniam para comer, beber e cantar. A mais conhecida delas foi Tia Ciata, uma das responsáveis pela sedimentação do samba-carioca. Em sua casa, várias composições foram criadas e cantadas de improviso, como o samba *Pelo telefone*, gravada pelo baiano Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga, atribuída por alguns historiadores, equivocadamente, como o primeiro samba gravado.

Na verdade, a primeira música desse ritmo a ser gravada foi *Isto é bom*, de Xisto Bahia. O erro tem origem no fato de a música de Donga conter um subtítulo, samba, no rótulo do disco, o que não ocorreu com a de Xisto Bahia. Ligada às origens do samba, como ele se manifesta hoje, Tia Ciata ou Assiata, influenciou, juntamente com outro baiano, Hilário Jovino Ferreira, o Lalau de Ouro, a forma coletiva que foi adquirindo o samba e o Carnaval carioca.

Transferido para o Rio de Janeiro, em 1872, Lalau de Ouro fundou inúmeros ranchos e blocos. Iniciada nos terreiros de candomblé da Bahia, Tia Ciata, era conhecida no Rio como Mãe-pequena, do terreiro de João Alabá, frequentado também por Hilário Jovino. Cozinha de mão cheia, reunia em sua casa pessoas como os compositores Pixinguinha, Donga, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Sinhô e Mauro de Almeida.

O terreiro de Tia Ciata era considerado o quartel-general do samba. Depois, Tia Ciata levou para a Festa da Penha, tradicional romaria portuguesa, sua barraquinha de quitutes africanos. Para lá também seguiram integrantes da *Velha Guarda*, onde lançaram suas músicas para o Carnaval. Jornalistas compareciam ao samba da Penha e começou o fenômeno do relacionamento do grupo original com os mais diferentes bairros e camadas sociais da cidade, aproximando o morro e o asfalto. Com a popularidade do novo gênero, foi natural o surgimento, no final da década de 20 do século passado, das escolas de samba. A primeira de que se tem notícia, *Deixa Eu Falar*, nasceu no bairro do Estácio, da rede de sociabilidade estabelecida na casa de Tia Ciata.

Samba-reggae

O samba-reggae, que alguns chamam também de samba-reggaeton, nasceu na década de 80, na Bahia, e é fruto da fusão de ritmos do samba tradicional com o reggae jamaicano, de Bob Marley e Jimmy Cliff.

Grupo de samba-de-roda,
Ganhadeiras de Itapuã





Foi criado e introduzido no Carnaval de Salvador pelo maestro Neguinho do Samba, então maestro da banda do bloco afro Olodum. O ritmo tem por base a percussão, com ênfase nos tambores, atabaques, pandeiro, guitarra ou viola eletrônica no lugar do cavaquinho e outros instrumentos característicos da música latina, com influência do merengue.

Axé music

Considerado o mais baiano dos ritmos musicais contemporâneos, a música *Axé*, *Axé music* ou simplesmente a *nova música baiana*, é, na verdade, uma grande mistura de elementos musicais, aparentemente distantes, como salsa, samba, reggae e rock, como definem seus criadores.

O nome foi dado pelo jornalista e crítico de música Hagamenon Brito, em 1987. Ele juntou a maneira como chamava as músicas baianas que considerava bregas, axé, ao termo em inglês usado pelas bandas que tinham pretensões internacionais, *music*.

Apesar da carga pejorativa, cresceu e frutificou, marcando uma nova fase do Carnaval da Bahia e a sua inserção no mercado nacional de discos. O marco zero foram as músicas *Fricote* e *Nega do cabelo duro*, de Luiz Caldas, em 1985.

Instrumentos musicais

Base de todos os ritmos produzidos no Brasil pelos africanos, o tambor é, sem dúvida, o elemento de maior distinção. Introduzido no jogo de capoeira, o berimbau já se tornou um símbolo da cultura baiana que representa a nossa identidade mestiça. Junto ao agogô, esses instrumentos remetem de forma inconfundível à cultura negra produzida na Bahia.



Tambor

O tambor é um nome generalizado que é dado a vários instrumentos musicais de percussão, em que a pele ou membrana animal é utilizada para produzir som. Geralmente apresentam um ou dois encouramentos sobre estruturas de madeira, que são as chamadas caixas de ressonância.

Trazidos pelos africanos para o Brasil, os mais utilizados na Bahia, tanto na música quanto em cerimônias e rituais religiosos, são os atabaques: rum, rumpi e lé.

Os atabaques são convencionalmente feitos em madeira (quase sempre ripa presa por pregos de ferro e cola) e aros de ferro. São, na verdade, uma caixa de ressonância afunilada. Também são encontrados atabaques com corpo em peça única de madeira escovada a fogo.

A música executada pelo trio de atabaques está assentada num rígido conhecimento de polirritmos, chamados toques. Cada toque é executado pelo conjunto dos três atabaques e por um agogô ou gã (instrumento de percussão constituído por duas campânulas de ferro), podendo aparecer ainda a cabaça ou afoxé.

O toque está integrado à organização religiosa do candomblé, havendo diferentes

toques em fórmulas polirítmicas próprias e com diferentes nomes. Também servem para identificar os tipos de nações (modelos étnicos) dos candomblés.

Berimbau

Sem dúvida, o berimbau foi introduzido na Bahia pelos escravos de Angola. Este instrumento hoje é associado à capoeira, uma manifestação de luta-dança-jogo. O berimbau apresenta-se em solo ou em conjunto, executando o que se denomina toques de berimbau.

No período de repressão, quando a capoeira ainda era proibida, os capoeiristas inventaram um tipo de toque chamado de cavalaria. Assim, executavam uma melodia que lembrava a chegada de cavaleiros, avisando que deveriam camuflar a luta para a dança, dança de capoeira. Além desse toque, há outros tradicionais, como São Bento grande, São Bento pequeno, Santa Maria Iuna, entre outros.

O instrumento é constituído de um arco feito de uma vara de madeira de comprimento aproximado de 1,20m e um fio de aço (arame) preso nas extremidades da vara. Em uma das extremidades do arco é fixada uma cabaça que funciona como caixa de ressonância. O tocador de berimbau utiliza uma pedra ou moeda (dobrão), a vareta e o caxixi para produzir os sons. Quase sempre associado ao berimbau, há outros instrumentos de percussão como, por exemplo, um tipo de chocalho chamado caxixi.



Agogô

O agogô é um instrumento musical de metal usado no candomblé, na capoeira e no samba. Foi introduzido pelos africanos da região de Ilesa, hoje Nigéria, conhecidos como ijexás. Compõe-se de dois pedaços de ferro, um menor que o outro, ou dois cones ocos e sem base, de tamanhos diferentes, de folhas de flandres, ligados entre si pelos vértices. O nome vem de *akokô*, palavra nagô que significa “relógio” ou “tempo”, assim como um som extraído de um instrumento metálico. Para se tirar som desse instrumento, bate-se com uma baqueta de madeira, nas duas bocas de ferro do instrumento, também chamadas de campânulas. O seu som é provocado pela sua vibração. É o próprio corpo do instrumento que vibra para produzir o som, sem a necessidade de nenhuma tensão. É um elemento essencial no ritmo ijexá do afoxé.

Capoeira

Vencidas as perseguições e superados os preconceitos do passado, a capoeira deu a volta por cima, legitimando-se, ao longo dos anos, como um dos principais símbolos da cultura brasileira.

Em julho de 2008, esta arte marcial recebeu merecido reconhecimento público ao ser elevada à condição de *Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira*, o 14º bem cultural registrado no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e Ministério da Cultura (MinC), que também incluíram o ofício dos mestres da capoeira no *Livro dos Saberes*, e da roda de capoeira, no *Livro das Formas de Expressão*.

Encontro Internacional de Capoeira e Manifestações Culturais, no Forte de Santo Antônio, em Salvador



A capoeira chegou ao Brasil no século XVI com os escravos da etnia bantu. Símbolo da resistência do povo africano, provavelmente tem suas raízes na luta dos escravos. A capoeira é um diálogo de corpos, e o vencedor é aquele que não obteve resposta do parceiro.

Na forma amistosa, ou seja, na roda de capoeira, dois capoeiristas se benzem ao pé do berimbau e iniciam um lento balé de perguntas e respostas corporais, até que um terceiro entre no jogo, e assim sucessivamente, até que todos participem.

Mas um elemento básico da capoeira angola, a malícia ou mandinga, pode torná-la muito perigosa. A malandragem consiste em um jogo de faz que vai e não vai, retira-se e volta rapidamente; uma ginga de corpo que engana o adversário. Isto é um diferencial da capoeira em relação às outras artes marciais e é uma característica que não se aprende apenas treinando.

A capoeira possui três estilos que se diferenciam nos movimentos e no ritmo musical de acompanhamento. Além da capoeira angola, outra variação é a chamada capoeira regional. Este estilo caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas, o que a distingue, portanto, da capoeira angola, cujos elementos principais são o ritmo musical lento, golpes jogados mais baixos, próximos ao solo, e muita malícia. Já o terceiro tipo de capoeira é o contemporâneo, que une um pouco dos dois primeiros estilos. Este é o estilo mais praticado na atualidade.

Forte da Capoeira

Reinaugurado em 2007, o Forte Santo Antônio Além do Carmo passou a abrigar nas suas dependências o Forte da Capoeira, que tem o objetivo de se constituir como Centro de Referência, Pesquisa e Memória da Capoeira da Bahia.

A edificação do século XVII foi totalmente restaurada e voltou a apresentar os mesmos traços arquitetônicos que tinha antes de ser transformada em Casa de Detenção, em 1950. O Forte da Capoeira tem seis salas de atividades, além de

um grande palco ao ar livre e uma infra-estrutura completa, com vestiários, centro de documentação, sala de leitura, biblioteca, videoteca, sala de vídeo, oficina de instrumentos, lanchonete, memorial, auditório, recepção, depósito, área para a exposição, loja e guarda-volumes.

Afoxé

O bloco carnavalesco dos Afoxés Filhos de Gandhi reúne milhares de homens que desfilam de indumentárias brancas com detalhes em azul, dos pés à cabeça, incluindo um turbante com o símbolo do bloco e colares de contas – ou guias – nas mesmas cores. O bloco, um dos mais tradicionais do Carnaval, sai sempre aos domingos, segundas e terças, e arrasta multidões entoadas pelos cânticos africanos.

A palavra afoxé significa adivinhação, profecia ou predição do futuro. Esta manifestação popular caracteriza-se, sobretudo, pela figura central do babalawô ou baba-oni-awô – o pai conhecedor do porvindouro. Originado nos terreiros de candomblé, em especial os de efan, nação dedicada ao culto de Oxum, o afoxé ainda hoje simboliza os cultos a entidades nobres da cultura africana. Os cantos a Oxum e Oxalá, o ijexá, ritmados com cabaça, agogô e atabaque, remontam aos cânticos entoados nos terreiros por pais e mães-de-santo, imbuídos de fé nos rituais religiosos.

A baiana do acarajé

O símbolo maior da Bahia, as baianas do acarajé integram a paisagem mística da terra. Matriarcas generosas, de muitos quitutes, além do tão celebrado acarajé, oferecem também abará, cocadas, bolinhos de estudante, entre outras delícias de se olhar e de comer.

Componentes das paisagens das cidades, especialmente Salvador, as baianas são personagens urbanos, mulheres trabalhadoras, verdadeiras mantenedoras de famílias. O tipo social e cultural marca a vida de algumas capitais, projetando pela roupa, pelo comportamento ético e pela oferta de comidas, traços relativos aos terreiros, no cotidiano de milhares de pessoas que identificam a baiana como uma síntese do que é afro.

*A baiana do acarajé
e seus quitutes*

O ofício

A origem das baianas remonta ao período colonial, quando as negras de ganho percorriam as ruas da cidade com tabuleiros equilibrados sobre a cabeça, vendendo comida. As africanas vendedoras de comida foram as primeiras baianas. Alforriadas ou escravas de ganho, vendiam de porta em porta beijus, cuscuz, bolinhos e outras iguarias da culinária afro-baiana.

Saíam impecavelmente vestidas com batas, saias brancas, torço e pano-da-costa, enfeitadas de brincos e pulseiras, balangandãs e colares, nas cores dos orixás.





Baiana, no Largo do Pelourinho,
no Centro Histórico de Salvador

Na roupa da baiana encontramos a permanência de elementos barrocos: anáguas e saias fartas e engomadas, que arredondam as formas e, sobre elas, larga bata composta por camisa ou camizu, pano-da-costa e, na cabeça, turbante. Como complementos, encontram-se variadas jóias e chinelos de couro à mourisca.

A roupa

A roupa é o encontro de Ocidente e Oriente, de estéticas da Europa do século XVIII e de povos islâmicos, na Europa e na África. Assim é formalizado o tipo, já nacional, totalmente brasileiro, marcando território da mulher afrodescendente. É a baiana em toda a sua identidade, variedade e dinâmica, um dos símbolos mais nossos, mais brasileiros.

Pano de cabeça

É marcante, na identificação da roupa da baiana, a cabeça coberta com tecido de diferentes formatos, texturas e técnicas de dispor, conforme intenção social, religiosa e étnica, dentre muitas outras. O turbante usado na Bahia é, sem dúvida, afro-islâmico – maneira de proteger a cabeça do sol dos desertos ou de outras áreas tórridas e quentes do próprio continente africano. Há significados em manter o torço com orelha, orelhinha, sem orelha – incluir determinadas folhas – no uso de pano branco engomado, detalhado, com bordados nas pontas, totalmente liso e discreto, ou listrado, de diferentes cores, em brocado, em seda, lamê, dentre tantos. O torço protege o *ori* – cabeça, para os iniciados no candomblé. O estar de torço tem significados próprios, como também o estar sem torço em momentos religiosos especiais pode ajudar a estabelecer um contato mais direto com o sagrado.

Pano-da-Costa

O pano-da-costa ou pano-de-alaká é um tipo de tecido feito em tear, tradicionalmente por mãos masculinas, conforme o costume africano, em especial da África Ocidental, em região conhecida até o século XIX como Costa dos Escravos. Certamente daí decorre o nome, pano-da-costa, pano que é feito e chega da Costa africana. O seu uso é até hoje fundamental na composição de diferentes roupas femininas. O pano é confeccionado em tiras que depois são costuradas, seguindo cores e padrões, geralmente em listras, mas também em outros motivos geométricos. Em 2001, na comunidade do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador, foi instalada a Casa do Alaká – oficina de tecelagem de panos-da-costa.

Mercados populares

A produção de excedentes de bens perecíveis foi o principal estímulo para a origem dos mercados populares. Para não perder os produtos perecíveis, os comerciantes passaram a disponibilizá-los a preços bem menores, em locais de grande circulação. Com o passar dos anos, viu-se que esses mercados também

teriam potencial para a comercialização de produtos oriundos de outras localidades que, ali, passavam a ter visibilidade e gerar demandas.

Com as sobras de uns e as demandas de outros, esses mercados promoveram o intercâmbio de mercadorias, a princípio entre grupos. No Brasil, os mercados populares localizados em locais abertos, geralmente nas ruas e praças das cidades, foram denominados de feiras e nasceram de uma solicitação natural de produtores e comerciantes por um ambiente em que seus produtos pudessem ser oferecidos, e de consumidores que necessitavam encontrar num só lugar os produtos, geralmente alimentícios, que necessitavam adquirir.

Feira de São Joaquim / Água de Meninos

Na Bahia, a Feira de São Joaquim é a mais representativa desse tipo de comércio. Tombada como bem cultural de natureza imaterial, a Feira de São Joaquim reflete a história de Salvador. Ao contrário do conforto aparente e até do aparente refinamento das redes de supermercados, a feira é a confusão. Vendedores e compradores tratam-se por “fregueses”, o que confere mais interação às relações sociais.

A diversidade da feira, exposta no seu desenho labiríntico, já foi cenário de livros e filmes e inspirou as artes plásticas. Desde Jorge Amado, em *Capitães da Areia* ao filme *A Grande Feira*, de Roberto Pires, e a recentes produções cinematográficas, como *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado.

Baseado na sua similaridade com o Mercado de São Paulo, de Luanda (Angola), a Produtora Cultural Maianga desenvolveu, em 2006, o projeto *Lá e Cá*, uma exposição do fotógrafo e produtor cultural Sérgio Guerra, com 438 fotografias que apontavam para feirantes, alimentos e tradições que se mantêm iguais, mesmo separadas pelo Atlântico.

A feira nasceu na década de 30. Àquela altura, era apenas uma feira móvel, que funcionava nas proximidades do Armazém 7 das Docas, no Comércio e levava o nome da *Feira do Sete*. Com a implantação do projeto de modernização do Porto de Salvador, os feirantes passaram a ocupar uma área pouco adiante das Docas e recebeu um novo nome: *Feira de Água de Meninos*. Na década de 60, logo após o golpe militar de 1964, dois incêndios de causas ainda pouco esclarecidas, destruíram uma boa parte dos boxes, deixando muitas pessoas feridas. Depois dos incidentes, a feira passou a funcionar na enseada de São Joaquim, na Avenida Frederico Pontes, onde se encontra até hoje. Desde então, passou a ser denominada Feira de São Joaquim, porque está situada em frente ao Convento dos Órfãos de São Joaquim.

Nos seus mais de 34 mil metros quadrados, espalhados por 10 quadras e 22 ruas, encontra-se grande variedade de gêneros alimentícios, artesanatos de cerâmica, artigos religiosos, patuás, folhas para banhos de descarrego, amuletos e produtos trazidos de caminhões do Recôncavo através de barcos ou saveiros, que compõem um espetáculo à parte.

O ambiente da Feira de São Joaquim evoca a colonização do Brasil, cujo processo deu origem ao povo mestiço da Bahia, fruto da mistura de ricos e pobres,

Produtos religiosos, musicais e alimentícios comercializados nos mercados populares



brancos e negros, elementos que compõem a identidade nacional, particularmente a baiana, com seus problemas sociais, sua cultura, seu folclore.

Trata-se de uma referência cultural para a cidade e se constitui, cada dia mais, em importante atração turística de Salvador, principalmente pela incorporação de elementos da cultura de matriz africana. Ali se percebe claramente as contradições sociais da cidade. As belezas e mazelas da maior cidade da Bahia estão representadas na feira que abastece a maior parcela da população soteropolitana de baixa renda, mas que também se transforma em boa opção para ricos moradores da Cidade Alta atraídos pela oferta de produtos que não são encontrados em nenhum outro centro comercial da cidade.

Mercado Modelo

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 1966, o Mercado Modelo é o mais tradicional centro de comercialização de produtos artesanais, um dos principais pontos turísticos de Salvador e também um ponto de encontro e convivência, além de espaço de animação artística e cultural da cidade.

Fundado como centro de abastecimento de gêneros alimentícios de Salvador, reunia em seu entorno comerciantes, pescadores, marinheiros, saveiristas, funcionários públicos, bancários e a gente simples da cidade. O seu primeiro imóvel foi inaugurado em 1919. Situava-se na mesma Praça Cayru, em frente a atual rampa do mercado, com fachada voltada para o Elevador Lacerda.

Sua história, porém, foi marcada por grandes incêndios. O primeiro incêndio ocorreu em 1922 e quase o destruiu completamente. O segundo aconteceu 26 anos depois, em 1948. Os danos foram parciais, mas com as obras de recuperação, suas atividades comerciais foram transferidas, provisoriamente, para outros locais, entre os quais, o imóvel em frente à área da Antiga Feira de Água de Meninos - o chamado Mercado Popular, onde funcionou por dois anos.

Em 1971, o Mercado Modelo passou a funcionar no antigo prédio da Casa da Alfândega, que 13 anos depois, sofreu o terceiro incêndio que o destruiu completamente, danificando seriamente o imóvel e exigindo um completo trabalho de recuperação. O novo prédio, construído no mesmo local, foi inaugurado em dezembro de 1984. Para abrigar novamente o mercado, o trabalho de restauração buscou incorporar, ao plano arquitetônico original, algumas modificações necessárias, utilizando concreto pré-moldado, cobertura de telhas coloniais, novos equipamentos e serviços.

Símbolos tradicionais da história e da cultura da Bahia, o mercado e a sua área subterrânea, atraem visitantes de todo o mundo, que ali compram souvenir. No mercado de hoje, é possível comprar uma extensa variedade de artigos artesanais: confecções, redes, instrumentos musicais típicos, entalhes em madeira (na sua maioria de inspiração africana), rendas e cestaria da Ilha de Maré, bordados e trançados, bijuterias e adereços, objetos de decoração e utilitários, peças de couro, ferro e cerâmica, as conhecidas bonecas de pano



Mercado Modelo, o mais tradicional centro de comercialização de produtos artesanais de Salvador

vestidas de “baianas”, pencas de balangandãs e objetos religiosos do candomblé. Encontra-se também pedras semipreciosas, xilogravuras e pinturas primitivistas, bebidas típicas - como as famosas batidas de infusão – e tira-gostos diversos.

Ao redor do mercado, os tabuleiros das baianas oferecem os abarás e os acarajés, que servem de tira-gosto. Pequenos restaurantes populares se encarregam de preparar pratos da culinária local. Rodas de capoeira confirmam, ao som dos berimbaus, o espírito cultural do Mercado Modelo da Bahia.

Danças

A dança de matriz afro cumpre, antes de tudo, uma finalidade comunicativa, tanto no aspecto religioso quanto sociocultural. A dança, deste modo, sempre enuncia tradições que partem de alguma matriz. Um dos grandes exemplos desse enorme manancial de matrizes é o Balé Folclórico da Bahia.

Concebido no ano de 1988, o grupo é reconhecido internacionalmente por sua singularidade. Apresenta com muito profissionalismo as várias expressões do divino, do feminino e da subjetividade, advindas dos olhos africanos. Também representa as tradições de alguma especificidade da terra natal do Balé, herdadas dos ancestrais ou adaptadas para a cotidianidade baiana.

Maculelê

Ponto alto dos folguedos populares nas celebrações profanas, em comemoração ao dia da padroeira de Santo Amaro, Nossa Senhora da Purificação, 2 de fevereiro, o maculelê é uma dança de forte expressão dramática, destinada a participantes do sexo masculino, que bailam em grupo, batendo os bastões ao ritmo dos atabaques e ao som de cânticos em dialetos africanos ou em linguagem popular.

Essa “dança de porrete” tem origem afro-indígena. Foi trazida pelos escravos e mesclada com traços marcantes da cultura indígena saída dos canaviais diretamente para a cidade. Homens ágeis e fortes, munidos de bastões de madeira ou facões, e divididos em pares, bailam, batendo os porretes uns contra os outros ao final de cada frase entoada pelo coro. O chefe do grupo, munido de um bastão maior, dá início à coreografia, batendo nas batutas dos demais participantes, que prontamente se defendem, formando um “X” ao encontro dos dois pedaços de madeira ou metal. Alguns grupos fazem uso de tochas de fogo ou *tições*, retirados, na hora, de uma fogueira que fica no meio da roda, junto aos dançarinos.

A data de apresentação varia, mas as exibições sempre acontecem durante a festa de Nossa Senhora da Purificação e no Bembé do Mercado, realizado em maio, nos festejos da Abolição da Escravatura, uma tradição mantida há mais de um século na cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

Samba-de-roda

Acompanhado por atabaques, ganzá, reco-reco, viola e violão, o solista entoa cantigas, seguido em coro pelo grupo a dançar. Ligado ao culto de orixás



e caboclos, à capoeira e às comidas à base de dendê, o samba de roda teve início por volta de 1860, como forma de preservação da cultura dos negros escravizados. A influência portuguesa, além da língua falada e cantada, fica por conta da introdução da viola e do pandeiro.

Essa tradição do Recôncavo Baiano concorre, inclusive, ao título de Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Presente no trabalho de renomados compositores baianos – Dorival Caymmi, João Gilberto e Caetano Veloso –, essa mistura de música, dança, poesia e festa, revela-se de duas formas características: o samba chula e o samba corrido.

A chula, uma forma de poesia, é declamada pelo solista enquanto o grupo escuta atento, só se rendendo aos encantos da dança após o término do pronunciamento, quando um participante por vez adentra no meio da roda, ao som da batucada regida por palmas. Já no corrido, o samba toma conta da roda ao mesmo tempo em que dois solistas e o coral se alternam no canto.

Também é conhecida como *umbigada*, porque cada participante, ao sair da roda, convida outro para a dança, dando-lhe um “toque de umbigo”. Esta manifestação típica do Recôncavo tem destaque nas cidades de Cipó, Candeias e Cachoeira, durante os festejos juninos e a Festa da Boa Morte. Em São Félix, Muritiba, Conceição do Almeida e Santo Amaro, o samba-de-roda é destaque na festa de Nossa Senhora da Purificação. São Francisco do Conde, Feira de Santana, Itacaré e, novamente, Conceição do Almeida celebram o samba de raiz na festa de 2 de Julho.



Cerâmica, produzida em Maragojipinho, Rio Real e Nagé

Artesanato

Matérias-primas vindas da natureza, como barro, madeira, fibras, cabaças, conchas, sementes, peles, entre tantas outras, são as bases de um amplo e rico processo de criação de diferentes objetos que terão uso no trabalho, no adorno corporal, na religião, na culinária, nas festas e em outras funções coletivas.

Cerâmicas, trançados em fibras naturais, tecelagem, fundição de metais, gravações sobre diferentes materiais, bordados, recortes e costuras em tecidos são algumas das técnicas que mostram a mão afrodescendente.

Estética negra

Para muitos povos africanos, é na cabeça, e em especial nos penteados, as mais importantes maneiras de manifestar beleza e identidade. Cada penteado tem um nome, uma forma, uma maneira de ser construído, demandando diferentes materiais e adornos, como óleos de animais e de plantas, barro, fibras, conchas, penas, tecidos, objetos reciclados de plástico, metal. Alguns penteados são verdadeiras esculturas sobre a cabeça, combinando com acessórios, como brincos, pulseiras, colares e maquiagem.

O cabelo representa, ao longo da história dos afrodescendentes, um elo de ancestralidade com os povos africanos e, portanto, uma energia estética e cultural. Assumir e valorizar os cabelos como distintivos raciais étnicos são elementos que acompanham os processos de conquista do direito cultural e do direito à cidadania.

A estética negra é, originalmente, ritualística. Na moda negra ratifica a realidade do belo no negro, com o seu modo cotidiano refletido nas roupas, no trançar, no pentear, nos filares e na confecção de adereços como bolsas, e sapatos.

Atualmente, na Bahia, várias empresas dedicam-se à fabricação de tecidos, roupas e acessórios com base em elementos da cultura negra. Muitas vezes, as indumentárias transformam-se em verdadeiras obras de arte, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos pelas artistas plásticas Goya Lopes e Márcia Ganem e pelos alunos do Projeto Axé.

Gastronomia de matriz africana

A culinária conhecida como a mais tipicamente baiana tem origem africana e foi herdada das civilizações sudanesas. Entretanto, no Recôncavo Baiano encontramos diversos pratos originários da civilização bantu, a exemplo da *maniçoba*. Os escravos oriundos das civilizações islamizadas também deixaram sua marca, como o famoso *arroz-de-haussá*.

A base da chamada culinária afro-baiana é o dendê ou óleo de palma. Misturado a outros temperos e condimentos, como gengibre, amendoim e castanha, e cozidos no leite de coco, esses alimentos constituem-se em atrativos à parte da cultura africana na Bahia.

O dendê

O dendê é memória, ação, produção, criação e recriação de um patrimônio de base africana, absorvido e reinventado, principalmente na Bahia. Nesse cenário, o fruto assume uma marca registrada que identifica a procedência da culinária.

Culinária afro-baiana

A culinária baiana é bastante popular, delícias como acarajé, vatapá, caruru, cocadas e quindins ganharam fama internacional e conquistaram admiradores em todo o mundo. Também é um exemplo de preservação das influências culturais africanas no país.

Sua criação e suas receitas começaram em torno do século XVI, quando as negras trazidas da África foram levadas para trabalharem nas cozinhas da casa grande dos senhores de escravos. Ali elas começaram a misturar novos ingredientes europeus como açúcar, sal, alho e limão, além das carnes de boi e frango, com banana, amendoim, inhame, feijão e milho, já bastante consumidos pelos índios. Adaptaram as comidas dos orixás aos novos ingredientes e produtos e, desta maneira, surgiram muitos dos pratos hoje tão apreciados.

A culinária da Bahia mais conhecida é aquela produzida no Recôncavo e em todo o litoral do estado, praticamente composta de pratos de origem africana, diferenciados pelo tempero mais forte à base de azeite-de-dendê, leite de coco, gengibre, pimenta de várias qualidades e muitos outros elementos que não são utilizados nos demais estados do Brasil.



Moqueca, acarajé e bolinho de estudante são algumas das iguarias da culinária baiana



Os quilombos



As denominações quilombos, mocambos, comunidades remanescentes de quilombos e comunidades negras rurais são expressões que designam grupos sociais descendentes de escravos africanos trazidos para o Brasil durante o período colonial, que resistiram, ou manifestamente se rebelaram, contra o regime escravista, formando territórios independentes onde a liberdade e o trabalho comum passaram a constituir símbolos de liberdade, autonomia, resistência e diferenciação do regime de trabalho escravista.

Os quilombos históricos, como o de Palmares, mesmo funcionando como referência para a luta dos negros, pelo seu reconhecimento, acabam sendo os únicos lembrados. Na verdade, segundo afirmam os estudiosos, cada quilombo teve uma história diferente. Existiam os grandes núcleos de resistência, mas também existiam outros que se mantinham inseridos no contexto social e econômico da região. Muitos desses grupos não eram perseguidos e sobrevivem ainda hoje.

As comunidades remanescentes de quilombos caracterizam-se, em sua maioria, por serem de predominância negra, rurais, com atividades socioeconômicas que integram a agricultura de subsistência, atividades extrativas minerais e vegetais; pesca, caça, pecuária tradicional e artesanato. A produção tradicional de farinha de mandioca, azeites vegetais e outros víveres de uso local é um bom exemplo.

Principais quilombos da Bahia

As comunidades remanescentes de quilombos mais importantes da Bahia estão situadas nas zonas turísticas da Baía de Todos-os-Santos, Chapada Diamantina e da Costa do Dendê. Essas comunidades já se beneficiam do turismo. Nos municípios-sedes, existem pacotes turísticos que incluem receptivo, hospedagem e alimentação nessas comunidades.



*Os quilombos baianos
seguiram a mesma estrutura do
Quilombo do Buraco do Tatu,
de Minas Gerais, que teve seu
desenho preservado*

Baía de Todos-os-Santos

- **Cachoeira**
 - Cabolé
 - Calemba
 - Cambongo Velho
 - Caonge
 - Dendê
 - Engenho da Ponte
 - Engenho da Praia
 - Engenho da Vitória
 - Imbiara
 - Tombo
 - Santiago do Iguape
- **Santo Amaro**
 - Barro Vermelho
 - Caeira
 - Subaé
 - São Braz
- **São Félix**
 - Oiteiro Redondo
 - Quilombo
- **Maragojipe**
 - Pinho

Chapada Diamantina

- **Lençóis**
 - Lençóis
 - Rio Santo Antônio
 - Remanso
- **Rio de Contas**
 - Barra
 - Bananal
 - Riacho de Pedras

Costa do Dendê

- **Camamu**
 - Águas Vermelhas
 - Burudanga
 - Coduru
 - Garcia
 - Jaqueira
 - Orojó
 - Pimenteira
 - Pinaré
 - Sorojó
 - Ponte Nova
- **Marau**
 - Empata Viagem
 - Piracanga
 - Torrinha
 - Boité
 - Terra Seca



Rebeliões escravas



No século XIX ocorreram na Bahia diversas rebeliões escravas. As mais importantes e conhecidas são a Revolta dos Búzios e a Revolta dos Malês. O palco dessas rebeliões encontra-se no Centro Antigo de Salvador e ainda hoje pode ser identificado.

Revolta dos Búzios

Denominada de Inconfidência Baiana, Conjuração dos Alfaiates, Primeira Revolução Social Brasileira, Sedição dos Mulatos e Revolta dos Búzios, o movimento revolucionário de 12 de agosto de 1798 é uma das mais importantes manifestações anticoloniais no Brasil dos finais do século XVIII, e talvez o mais singular pelos seus aspectos sociais e sua avançada formulação política, como observa o historiador Luiz Henrique Dias Tavares²¹.

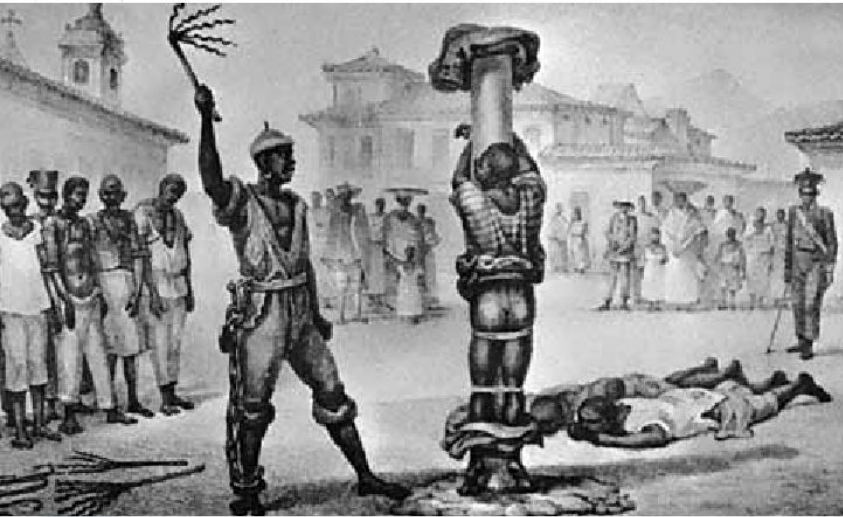
O movimento se desencadeou sob influência da filosofia iluminista, logo após a Revolução Francesa, e sua concepção política pregava os princípios de república moderna, segundo os quais “todos seriam iguais perante a lei e o poder teria sua origem no povo”.

Diferente da Inconfidência Mineira, que ocorrera anos antes, a Revolta dos Búzios teve como pontos de destaque o fim da escravidão e a união popular. Seus líderes provinham das camadas populares, artesãos, alfaiates, sapateiros, ex-escravos e escravos que se uniram a médicos, advogados, professores e até religiosos, para reivindicar a abolição da escravidão, salários iguais para negros livres e brancos, o fim de altos impostos e a independência do Brasil de Portugal.

As palavras de ordem do movimento eram liberdade e igualdade. Foi uma articulação moderna e arrojada, como refere a historiadora Kátia Matoso, que assustou a Coroa portuguesa e as elites locais pelo tamanho da organização popular dos rebeldes, que tinham, na linha de frente, jovens negros a desafiar o poder local. Dois fatores foram fundamentais para a união popular. Além

²¹ TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Edufba, 2004.





da escravidão e das condições adversas em que viviam os escravos, os negros libertos e os mulatos, os elevados impostos cobrados pela Coroa portuguesa faziam com que pequenos comerciantes e profissionais, como sapateiros, alfaiates e outros, se mantivessem à margem do sistema econômico.

Revolta dos Malês

O movimento que ficou conhecido como a Revolta dos Malês foi a última das várias rebeliões de escravos registradas no século XIX, na Bahia.

O movimento ocorreu em Salvador, na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835, e até hoje é uma grande referência para a população afrodescendente.



Gravura de Rugendas: negro no Pelourinho. Abaixo, capa de folheto comemorativo dos 170 anos da Revolta dos Malês

Os principais personagens dessa revolta foram escravos adeptos do islamismo, que ocuparam as ruas da cidade, e durante mais de três horas enfrentaram soldados e civis armados. Conhecidos como malês, os revoltosos pretendiam libertar os escravos, acabar com o catolicismo, religião que era imposta aos africanos desde o momento em que chegavam ao Brasil, confiscar os bens de brancos e mulatos e implantar uma república islâmica na Bahia.

Apesar da curta duração, esse foi o levante de escravos urbanos mais sério ocorrido nas Américas. Segundo o historiador João Reis²², cerca de 600 escravos participaram do conflito, o que representava nada menos que 1,25% da população da época, estimada em 65.500 habitantes.

Desse total, 70 morreram e mais de 500, numa perspectiva conservadora, foram punidos com penas de morte, prisão, açoites e deportação. Para se ter ideia da dimensão do movimento, se uma rebelião das mesmas proporções acontecesse hoje em Salvador, mais de 31 mil pessoas sofreriam as punições impostas aos revoltosos.

A revolta teve repercussão nacional. No Rio de Janeiro a notícia provocou alvoroço e, temendo que o exemplo baiano fosse seguido, as autoridades cariocas passaram a exercer vigilância estreita sobre os negros. A rebelião baiana também reavivou os debates sobre a escravidão e o tráfico de escravos no Parlamento Nacional.

Em todo o Brasil, os escravos da Bahia tornaram-se famosos pela rebeldia bem antes do início desses movimentos de protesto. Embora frequentes em tempos anteriores, as rebeliões se multiplicaram a partir do início do século XIX. O aumento de africanos recém-chegados, a intensificação do trabalho e o clima de divisão entre os setores livres da população são alguns dos principais fatores que explicam essas rebeliões.

²² REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil. A história do levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Heroica Resistência



A história do povo negro da Bahia não foi construída apenas com base nos costumes e tradições trazidos da África pelos escravos. A ela estão umbilicalmente ligadas as lutas contra a escravidão, bem como os movimentos de resistência cultural.

Entre as muitas personalidades que participaram dessas lutas e movimentos, algumas delas, homens e mulheres, são cultuadas como verdadeiros heróis e se transformaram em exemplo para novas gerações.

Luiza Mahin


Não se sabe se veio da África, como escrava para a Bahia, ou se nasceu em Salvador. Tornou-se livre por volta de 1812. Pertencia à Nação Jeje, da tribo Mahin, e fez de sua casa quartel de todos os levantes escravos que abalaram a Bahia nas primeiras três décadas do século XIX. Na revolta de 1830, estava grávida; seu filho, Luís Gama, tornou-se poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil. Teve participação atuante na Revolta dos Malês, em 1835.

Sua liderança nesse levante abalou as tropas portuguesas. Sua história também perdura no imaginário popular. A única prova documental de sua existência é a carta do seu filho, dizendo que ela viera da Costa da Mina, junto com outros escravos. Reza a lenda que Luiza, aproveitando-se de seu trabalho como quituteira, despachava mensagens escritas em árabe para outros rebelados, através de bilhetes levados por meninos. Se os escravos tivessem saído vitoriosos, Luiza Mahin teria sido empossada rainha da Bahia Rebelde. A liderança do movimento foi perseguida e castigada brutalmente, mas Luiza conseguiu fugir para o Rio de Janeiro, onde continuou a luta pela liberdade de seu povo. Naquela cidade foi presa e, possivelmente, deportada para a África.

Luiz Gama

Filho de Luiza Mahin, denunciou com competência e indignação a escravidão. Sozinho libertou mais de 500 escravos nos tribunais. Herdou da mãe o caráter altivo. Seu pai era de uma família ilustre da Bahia. Arruinou-se no jogo e acabou





vendendo o filho como escravo, em 1840, quando Luiz tinha apenas 10 anos de idade. Luiz Gama teve a dignidade de jamais revelar o nome do seu progenitor. Embarcado para o Rio de Janeiro com dezenas de outros escravos, foi vendido a um traficante paulista. Subiu a pé de Santos a Campinas, onde foi refugado por um fazendeiro por ter vindo da Bahia, província de má fama, à época, por haver se transformado em teatro de sucessivas rebeliões de escravos.

Alfabetizado por um jovem amigo aos 17 anos, Luiz Gama apaixonou-se de imediato pelos livros, paixão que o acompanhou até a morte. Aos 18, fugiu do cativeiro e alistou-se como praça na Marinha de Guerra. Seis anos depois, já cabo-de-esquadra, insurgiu-se contra um oficial que o insultou, foi preso e compareceu perante o Conselho de Guerra, que o excluiu dos quadros daquela força. Retornou a São Paulo, onde passou a trabalhar no escritório de um escrivão e depois na Secretaria de Governo da Província. Nessa ocasião, decidiu estudar direito para defender em juízo a vida e a liberdade da imensa população de negros escravos, mas foi repellido pelos estudantes quando tentou matricular-se na Faculdade de Direito. Tomou, então, como opção definitiva, atuar como rábula até o fim da vida, em 1882.

Zeferina

Líder do Quilombo do Urubu, que ficava entre o Parque de São Bartolomeu e o Cabula. Presa pelas tropas do governador Conde dos Arcos, foi levada acorrentada até a Praça da Sé para “servir de exemplo”. Foi de cabeça erguida. Lá, disse de onde viera e que estava ali para libertar o seu povo. Sua história ficou no imaginário popular, principalmente no cais da Bahia. Viveu no século XIX.

Maria Filipa

Natural de Itaparica, foi uma liderança destacada, em 1822, nas lutas pela independência do Brasil e da Bahia. Comandou dezenas de homens e mulheres, negros e índios, na queima de 42 embarcações de guerra que estavam aportadas na Praia do Convento, prontas para atacar Salvador. Esta ação foi vital para a Independência da Bahia. Em sua biografia destaca-se também outra história lendária, a de que teria usado galhos de cansaço para dar uma surra nos vigias portugueses Araújo Mendes e Guimarães das Uvas.

Manoel Faustino, João de Deus, Luís G. das Virgens e Lucas Dantas

Líderes da Revolta dos Alfaiates, também conhecida como Revolta dos Búzios, Conjuração Baiana e Inconfidência Baiana. Eram alfaiates, aprendizes desse ofício e militares que lutaram pela independência do Brasil e a abolição da escravatura. Foram enforcados em praças públicas e seus corpos expostos para servirem de exemplo (ver roteiros turísticos).

Ahuna, Pacífico Licutan, Luís Sanim, Manoel Calafate, Dandará

Líderes da Revolta dos Malês, eram escravos alforriados e mulçumanos, que na Bahia ficaram conhecidos como *malês*. Eles pretendiam libertar os escravos, acabar com o catolicismo – religião que era imposta aos africanos desde o momento em que chegavam ao Brasil –, confiscar os bens de brancos e mulatos e implantar uma república islâmica na Bahia. Foram presos e alguns executados. Só Ahuna conseguiu fugir, mas não se sabe ao certo para onde.

André Rebouças

Ativo militante do movimento abolicionista, fundador da Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Seu pai era filho de escrava alforriada. Baiano de nascimento, André foi educado no Rio de Janeiro e se tornou um dos maiores engenheiros do país, na época. Viveu entre 1838 e 1898.

Gaiaku Luiza

Luiza Franquelina da Rocha, mais conhecida como Gaiaku Luiza, é considerada uma das mais importantes sacerdotisas do candomblé jeje da Bahia. Nasceu em 25 de agosto de 1909, em Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano. Bisneta de africano, foi nascida e criada dentro do candomblé, chegando a morar dentro da Roça do Ventura. Teve contato com as velhas tias do candomblé, que lhe ensinaram as antigas tradições dessa religião. Em 1937, Gaiaku Luiza foi iniciada na Nação Ketu. Entretanto, ordenou-se novamente no candomblé jeje e passou a ser uma das difusoras dos rituais dessa nação.

Mãe Menininha do Gantois

Uma das mães-de-santo mais famosas e importantes do país, Maria Escolástica Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois, foi uma das grandes defensoras da preservação dos cultos afro-brasileiros na época da escravidão, principalmente nos espaços do Engenho Velho e da Casa Branca. Mãe Menininha nasceu em 10 de fevereiro de 1894 e tornou-se ialorixá em 1922, sob o reino de Oxum. Faleceu aos 92 anos, com 74 de iniciação ao culto. Considerada por muitos uma sacerdotisa excepcional, era conhecida por sua tranquilidade e sabedoria.

Reverenciada por grandes personalidades do mundo artístico e político, Mãe Menininha foi também imortalizada por Dorival Caymmi na música *Oração à Mãe Menininha*, que a chamou de “a mãe da doçura”, “a Oxum mais bonita” e a celebrou com versos sublimes, como: “Olorum quem mandou essa filha d’Oxum tomar conta da gente e de tudo cuidar”.





Mãe Aninha

Eugênia Anna dos Santos fundou o Ilê Axé Opô Afonjá, em 1910, hoje um dos mais importantes terreiros do candomblé. Era filha de africanos e descendente de gruncis (nação cujo ritual tem algumas diferenças dos de Ketu). Por causa da sua atuação social e do respeito que conquistou junto às pessoas influentes da Bahia, a iyalorixá teve participação fundamental no Decreto de Liberdade de Culto às religiões africanas assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, na década de 30. Mãe Aninha era filha de Xangô e foi iniciada na casa de Bamboxê. Sua importância é reconhecida na história da cultura e religiosidade da Bahia.

A iyalorixá foi também uma das pioneiras na Lavagem do Bonfim, para onde ia com suas filhas-de-santo, em romaria, com vassouras e águas de cheiro. Em 1936, Mãe Aninha criou o corpo dos doze Obas de Xangô, seis da direita e seis da esquerda, com a intenção de preservar os cuidados com os terreiros. O sonho de Mãe Aninha de criar uma escola para que as crianças tivessem acesso à língua iorubá, foi realizado por Mãe Stella de Oxóssi, em 1987.

Mãe Stella de Oxóssi

Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxóssi, Iya Odé Kayode, nasceu em Salvador, no dia 2 de maio de 1925. É uma das principais sacerdotisas do candomblé, responsável pela preservação da religião africana no país. Mãe Stella de Oxóssi é sacerdotisa do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, fundado em 1910, e transformado em Patrimônio Histórico Nacional. A instituição religiosa situa-se no bairro de São Gonçalo do Retiro, em Salvador, e abriga uma escola de ensino básico que atende a 300 crianças da comunidade. Entre outras especificidades, a cultura africana faz parte do currículo obrigatório. O terreiro desenvolve também programas profissionalizantes e culturais para 150 adolescentes.

Quando assumiu o Ilê Axé Opô Afonjá (Casa onde Xangô é o Senhor) sucedendo Mãe Ondina, foi a mais jovem iyalorixá da Bahia. No entanto, a ascensão de Mãe Stella marca um fato também importante: a continuidade da tradição do matriarcado no Opô Afonjá. Além de comandar as tarefas religiosas da comunidade, onde vivem mais de cinquenta famílias, Mãe Stella implantou também alguns projetos socioculturais. Um deles é a Escola Eugênia Anna dos Santos (Iyá Oba Biyi), fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá.

Mestre Bimba

Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba, foi o responsável pela legalização da capoeira no Brasil. Foi mestre Bimba quem conseguiu transformar a capoeira, de luta proibida em arte reconhecida internacionalmente. Ele introduziu uma nova modalidade de capoeira, a chamada Capoeira Regional, que difere da Capoeira de Angola pela suavidade dos golpes, entre outros aspectos. Em agosto de 1936, após conseguir derrotar seis soldados com os segredos da capoeira, Bimba foi

convidado pelo chefe de polícia para trabalhar como inspetor de quarteirão no bairro Vila América. Mas o capoeirista não aceitou, porque não concordava com o método agressivo adotado pelos policiais do estado da Bahia.

Por essa e outras histórias, mestre Bimba é considerado quase uma lenda, e era respeitado até pelos seus inimigos. Nunca se ouviu falar em uma luta perdida por Bimba. Ele lutava com muita malandragem e movimentos rápidos. Muitos diziam que o mestre era o próprio Deus da capoeira encarnado. A magia da capoeira começava quando, com baqueta e caxixi à mão, ele tocava berimbau de forma que ninguém até hoje consegue imitar. Bimba também era conhecido como *Três Pancadas*, porque dizem que nenhum de seus adversários aguentava mais do que isso durante uma luta.

Mestre Pastinha

Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, mais conhecido por Mestre Pastinha, nasceu em 1889 e foi um dos principais mestres de capoeira da história. Dizia não ter aprendido a capoeira em escola, mas “com a sorte”. Afinal, foi o destino o responsável pela iniciação do pequeno Pastinha no jogo, ainda garoto. Foi defensor da capoeira mais tradicional, a Capoeira de Angola.

Foi na atividade do ensino da capoeira que Pastinha se distinguiu. Ao longo dos anos, a competência maior foi demonstrada no seu talento como pensador sobre o jogo da capoeira e na capacidade de comunicar-se. Os conceitos de mestre Pastinha formaram seguidores em todo Brasil. A originalidade do método de ensino, a prática do jogo como expressão artística formaram uma escola que privilegia o trabalho físico e mental, para que o talento se expanda em criatividade. Foi o maior propagador da Capoeira de Angola, modalidade “tradicional” do esporte no Brasil.

Mário Gusmão

É considerado o maior ator negro contemporâneo da Bahia. Participou de dezenas de peças de teatro, fez dezesseis filmes, participou de novelas e seriados na televisão brasileira, além de inúmeros espetáculos de dança, tornando-se, como o disse Clyde Morgan, um arquétipo, um ícone para a população afro-baiana e um personagem mitificado por todos aqueles que lutam pela igualdade racial na Bahia.

Mário Gusmão nasceu em 1928, na cidade de Cachoeira, no dia em que os tambores dos terreiros baianos tocavam para Ogum. Funcionário da Penitenciária Lemos Brito, por 23 anos, seu espírito artístico o levou à Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, onde se diplomou em dezembro de 1960. Desde então, dedicou-se inteiramente à cultura. Participou de dezenas de peças teatrais, de vários filmes, de novelas e minisséries na televisão brasileira.





A cultura negra e o turismo



Os movimentos de resistência cultural dos afrodescendentes na Bahia ganham força a partir das décadas de 40 e 50, com a produção artística de Dorival Caymmi e Jorge Amado. A realidade das comunidades negras e o universo cultural de matriz africana recebem destaque e grande visibilidade nas obras desses dois artistas.

Tanto a música de Caymmi como a literatura de Jorge Amado reúnem um imenso arsenal simbólico sobre a cultura e a natureza do povo baiano. Trata-se, na verdade, da matriz simbólica que originou um conjunto de representações sobre a Bahia e a cultura do seu povo, onde a herança africana tem enorme destaque. Ainda hoje esses elementos permeiam o universo imaginário da celebrada diferença cultural da Bahia.

Segundo a antropóloga Goli Guerreiro²³, a partir dos anos 60, a produção cultural dos artistas baianos, recheada de referências ao candomblé e à mestiçagem, ocupou uma importante posição no imaginário nacional e incidiu decisivamente no incremento do turismo no estado. A Bahia passou a ser vista como “fonte mítica encantada”, como observa a antropóloga.

Nesse contexto, a Bahia oferecia o exotismo de uma religião ancorada na tradição de povos africanos, que desafiava a racionalidade ocidental. A invenção dessa religiosidade mestiça foi fonte de inspiração para artistas plásticos, como Carybé, Calazans Neto, Mário Cravo e Carlos Bastos que também ajudaram a legitimar o diferencial da cultura baiana. Não foi por acaso que o fotógrafo francês Pierre Verger e o artista plástico Carybé decidiram vir para a Bahia, depois de ler livros de Jorge Amado.

A presença de artistas e intelectuais no mundo do turismo foi potencializada pela atuação do escritor e jornalista Vasconcelos Maia, que, em 1960, assumiu a diretoria do primeiro órgão oficial de turismo. Além de investir em

²³ GUERREIRO, Goli. A cidade imaginada: Salvador sob o olhar do turismo. Revista Unifacs, v. 1, no 11, 2005 Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/viewArticle/192>. Acesso em 10 maio. 2009.

*A Festa de Iemanjá,
no Rio Vermelho, em
Salvador, que aconteceu
no dia 2 de fevereiro*





Carnaval no Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador

infraestrutura, ele apostou nas características culturais do estado para elaborar um estudo de marketing para o turismo.

Desde então, a cultura foi dominando a temática turística. Vasconcelos Maia organizava cursos para grupos de guias, em que eram tratados temas como história, arte, folclore, imaginário, candomblé e eram ministrados por estudiosos e especialistas famosos do estado. Além disso, era uma prática comum que artistas como Caymmi, Jorge Amado, Mário Cravo e Carybé recebessem visitas de grupos de turistas em suas casas. De acordo com o historiador Cid Teixeira, a colaboração de artistas e intelectuais famosos na atividade turística foi um dos trunfos de Vasconcelos Maia, que bebia na fonte de um movimento de grande ebulição cultural na Bahia.

Pensadores e intérpretes da alma negra da Bahia

Ao tempo em que a cultura de matriz africana ganhava visibilidade através das obras desses artistas, estudos antropológicos começaram a ser realizados dentro e fora da universidade. Os aspectos dessa cultura quase submersa foram objetos de alguns estudos de pesquisadores da primeira metade do século XX, como Nina Rodrigues e Edison Carneiro.

A partir da década de 60, porém, a cultura de matriz africana passou a ser estudada por vários pesquisadores, a exemplo do antropólogo Vivaldo da Costa Lima, e de estudiosos estrangeiros, como o sociólogo francês Roger Bastide. As pesquisas empreendidas por Costa Lima, na África, ganharam maior dimensão com Pierre Verger, o fotógrafo francês que se transformou em etnólogo e optou por beber na fonte original, ou seja, no continente africano, principalmente na República do Benin, de onde vieram para a Bahia os últimos contingentes de escravos. Desde então, vários estudiosos passaram a se dedicar ao tema.

Nina Rodrigues

Médico, etnólogo e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, o maranhense Raimundo Nina Rodrigues foi o primeiro estudioso a colocar o problema do negro brasileiro como um problema social, como uma questão de suma importância para a compreensão da formação racial da população brasileira. Embora realizados sob uma perspectiva nacionalista, cientificista e até mesmo racista, os estudos, que datam da virada do século XIX para o XX, ganham especial importância por terem sido feitos no dizer do próprio autor com “os últimos africanos da Bahia”. Suas contribuições estão nos livros: *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* (1900) e *Os africanos no Brasil* (1905).

Artur Ramos

Médico, antropólogo e folclorista alagoano, autor de importante obra sobre a etnografia afro-brasileira, em especial na área de cultos religiosos. Formado em 1926, pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, lecionou clínica psiquiátrica. Em 1934, publicou *O Negro Brasileiro*, livro no qual discute a religiosidade da cultura negra no país. Um ano depois, escreveu *O Folclore Negro do Brasil*. Em seguida,

realizou diversos estudos baseados na viagem que fez pelo continente americano e lançou *As Culturas Negras do Novo Mundo*. Toda a sua obra baseia-se na convicção de que para entender as diversas manifestações afro-americanas é necessário analisá-las onde ocorrem, para depois procurar raízes no continente africano.

Milton Santos

O professor Milton Santos, geógrafo e livre pensador brasileiro, foi doutor honoris causa de 12 universidades estrangeiras. Formou-se em Direito, em 1948, pela Universidade Federal da Bahia, foi professor em Ilhéus e Salvador. Em 1958, já voltava da Universidade de Estrasburgo, da França, com o doutorado em Geografia. Professor titular da USP, foi o único estudioso fora do mundo anglo-saxão a receber o Prêmio Vautrin Lud, que é considerado o Nobel de Geografia. Com a instalação da ditadura militar foi preso e exilado. De 1964 a 1977, ensinou em diversas universidades estrangeiras. Publicou mais de 40 livros, entre eles: *O Povoamento da Bahia*, *O Futuro da Geografia*, *Zona do Cacau*, *Por Uma Outra Globalização e Território e Sociedade no Século XXI*.

Edison Carneiro

Edison Carneiro foi etnólogo, historiador e folclorista e um dos maiores estudiosos das origens e influências do negro brasileiro. Formado em ciências jurídicas pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1936, iniciou a atividade de escritor e pesquisador, chegando a integrar a Academia dos Rebeldes, juntamente com Jorge Amado. Em 1939, fixou residência no Rio de Janeiro e assinou obras importantes como *Negros Bantus* (1937), *O Quilombo dos Palmares* (1947), *Candomblés da Bahia* (1948), *Folclore no Brasil* (1963) e *Religiões Negras* (1966).

Vivaldo da Costa Lima

Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, onde ensinou diversas disciplinas antropológicas, coordenou as pesquisas sociológicas e antropológicas do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). Foi, ainda, Leitor de Estudos Brasileiros nas universidades de Ibadã, na Nigéria, e de Gana. Durante muitos anos dirigiu o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Atualmente, dedica-se a estudos de Antropologia da Alimentação no Brasil. Publicou diversos livros sobre a cultura de matriz africana, como *A Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia* (1977), *Encontro de Nações de Candomblé* (1984) e *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África* (2005), entre outros.

Roger Bastide

Foi o sociólogo francês Roger Bastide quem conferiu ao candomblé o status sociológico de religião. Através do estudo *O Candomblé da Bahia, As Religiões Africanas no Brasil e Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, Bastide desenvolveu a tese de que o candomblé é uma recriação de uma África simbólica no Brasil, capaz de atenuar o sofrimento do negro em uma sociedade branca. Para



ele, os terreiros constituem-se numa forma pela qual o africano podia se transportar para a África e para a família que não pode ser refeita nos moldes africanos.

Pierre Verger

Verger desembarcou na Bahia em 1946 e foi logo seduzido pela hospitalidade e riqueza cultural de Salvador. Apesar de manter-se nômade, escolheu a Bahia para ser o seu porto seguro. Mas foi na África, em 1953, que ele viveu o seu renascimento, recebendo o nome de Fatumbi, “nascido de novo graças ao Ifá”. Além da iniciação religiosa, Verger começou nessa mesma época um novo ofício, o de pesquisador. O Instituto Francês da África Negra (IFAN) não se contentou com os dois mil negativos apresentados como resultado da sua pesquisa fotográfica e solicitou que ele escrevesse sobre o que tinha visto. A contragosto, Verger obedeceu. Depois, acabou se encantando com o universo da pesquisa e não parou nunca mais. Entre as suas principais obras encontram-se: *Notícias da Bahia – 1850, Oxóssi, o Caçador, Lendas dos Orixás*, 1981, *Orixás – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo, Lendas Africanas dos Orixás, As Sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas nas Caraíbas e na América Latina, Culturas Africanas, Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá e Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Baía de Todos os Santos dos Séculos XVII a XIX*.

Júlio Braga

Graduado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e doutor em antropologia, Júlio Braga é atualmente professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Seus estudos enfocam a Antropologia das Populações Afro-Brasileiras. Tem vários livros publicados, entre eles: *Candomblé, Tradição e Mudança, A Cadeira de Ogã e Outros Ensaio, Fuxico de Candomblé, Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia, Ancestralidade Afro-Brasileira, A Sociedade Protetora dos Desvalidos: uma irmandade de cor e O Jogo de Búzios: um estudo da adivinhação no Candomblé*.

Jéferson Bacelar

Graduado em Ciências Sociais, é professor da Universidade Federal da Bahia e coordenador do Convênio Ufba/Council on International Educational Exchange, da Ufba, e Tesoureiro Adjunto da Associação Brasileira de Antropologia. Suas obras principais: *Mário Gusmão: um Príncipe Negro na Terra dos Dragões da Maldade, A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos em Salvador e Faces da Tradição Afro-Brasileira*.

Jaime Sodré

Designer de profissão, doutorando em História Social, o pesquisador Jaime Sodré é especialista em candomblé de Nação Jeje e músico percussionista. Militante do movimento negro da Bahia, Sodré tem centenas de artigos publicados em jornais e revistas especializadas, atuando também como interlocutor frequente de entidades, instituições e órgãos governamentais.

Antonio Risério

Escritor, poeta, ensaísta, historiador e antropólogo, Risério mergulhou no universo da pesquisa antropológica, com ênfase nos aspectos identitários da cultura baiana. Participou do projeto de implantação do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. Tem feito roteiros de cinema e televisão e diversas composições, que foram gravadas por estrelas da música popular brasileira. Escreveu, entre outros, os livros *Carnaval Ijexá*, *Caymmi: Uma Utopia de Lugar*, *Textos e Tribos*, *Avant-Garde na Bahia*, *Oriki Orixá* e *Uma História da Cidade da Bahia*. Um dos seus últimos livros *A utopia brasileira e os movimentos negros* trata da questão racial no Brasil, especificamente da importação da política racial norte-americana para o Brasil, e constrói panoramas de aspectos culturais brasileiros, como, por exemplo, uma interessante descrição da trajetória do candomblé no país, desde os primeiros grandes terreiros de Salvador até a sua época áurea quando foi adotado pela elite artística-intelectual brasileira, nos anos 1960-70. Sua inquietude e profundidade fazem de Antonio Risério um dos mais importantes intelectuais da Bahia a lidar com a questão racial.

João Reis

Historiador e sociólogo, é professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Tem diversas pesquisas na área de história social e cultural da escravidão, resistência escrava, movimentos sociais, atitudes diante da morte, entre outros temas. Escreveu, dentre outros livros, *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, *Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835*, *Domingos Sodré, um Sacerdote Africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*, *Negociação e Conflito: resistência negra no Brasil escravista e Escravidão e Invenção da Liberdade*.

Renato da Silveira

Designer, artista plástico e antropólogo, Silveira é professor da Ufba, membro dos programas de pós-graduação das faculdades de Comunicação e História, onde atua na linha de pesquisa Escravidão e Invenção da Liberdade. Escreveu, entre outras obras, *A Força e a Doçura da Força: estruturas e dinamismo afro-brasileiro em Salvador da Bahia*, *Os Selvagens e a Massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental* e *O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de ketu*.

Luis Nicolau Parés

Nascido em Barcelona, na Espanha, Parés reside em Salvador desde 1998. É professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba, onde atua como pesquisador das religiões africanas e afro-brasileiras. Autor de numerosos artigos e capítulos de livros sobre o tema, publicou recentemente o livro *A Formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*.





Resistência cultural



1968 foi um ano-marco em todo o mundo. O ano da contestação generalizada e da transformação da era moderna. O mundo inteiro explodiu em 68. Agitações e passeatas se sucediam em todos os cantos e continentes. A palavra de ordem era contestação. Nas ondas dessa nova ordem, verificou-se, nos Estados Unidos, a ascensão do movimento *Black Power* e da luta contra o racismo, cujo líder maior, Martin Luther King, morreu assassinado nesse mesmo ano. A semente plantada pelo líder negro, porém, extrapolou a questão racial e deu início à formação de movimentos diversos de defesa dos direitos civis das minorias.

Em contraponto à revolucionária década anterior, os anos 70 foram marcados pela incorporação dos novos valores e pela experimentação desse rescaldo cultural. Na Bahia, foi exatamente nesse contexto que se retomou a luta de resistência cultural empreendida pelos afrodescendentes, fruto legítimo do movimento desencadeado nos Estados Unidos, desde 1954, por Rosa Parker, e, posteriormente, pelos Panteras Negras e pelas mensagens de Luther King e Malcom X, e dos jamaicanos Bob Marley e Jimmy Cliff.

Mas, ao contrário do que sucedia nos Estados Unidos, onde os negros queriam ser reconhecidos como americanos, o movimento desencadeado na Bahia assumiu uma nova feição, que se baseou na reafirmação da ancestralidade, na força das tradições que seus antepassados trouxeram da África e que, aqui, foram mantidas a duras penas, de forma submersa e, muitas vezes, escondida.

Aqui, os movimentos sociais da chamada negritude foram buscar na história dos antepassados o orgulho da raça, a autoestima perdida, a defesa de direitos elementares e a reparação pelas injustiças sofridas desde os tempos da escravidão. Apesar de política e cultural, a luta dessas organizações manteve sempre acesa uma vertente social e um ponto em comum: a preocupação com a oferta de oportunidades para as novas gerações.

Noite da Beleza Negra, no Ilê Aiyê



O negro nos currículos escolares

Uma das conquistas desses movimentos foi a incorporação, na década de 90, da história da África e dos afro-brasileiros nos currículos escolares da rede pública de ensino de Salvador. A conquista foi estendida a todas as escolas do país, em 2003, quando o Congresso Nacional aprovou a Lei 10.639/03 que prevê a mudança curricular no ensino médio e fundamental com a inclusão de conteúdo relacionado à luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o papel do negro na formação da sociedade nacional.

A cultura afro-baiana nasceu e foi cultuada dentro das senzalas, dos quilombos e dos terreiros de candomblé. O culto da religião africana, portanto, seria uma consequência natural numa cidade tão influenciada por esta ancestralidade.

A realidade das crianças e dos adolescentes afrodescendentes, no entanto, é outra. A predominância da religião católica sobre todas as outras inibia o culto ao candomblé. Os heróis da história da Bahia e do Brasil eram sempre brancos. O corpo humano utilizado como ilustração nas aulas de ciência era o do típico caucasiano. Tudo isso acabava por afastar da escola as crianças, adolescentes e jovens afrodescendentes que não se viam representados naquele universo.

Grupos culturais

Mobilizados pela cultura ancestral, crianças, adolescentes e jovens afrodescendentes puderam desenvolver habilidades artísticas e outras formas de conhecimento, que antes compunham apenas o cenário folclórico do estado. Embalados pelas metodologias da chamada arte-educação, aplicadas por grupos culturais, como o Olodum, o Ilê Aiyê, o Malê Debalê e muitos outros, milhares de jovens afrodescendentes experimentam hoje novas oportunidades, transformando as tradições dos antepassados em pura arte.

Grupo Cultural Olodum

Fundado em 1979 como bloco afrocarnavalesco, no coração do Pelourinho, em Salvador, o Olodum atualmente atua como uma organização não-governamental reconhecida como de utilidade pública pelo Governo da Bahia. Depois da estreia no Carnaval de 1980, o grupo conquistou dois mil associados e passou a abordar temas históricos relativos às culturas africana e brasileira. O primeiro disco, gravado em 1987, fez grande sucesso e o bloco começou a ser reconhecido internacionalmente como o mais importante grupo de percussão afro-brasileira. Na década de 90, começou a emprestar sua mistura de ritmos, que inclui batuques africanos, reggae, samba e ritmos latinos a artistas consagrados, como Paul Simon, Wayne Shorter, Michael Jackson, Jimmy Cliff e Herbie Hancock.

Paralelamente ao sucesso artístico, o grupo milita em movimentos sociais contra o racismo e pelos direitos civis e humanos e mantém uma grande obra social, através da Escola Olodum. Iniciada em 1983, com o *Projeto Rufar dos Tambores*, oferece apoio educacional complementar a crianças e jovens. Atualmente, atendendo a quase 400 meninos e meninas afrodescendentes,





o trabalho desenvolvido pela escola vai além da formação de novos artistas no cenário cultural baiano e brasileiro. O objetivo, na verdade, visa capacitar os alunos para o mercado de trabalho, particularmente, no campo artístico, utilizando a cultura africana e afro-brasileira como instrumento de construção de um novo conceito de educação e de cidadania.

O projeto pedagógico tem na sua base a teoria interétnica do professor e sociólogo Manoel de Almeida, educador e militante do movimento negro. Os fundamentos da pedagogia interétnica estão pautados na valorização da cultura afrodesendente e no cultivo da autoestima de diferentes grupos de uma sociedade multi cultural e diversificada, de tal forma que o ensino e o aprendizado dialogam entre si em condições de igualdade.

Entre as muitas oficinas, a Oficina de Percussão, com suas aulas práticas e teóricas, é a vitrine do trabalho desenvolvido pela Escola Olodum e se constitui numa possibilidade concreta de integração e ascensão social para os alunos que, além do conteúdo adquirido em sala de aula, têm oportunidade de viajar para muitos lugares e conhecer novas culturas.

Mas quem pensa que essa oficina é apenas festa, está redondamente enganado. Entre outros recursos, os alunos aprendem, por exemplo, os sistemas de escrita utilizados para representar graficamente uma música, para que no futuro eles possam ler uma partitura musical em qualquer lugar do mundo. A escola já colocou no mercado artístico mais de mil alunos, e seus processos de seleção levam em consideração as notas dos alunos na escola regular.

Os tambores do Olodum, no Pelourinho, Centro Histórico de Salvador



*Desfile do bloco afro Ilê Aiyê,
no Carnaval de Salvador*

Associação Cultural Ilê Aiyê

O Ilê Aiyê foi primeiro bloco afro a ser fundado no Brasil. Criado em 1974, no Curuzu-Liberdade, bairro de maior população negra do país, com 600 mil habitantes, tem a sua atuação marcada pela preservação, valorização e expansão da cultura afro-brasileira. Desde o seu nascimento, o bloco vem homenageando nações, culturas e países africanos e as revoltas negras brasileiras, que contribuíram para o processo de fortalecimento da formação de uma identidade étnica e da autoestima do negro brasileiro. Com isso, popularizou a história africana, vinculando-a à história do negro no Brasil. O Ilê é o único bloco afro que não permite a participação de brancos no seu desfile do Carnaval. A riqueza plástica e sonora exibida pelo Ilê Aiyê no Carnaval de Salvador tem atraído milhares de fãs no mundo inteiro. Com três mil associados, o Ilê Aiyê é hoje um patrimônio da cultura baiana, um marco no processo de reafirmação da maior festa popular da Bahia. Como o Olodum, a Associação Cultural

Ilê Aiyê atua em projetos sociais que têm por objetivo a inclusão social dos afrodescendentes. Ao todo, a associação desenvolve seis projetos.

Escola de Alfabetização Mãe Hilda

Baseada nos ensinamentos do candomblé da Nação Jeje-Nagô, comandado por Mãe Hilda dos Santos, o projeto pedagógico da escola é referenciado na arte-educação. Nesse sentido, as músicas do bloco passaram de simples “cantar para motivar” para ser a “lição” do dia, trabalhada de forma interdisciplinar.

Escola de Percussão, Canto, Dança e Cidadania Band’Erê

Criada no final da década de 80, para renovar os quadros artísticos da Band’Aiyê, a partir de 95, tornou-se uma escola de formação integral para a cidadania de alunos e alunas. Divididos em quatro grupos de 25 participantes, crianças e adolescentes recebem os ensinamentos de história afro-brasileira, interpretação e linguagens, ritmos musicais, canto, dança e saúde do corpo.

Projeto de Extensão Pedagógica (PEP)

O Projeto de Extensão Pedagógica (PEP) do Ilê Aiyê foi criado em 1995, com o objetivo de sistematizar e ampliar, inicialmente para as escolas da Liberdade, as ações educacionais utilizadas pela associação desde a sua fundação. Para concretizar a ideia, o Ilê Aiyê foi buscar parcerias com diversas instituições, que passaram a apoiar e a acompanhar as ações realizadas pelo grupo. Nas escolas da rede pública, são oferecidos cursos, onde professores, supervisores e orientadores educacionais aprendem sobre a história e a cultura afro-brasileira, além de desenvolverem o pensamento crítico em relação a temas de interesse da comunidade negra. A capacitação é realizada por educadores do próprio PEP.

Escola Profissionalizante do Ilê Aiyê

Através de diversos cursos profissionalizantes, a escola tem o objetivo de capacitar afrodescendentes para o mercado de trabalho. São realizadas várias oficinas, como a de ajudante de cozinha, estética afro, fabricação de instrumentos de percussão, corte e costura e confecção de bolsas e calçados.

Senzala do Barro Preto

É um espaço destinado à divulgação e valorização da cultura negra, além de funcionar como centro cultural para a comunidade do bairro da Liberdade/ Curuzu, em Salvador. O Centro Cultural Senzala do Barro Preto tem 4.500 metros quadrados e está dividido em oito pisos. Ainda em construção, a estrutura abriga ensaios da Band’Aiyê, oficinas de dança, percussão, oficinas de pintura e serigrafia, oficinas de confecção de calçados, figurinos e adereços, educação profissionalizante, notadamente no campo cultural, educação formal via ensino fundamental – Escola Mãe Hilda, educação especial para adolescentes, jovens e adultos, estúdio de gravação, biblioteca e videoteca, laboratório de informática e auditório.



Jovens norte-americanos visitam a Associação Cultural Ilê Aiyê



O performer e agitador cultural
Carlinhos Brown

Carlinhos Brown e o Candyall Guetho Square

A criatividade efervescente que o cantor e compositor Carlinhos Brown mostra na música é extensiva aos trabalhos de cunho social que vem realizando no bairro do Candeal. Região de negros livres desde o século XVIII e bairro onde ele nasceu e se criou, o Candeal é palco de alguns empreendimentos do cantor e também de uma rede de solidariedade desenvolvida através das batidas dos tambores, e da cultura, como principal patrimônio para o desenvolvimento e sustentabilidade da comunidade.

O Candeal tornou-se um celeiro musical e se notabilizou por consolidar a música como alternativa de vida, criando perspectivas profissionais para os jovens dessa comunidade. O engajamento da população nesse processo de parceria com instituições públicas e privadas transformou a imagem tradicional das favelas brasileiras e converteu o bairro em um modelo de desenvolvimento comunitário a ser seguido, conquistando o reconhecimento nacional e internacional através de vários prêmios sociais.

Ao tempo em que assina alguns dos empreendimentos culturais mais interessantes da cidade, como o Museu do Ritmo, Candyall Guetho Square, Citódio Ilha dos Sapos, Candombles, Zárabes e Timbalada, Brown desenvolve projetos sociais, tão ou mais criativos, através da Associação Pracatum Ação Social (Apas).

Criada por Brown com o objetivo de desenvolver um trabalho fundamentado no tripé “educação e cultura, mobilização social e urbanização”, a organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, tem como missão a melhoria da qualidade de vida dos moradores através do desenvolvimento comunitário e de programas educacionais e culturais. As iniciativas sociais da Apas caracterizam-se pela preocupação com a inserção dos jovens da comunidade do Candeal no mercado de trabalho e no mundo. Entre os principais projetos desenvolvidos pela associação destacam-se: Pracatum Escola de Música, Tã Rebocado, Pracatum Moda, Pracatum Inglês, Escola Infantil Virgen de la Almudena, Menino é Bom, Grupo Pracatum, Ebanóises, Hip Hop Roots e Candombles.

Muzenza

O bloco afro Muzenza nasceu em maio de 1981, no bairro da Liberdade, inspirado no reggae jamaicano de Bob Marley. Muzenza é uma palavra Bantu, de origem quimbundo e quicongo, utilizada no candomblé de Angola, para designar o noviço, iniciado e também um dos toques dos atabaques usados na saída dos iniciados, tem o mesmo significado que iyawô do candomblé ketu.

Na época, o grupo consolidou-se como bloco de carnaval, fazendo explodir o reggae de rua através de sua banda percussiva. Aos poucos, o Muzenza consolidou-se como um dos blocos que desenvolvem o maior número de variações rítmicas no Carnaval de Salvador. Em 1988, o grupo lançou o seu primeiro disco, *Muzenza do Reggae*, pela Continental. Hoje, além de bloco afro

de destaque, o Muzenza realiza um trabalho sócio-educativo junto à comunidade de origem afrodescendente, desenvolvendo capacitação profissional, através de oficinas de desenho, pintura, dança e confecção de instrumentos musicais.

Os Negões

O Bloco Afro Os Negões foi criado por um grupo de militantes, artistas e esportistas que frequentavam juntos as festas de largo de Salvador, mas no Carnaval sempre se dividiam entre os diversos blocos afros da cidade. Para não continuar separados durante a folia, decidiram criar o bloco Os Negões de 1,80m. Em 1995, passaram a permitir o ingresso de mulheres e homens com menos de 1,80m de altura. Em 2000, o bloco criou o Fórum das Entidades Negras, juntamente com Ilê Aiyê, Muzenza e Malê de Balê. O bloco oferece curso pré-vestibular em parceria com a Universidade Estadual da Bahia e realiza um projeto de qualificação para presidiárias. Além disso, mantém o projeto Capoeira e Cidadania, que envolve alfabetização de jovens e adultos, oficinas de dança e percussão.

Cortejo Afro

Criado em 2 de julho de 1998, dia da Independência da Bahia, pela comunidade de Pirajá, o bloco nasceu dentro dos limites de um terreiro de candomblé o Ilê Axé Oyá. Sua proposta é levar ao Carnaval de rua de Salvador toda autenticidade e força da cultura negra sob inspiração e orientação espiritual da sacerdotisa Mãe Santinha, uma das mais respeitadas mães-de-santo da Bahia. O bloco desfila com roupas exuberantes e uma coreografia rica em movimentos ligados à cultura afro. Idealizado pelo artista plástico e designer Alberto Pitta, o Cortejo vem se destacando como um dos mais criativos blocos afros da Bahia. A intenção é resgatar as cores, sons e ritmos do Carnaval. Daí a introdução predominantemente do branco sobre branco, o azul e prata que são cores de Oxalá. Já os grandes sombreiros, usados na ala de frente do bloco, visam passar o visual dos reinados das tribos africanas, especialmente de Benin, Costa do Marfim, dentre outros países africanos. Vale destacar que o Cortejo Afro produz as fantasias e adereços na própria comunidade.



Apresentação do Cortejo Afro no Carnaval de Salvador. Ao lado, desfile dos Filhos de Gandhi, no Campo Grande



Filhos de Gandhi

Os Filhos de Gandhi é o afoxé mais antigo. Foi fundado em 1949, por um grupo de estivadores do cais do porto de Salvador, que, por falta de recursos, decidiu confeccionar suas fantasias a partir de lençóis brancos. Barris de mate e couro foram os materiais usados para fabricar os tambores utilizados no acompanhamento do cortejo. O nome do afoxé foi sugerido pelo seu idealizador, Durval Marques da Silva, o Vavá Madeira, inspirado na vida do líder pacifista Mahatma Gandhi, trocando, entretanto, a letra “i” por “y”, para evitar possíveis problemas pelo uso do nome de uma importante figura do cenário mundial. Até hoje o afoxé mantém a tradição **do ijexá, no ritmo e nas roupas**.

Filhos do Congo

O ijexá também é o ritmo do afoxé Filhos do Congo. A sua atual formação é de 1979, mas sua origem remonta ao século XIX, a agremiação Congos d’África. O grupo foi fundado por um babalorixá chamado Rodrigo, que era do Engenho Velho da Federação. Com estrutura de afoxé, eles desfilavam pelas ruas, indo de casa em casa. O roteiro incluía a Baixa dos Sapateiros e a Barroquinha. O afoxé ficou um tempo sem sair e só foi retomado por um filho de Rodrigo, Salvador, que, na década de 40, mudou o nome do afoxé para Filhos do Congo, mas esta formação manteve-se por pouco tempo.

Em 1979, Nadinho do Congo, ainda sem saber da história, resolveu fundar um afoxé usando o mesmo nome. Somente anos depois, é que, através de descendentes do babalorixá, tomou conhecimento das duas agremiações. Hoje, o Filhos do Congo desfila com uma média de 700 associados. O diretor do afoxé, Nadinho do Congo, é presidente da Associação dos Afoxés, que congrega oito entidades, que, durante o Carnaval, se revezam no Circuito Batatinha, no Centro Histórico de Salvador. Atua também em projetos sociais, oferecendo oficinas de artesanato e de produção de sacolas e roupas.

Ara Ketu

Um dos mais tradicionais blocos de carnaval de Salvador, o Ara Ketu, cujo nome significa Povo de Ketu, foi criado em março de 1980, em Periperi, Subúrbio Ferroviário da capital baiana. A ideia de se criar mais um bloco partiu de um grupo de foliões disposto a também desfilarem no Carnaval da Bahia. A escolha do nome, a temática das fantasias e das músicas demonstram uma preocupação com a preservação e divulgação da cultura afro-baiana. O Ara Ketu sempre adotou uma postura anti-racista, não discriminando cor, sexo ou religião entre os integrantes de suas hostes. Desde a sua fundação, o bloco leva para as ruas de Salvador temas alusivos à cultura africana e sua influência na Bahia. O bloco promove também ações sociais, através do Instituto Ara Ketu, fundado em 1997. Atualmente, assiste 320 jovens carentes do subúrbio de Salvador. O foco principal é a educação de crianças pelo esporte e a qualificação profissional de adolescentes com o Programa *Quero trabalhar*.



Malê Debalê

A referência às lutas sociais dos negros na Bahia é marca do bloco afro Malê Debalê, cujo nome homenageia a Revolta dos Malês, o levante de negros muçulmanos ocorrido em 1835, em Salvador. O bloco é considerado o maior balé afro do mundo, por realizar apresentações com dois mil dançarinos atuando conjuntamente. O bloco foi fundado há 30 anos, no bairro de Itapuã, numa comunidade próxima à Lagoa do Abaeté. Realiza também um importante trabalho, através de uma escola regular que atende cerca de 400 alunos.

Associação Cultural de Capoeira Mangangá

O primeiro artista a colocar a capoeira nos shows musicais foi o cantor, compositor, publicitário, produtor cultural e mestre de capoeira Antônio Carlos Gomes Conceição, conhecido como Tonho Matéria, ex-vocalista do Olodum e do Araketu. Começou a trabalhar aos oito anos de idade, ajudando sua mãe a vender acarajé. Em 1976, com 12 anos, resolveu que queria ser capoeirista, porque nas festas de largo de Salvador via muitas rodas de capoeira. A paixão

*Apresentação do Bloco afro
Malê Debalê no Carnaval
de Salvador*





de infância de Tonho pela capoeira virou realidade para mais de 400 crianças e adolescentes de bairros carentes, que são beneficiados pelo trabalho social que o já famoso cantor e compositor Tonho Matéria desenvolve através da Associação Mangangá. Inicialmente restrita ao bairro onde seu fundador nasceu, hoje já tem filiais nos bairros do IAPI, Sete de Abril, Águas Claras, Castelo Branco, Stiep, Nova Brasília e Caixa D'Água, em Salvador, e também nos municípios de São Roque do Paraguaçu, Lauro de Freitas e Simões Filho.

Evento promovido pela Associação Cultural de Capoeira Mangagá

Projeto Axé

Apesar de não fazer parte dos movimentos de resistência cultural de afrodescendentes, o Projeto Axé, fundado em 1990, pelo italiano Cesare La Rocca, vem contribuindo, sobremaneira, para elevar a autoestima de jovens negros de Salvador. Voltado para arte-educação, o projeto tem por base o conceito instrumental da arte não como um instrumento para educar, mas sendo ela própria, educação. O projeto criou a figura do educador de rua, que estimula permanentemente os jovens a construírem um projeto de vida novo e renovador, no qual eles passarão a se reconhecer não apenas como *sujeitos de direito*, mas também, *sujeitos de desejo*. O projeto funciona no Pelourinho e procura trabalhar sempre dentro do universo real vivenciado pelos afrodescendentes, inclusive na estética.





Segmento étnico-afro no turismo da Bahia



Salvador é a cidade mais negra do mundo fora da África. Mais de 80% da população é afrodescendente. A comida, a religião, a cultura, a música, a dança e a arte provenientes dos povos africanos são marcantes na cultura baiana. O trabalho que vem sendo realizado com o segmento turismo étnico-afro abrange a formatação de atrações, circuitos, roteiros específicos, além de conteúdos que podem ser trabalhados e formatados. Dentro desses roteiros, está prevista a visita aos terreiros de candomblé – com aulas de preservação do patrimônio religioso e o respeito às tradições. Além disso, a Setur desenvolveu um calendário de eventos com motivação étnica-afro, que serve de guia para que o visitante chegue à Bahia e encontre uma programação diária diferenciada, em qualquer época do ano.

Circuitos Turísticos

Circuito turístico é geralmente entendido como um conjunto de municípios de uma mesma zona turística, dotados de atrativos naturais e culturais, infraestrutura de acessos e serviços, que detêm afinidade temática e se organizam para receber turistas que se deslocam no seu território em programas de visita itinerante, por diversas localidades da região.

A denominação *circuito* tem origem na tradução da palavra francesa *tour*, que no Brasil usamos para definir um determinado roteiro turístico. Considerando a acepção original do termo, *tour* pode, então, ser definido também como um circuito implantado de forma racional, a fim de promover a integração de diversos atrativos em uma determinada região e, conseqüentemente, estender a permanência do turista naquela localidade.

Para ser considerado como tal, o circuito deve compreender uma determinada área geográfica que se caracterize pela predominância de certos elementos da cultura, da história e da natureza que possa seduzir o viajante,

*Lavagem da Igreja do Senhor
do Bonfim, em Salvador*



com o objetivo de ampliar o fluxo e a permanência do turista, com consequente geração de emprego e renda para a população local.

Considerando a grande diversidade de atrativos turísticos no segmento étnico-afro, em Salvador, concentrados em áreas geográficas amplas e distintas, a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur) propõe a formação de três circuitos turísticos para que o visitante interessado possa aproveitar melhor, e de forma racional, todo potencial cultural contido nesse segmento temático.

Além de Salvador, a Setur propõe também a criação de circuitos temáticos nas zonas turísticas da Chapada Diamantina e na Costa do Dendê, além da região do Recôncavo Baiano, onde se encontram os municípios de Cachoeira, Santo Amaro, São Félix, Maragojipe e Nazaré, municípios que receberam fortemente a influência de matriz africana na sua formação.

Na Bahia, a formação de outros circuitos temáticos nas zonas turísticas da Chapada Diamantina e do Vale do Jiquiriçá já mobiliza prefeituras e o trade turístico na formatação de roteiros e na venda de pacotes temáticos. Em Salvador, a criação de circuitos atende também à reivindicação das entidades representativas desse segmento da população, que veem no turismo étnico-afro uma forma de estender à população afrodescendente os benefícios econômicos gerados pelo turismo.

Os estudos preliminares realizados pela Setur apontam para a formação de três grandes circuitos étnico-afros, em Salvador: Centro Antigo-Pelourinho-Cidade Baixa, Curuzu-Liberdade e Subúrbio Ferroviário.

*Igreja de São Francisco, no
Centro Histórico de Salvador*



No Recôncavo, a Setur optou por propor a criação de dois circuitos temáticos: o religioso e o quilombola. O primeiro contempla as religiões de matriz africana, o sincretismo religioso e a herança cultural. O segundo abrange as comunidades remanescentes dos quilombos e o arsenal simbólico do período escravocrata.

Para a Chapada Diamantina e a Costa do Dendê, a Setur propõe a formação de dois circuitos relacionados às comunidades quilombolas, cada um voltado para as características próprias da região e das comunidades quilombolas a serem visitadas.

Vale destacar que essas comunidades, hoje, já mantêm um nível elevado de conscientização das suas potencialidades turísticas. Em algumas delas é possível encontrar serviços turísticos que vão desde receptivo até hospedagem e culinária típica.

Salvador

A capital baiana é a cidade mais negra fora da África. Nada mais natural, portanto, que concentre os principais atrativos desse segmento, seja nas festas, na dança, na religião, na música, na gastronomia, ou mesmo no modo de vida simples das suas comunidades.

Circuito Centro Antigo – Pelourinho – Cidade Baixa

Nessa área da cidade, encontram-se atrativos religiosos, como igrejas e terreiros; patrimônio arquitetônico, como o próprio conjunto do Pelourinho; centros de cultura popular, a exemplo do Mercado Modelo e da Feira de São Joaquim, nos quais se encontram artesanato; espaços gastronômicos, com opções diversas da culinária afro-baiana; outros bens do patrimônio histórico e cultural, como shows, e a sede do bloco afro Olodum e sua escola; manifestações culturais, como a capoeira, além dos locais onde os líderes das rebeliões africanas foram mortos e expostos à execração pública.

Circuito Curuzu-Liberdade

O bairro da Liberdade é o mais negro de Salvador e possui um contingente populacional de mais de 600 mil pessoas. É aqui, mais precisamente na localidade denominada de Curuzu, que fica a sede do bloco Ilê Aiyê e do seu Centro Cultural. Nesse universo, estão simbolicamente representados o modo de vida das comunidades afrodescendentes e a cultura de matriz africana em toda sua extensão, desde festas, música, danças, estética negra, religiosidade e culinária, além do trabalho social desenvolvido pelo Ilê Aiyê.

Circuito Subúrbio Ferroviário

Trata-se de um circuito que abrange uma área que até mesmo muitos soteropolitanos desconhecem. Além da enorme beleza natural, esse circuito concentra a maioria dos terreiros de candomblé da cidade. Com cultura bem peculiar, aqui o modo de vida das comunidades africanas é naturalmente reproduzido. A culinária diferente da típica cozinha afro-baiana destaca-se nos



pratos à base de frutos-do-mar e também nos considerados regionais, feitos a partir das vísceras dos animais, como o sarapatel (miúdos de porco), a rabada (rabo de boi), a buchada (miúdos de carneiro).

Recôncavo

Os municípios que compõem a região do Recôncavo sofreram grande influência da cultura africana, principalmente dos negros de origem bantu, recrutados para trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar. A região é potencialmente turística, mas se apresenta, particularmente, atrativa para o turismo étnico-afro.

Circuito Religioso

Nesse circuito, a grande vedete é a Irmandade da Boa Morte, de Cachoeira. As festas religiosas realizadas pela irmandade, as vestimentas especiais e os rituais do culto já são objeto do interesse do turista desse segmento. Aliado à diversidade de terreiros de candomblé encontrados em toda a região, esse atrativo por si só já possibilita o aumento do fluxo turístico e do período de permanência do turista na região.

Circuito Quilombola

As comunidades remanescentes de quilombos ainda se mantêm em toda a região do Recôncavo, a exemplo de Dendê, Engenho da Ponte, Calembá, São Tiago do Iguape e Caonge. A vida dos escravos nesses municípios pode ser conhecida nos antigos engenhos, muitos deles ainda bem preservados. No Museu Wanderley de Pinho (Museu do Recôncavo), abrigado em um antigo engenho de cana-de-açúcar, estão expostos alguns elementos da cultura escravagista do período colonial, inclusive ferramentas que eram usadas como instrumentos de tortura nos escravos. As festas, a música, as danças e a culinária do Recôncavo refletem aspectos culturais bem diferentes daqueles encontrados em Salvador.

Chapada Diamantina

Aqui são as visitas aos povoados de Bananal e Barra, no município de Rio de Contas, antigos quilombos e até hoje habitados predominantemente por negros, que mantêm vivas as tradições de origem africana. O Circuito Quilombola da Chapada Diamantina abrange as comunidades quilombolas de Rio Santo Antônio e Remanso, em Lençóis, e as de Barra, Bananal e Riacho das Pedras, em Rio de Contas.

Costa do Dendê

As manifestações populares como o Zambiapunga são exemplos da representação da cultura afro da região. A cultura do dendê e seus derivados são símbolos associados à culinária afro-baiana. Na Costa do Dendê, o circuito quilombola perpassa os municípios e Maraú e Camamu, nas comunidades de Empata Viagem, Piracanga, Torrinha, Boité, Terra Seca, Águas Vermelhas, Burudanga, Coduru, Garcia, Jaqueira e Orojó, dentre outras.



*Camamu, na
Costa do Dendê*

Roteiros existentes e propostos em Salvador e no Recôncavo

Em cada um dos circuitos propostos pela Setur, já existem roteiros comercializados por agências de turismo. Neste trabalho, propomos a formatação de alguns. Entretanto, pelo exposto, acreditamos que novos roteiros devem ser elaborados a partir do potencial aqui destacado.

Roteiros já existentes

1. Bahia-afro: A cultura que resiste – Viver Afro em Salvador

(roteiro comercializado pela agência de viagem Cultour)

Na Bahia, sexta-feira é dia de vestir branco. Descobrir a origem deste e de outros costumes é a proposta deste roteiro. A Bahia é o estado com a maior população afrodescendente do Brasil. Diversos povos oriundos da Mãe África marcaram profundamente a cultura do nosso estado em suas diversas expressões: a música, a gastronomia e a religiosidade. Descobriremos quem eram os africanos trazidos e as tradições deles na terra materna. Entenderemos também como se dava a dinâmica social da vida colonial e o papel dos escravos urbanos. A livre movimentação deles nas ruas da cidade dava a impressão de uma “falsa liberdade”, em comparação com os escravos das plantações.

Essa mesma pseudoliberalidade levou-os a se organizarem em irmandades religiosas – católicas de fachada, mas de culto africano na realidade –, chegando

Baianas no largo do Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, em frente ao Museu da Cidade e à Fundação Casa de Jorge Amado





Acarajés. Abaixo, escultura do acervo do Museu Afro-Brasileiro, Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador



até conseguir uma igreja própria. Os homens de fé das irmandades tiveram um papel social muito importante na assistência aos escravos. Assim como a fé entre os homens levou os negros alforriados a constituírem a primeira sociedade civil a ter assistência previdenciária e crédito para os negros marginalizados, que até hoje presta auxílio aos necessitados. A maioria dos escravos urbanos trabalhava com a venda de quitutes. As mais famosas eram as baianas do acarajé que guardavam, e ainda guardam, o segredo das “bolas de fogo”. Depois de mais de 500 anos, ainda hoje os afrodescendentes da Bahia continuam preservando as próprias tradições culturais. O viver afro continua influenciando o cotidiano dos baianos de todas as raças, mas é nos guetos de negros que isso é mais radicado.

Itinerário temático

Mãe África

- Museu Afro-brasileiro

Homens de fé

- Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos
- Irmandade do Rosário dos Homens Pretos

A fé entre os homens

- Sociedade protetora dos desvalidos

O segredo das “bolas de fogo”

- Memorial das baianas

Viver Afro

- As ruas e os moradores de uma comunidade quilombola urbana
- Wa-jeun (almoço com samba de viola)
- Terreiro de candomblé (apresentação de capoeira)

2. Caminhos dos Orixás (roteiros comercializados pela agência de viagem Afrotours)

Os roteiros comercializados pela Afrotour são denominados de *Caminhos dos orixás* e abrangem *tours* históricos e sociais afro-religiosos. Nesses *tours*, a agência oferece sightseeing dos pontos turísticos da cidade, com visitas a alguns terreiros afro-religiosos, durante o dia. Além disso, a agência oferece a possibilidade de participação em cerimônia religiosa na parte da noite.

• Caminho de Xangô

Visita ao Ilê Axé Opô Afonjá, para participar de uma pequena cerimônia, o *Amalá de Xangô*, realizada todas as quartas-feiras pela manhã, como prevê o calendário da casa. Além disso, visita às dependências do terreiro: biblioteca, museu da própria casa, escola comunitária.



- ***Caminho de Oxalá***

Turismo pelas principais casas de axé de Salvador, em função da proximidade – Casa Branca, Ilê Axé Oxumaré e o Gantois –, visitando seus museus e projetos sociais e sentindo o poder dessa magia da fé de origem africana. Esse *tour* acontece sempre à tarde, em qualquer dia da semana.

Oferendas para Iemanjá, dia 2 de fevereiro, na festa em sua homenagem

- ***Caminho d'Oxum***

Panorâmico da periferia: conhecendo as margens da cidade, a agência apresenta, em primeira mão, um roteiro do contexto de distância do centro da cidade à periferia, revelando uma atmosfera diferente e incomum no turismo, com um percurso que começa na Feira de São Joaquim até a Ribeira, com visita à Igreja do Senhor do Bonfim.

- ***Caminho de Iemanjá***

Sight seeing de todas as praias, lagos e lagoas ao longo dos 20 km da Orla Marítima de Salvador: Barra, Rio Vermelho, Lagoa do Abaeté, Itapuã. Introduzindo, entre outras, a história do Jardim de Alá, Praia de Itapuã, as festividades celebradas em cada lugar, os parques, e toda a energia da Bahia, terra de mar e águas.





- ***Caminho d'Ogun***

Passeio pela área tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade, como o Mercado Modelo, Elevador Lacerda e Pelourinho, até Santo Antônio Além do Carmo, com visita à Igreja do Rosário dos Pretos.

- ***Caminho Omolu***

Toda segunda-feira, com visita à Igreja de São Lázaro. Visitação aos principais pontos histórico-geográficos da Barra, terminando no Rio Vermelho, onde se podem degustar os mais famosos acarajés da Bahia.

- ***Caminho da Baía de Todos-os-Santos.***

Opções para visita a toda a costa da Bahia: Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Cacau, Costa do Descobrimento, Costa das Baleias e, é claro, a Baía de Todos-os-Santos (passeio de escuna).

Roteiros sugeridos

A grande diversidade de atrações do turismo étnico-afro de Salvador possibilita a formação de roteiros temáticos específicos. Na sequência, sugerimos a composição de aspectos e elementos da cultura de matriz africana que podem se constituir em roteiros.

Ao lado, vista da Baía de Todos-os-Santos e do Forte de São Marcelo. Abaixo, vista da praia em Morro de São Paulo



1. Axé do Recôncavo (Abordagens temáticas)

(Proposto por Lúcia Aquino e Regina de Almeida Sousa²⁴)

- ***Caminhos de Ogum***

CONTEÚDO: Saída de Salvador – A colonização brasileira – Histórico das favelas – Movimento abolicionista – Fluxo e refluxo do tráfico negreiro – Solidificação de uma religião – A religião na arte e na literatura.

- ***Sob a proteção de São Mauro e dos Orixás***

CONTEÚDO: Histórico da cidade de Santo Amaro – Sincretismo religioso – Casa grande e senzala.

- ***A feira de Ialaxê***

CONTEÚDO: Feira de Santo Antônio – Elementos e símbolos das religiões afro-brasileiras.

- ***Na subida do Ilê***

CONTEÚDO: Visita ao Ilê Axé Oju Onirê – Relação entre o terreiro (terreiro de característica urbana) e a cidade – Babalorixá Pai Pote – Terreiro Ilê Axé Omi Oromi Oxum – Localizado na saída de Santo Amaro, sentido Cachoeira – Babalorixá Pai Jorge.

- ***Na casa das Iabás***

CONTEÚDO: A cidade de Cachoeira – Pequeno passeio a pé, focalizando a arquitetura civil e religiosa.

- ***Comida de Axé***

CONTEÚDO: Parada para almoço

- ***Encontro com Oxum***

CONTEÚDO: Beira-rio, visita a galerias e museus da cidade.

- ***O povo do Axé***

CONTEÚDO: Irmandade da Boa Morte – Visita a terreiros das nações Jeje, Nagô e Angola.

- ***É hora de recolher***

CONTEÚDO: Pernoite – Pequeno giro na beira-rio – Jantar

*Fábrica de charutos, em São Félix,
Recôncavo Baiano*



²⁴ AQUINO, Lúcia; SOUSA, Regina A. Caminhos do Recôncavo: *Proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo Baiano*. Salvador: Unifacs, 2009.



- **O caminho do homem**

CONTEÚDO: Ponte D. Pedro II – Fábrica de charutos – Ligação Maragojipe – Povoados de Nagé e Coqueiros.

- **Quem rola pedra na pedreira é Xangô**

CONTEÚDO: Cachoeira da Jurema – Igreja de São Bartolomeu – Porto de Maragojipe.

- **Mexendo o amalá**

CONTEÚDO: opcional – parada para almoço

- **Deixando o Ilê**

CONTEÚDO: Fechamento do roteiro – A construção de um mapa mental – preenchimento de formulários para futuros *feedback*

2. Roteiro Bahia de Todas as Cores

(Sugestão da Coordenação de Turismo Étnico-afro da SETUR)

Intinerário 1 – Centro Histórico

9h – City tour no Centro Histórico / Pelourinho, Praça Municipal (local onde foi erguida a antiga cidade fortaleza), Santa Casa da Misericórdia, Cruz Caída, Museu Afro-Brasileiro, Terreiro de Jesus, Igreja de São Francisco, diversas lojas e ateliês de moda afro, na Rua das Laranjeiras. Igreja do Rosário dos Pretos, Museu Abelardo Rodrigues, Fundação Casa de Jorge Amado, Forte de Santo



Ponte Dom Pedro II sobre o rio Paraguaçu, ligação entre os municípios Cachoeira e São Félix



Solar do Unhão, onde funciona o Museu de Arte Moderna (MAM).

Antônio Além do Carmo (local onde funciona o Forte da Capoeira). Sugestão de almoço no centro da cidade, onde se encontram diversas opções de restaurantes típicos e tradicionais da Bahia, frequentados por intelectuais e artistas da terra.

Intinerário 2 – Subúrbio Ferroviário

9h – Saída para a Estação da Calçada para pegar o trem rumo a Plataforma, passando pelas belas paisagens das praias do Subúrbio Ferroviário. Retorno de escuna para a Ribeira. Parada para almoço em um dos muitos restaurantes que ficam localizados à beira-mar.

Intinerário 3 – Cidade Baixa

9h – Deslocamento para a Feira de São Joaquim. De lá seguiremos para a Igreja do Bonfim e a Ponta do Humaitá, em Monte Serrat. Parada para o almoço no local, onde existem várias barracas de praia e restaurantes especializados em frutos-do-mar. Após o almoço, saída para o Mercado Modelo, com tempo para compras. Fechando a programação do dia, vamos apreciar o pôr-do-sol no Solar do Unhão, onde fica o Museu de Arte Moderna (MAM).

Intinerário 4 – Federação

9h – Visita à Igreja de São Lázaro, no bairro da Federação. Neste bairro estão localizados diversos terreiros, como o do Gantois e o da Casa Branca (Vasco da

Gama). Na sequência, parada no Dique do Tororó, onde estão expostas grandes esculturas dos orixás. Parada para o almoço. No entorno do Dique existem vários restaurantes especializados em culinária regional da Bahia.

Intinerário 5 – Pelourinho

Café da manhã no Museu da Gastronomia Baiana, do SENAC – Pelourinho, com visita orientada. Parada para o almoço no próprio Pelourinho. À tarde, passeio de escuna, na Baía de Todos-os-Santos.

Intinerário 6 – Recôncavo

Opção 1

7h – Saída de Salvador (via ferry-boat) em direção a Jaguaripe, Nazaré Maragojipe, São Félix e Cachoeira, com visitas às comunidades quilombolas da região, a sede da Irmandade da Boa Morte, engenhos de cana-de-açúcar e passeios pelas cidades para apreciar a arquitetura colonial e outras atrações. Retorno às 17h pela BR-324.

Opção 2

Saída de Salvador, passando por Santo Amaro para conhecer a Feira Livre, depois Cachoeira, visita à Irmandade da Boa Morte, almoço em Cachoeira. Visita ao terreiro de candomblé de Mãe Filhinha (integrante da secular Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte), visita a Maragojipe e retorno a Salvador via São Roque, Ilha de Itaparica, de ferry-boat.



Recomendamos

Banho de pipoca todas as segundas-feiras, em São Lázaro.
Samba-de-roda no Mercado Modelo, todos os sábados, das 17 às 19h.
Ensaio do Ilê Aiyê na Senzala do Barro Preto, todos os domingos, às 22h.
Ensaio do Olodum no Pelourinho, todos os domingos, às 20h.
Visita ao Pouso da Palavra, em Cachoeira, para adquirir suvenires.
Trançar o cabelo em casas especializadas.

Conteúdos temáticos para elaboração de roteiros em Salvador (Propostas da Setur)

Salvador Negra Cor (Centro Antigo – cultural)

Reúne os elementos e aspectos da cultura negra, disponíveis no Centro Antigo da cidade, desde o Pelourinho e das igrejas situadas no seu entorno, até a Feira de São Joaquim, Mercado Modelo e de equipamentos culturais, a exemplo do Bar Cantina da Lua, antigo reduto boêmio do povo negro da Bahia.

Caminhos do Subúrbio

Abrange as belezas naturais, o modo de vida dos habitantes do subúrbio e a peculiaridade da culinária. Um componente de destaque em roteiros nesta área da cidade é o passeio de trem. Partindo da Estação Ferroviária, segue-se

Penteados afros feitos pela Negra Jô, no Pelourinho, e baiana preparada para o tradicional banho de pipoca, em São Lázaro



pela Península Itapagipana, território ocupado, até o século XVI, pelos índios Tupinambás. Hoje, o local possui grande diversidade étnica firmada na resistência cultural. As belezas paradisíacas do lugar acompanham toda a viagem. Passando pelas estações de Santa Luzia, Lobato, Almeida Brandão, Itacaranha, Escada, Plataforma, Praia Grande, Periperi, Coutos e Paripe, é fácil entender o glamour dessa região, tão citada na obra de Jorge Amado. A malha férrea estende-se por 15,2 quilômetros, que ligam a Estação da Calçada à Estação de Paripe. Inaugurado em 1860, com apenas uma via e locomotivas a vapor, transportavam pessoas e cargas entre o comércio de Salvador e áreas distantes, como os atuais bairros de Plataforma e Paripe. O passeio pode se estender até São Tomé de Paripe, a praia mais frequentada do subúrbio, mas pouco conhecida pela classe média de Salvador. Nas suas águas tranquilas, pode-se andar dezenas de metros, sem afundar. No cais, barcos oferecem passeios pelas ilhas da Baía de Todos-os-Santos. O trabalho das marisqueiras é um espetáculo à parte em todas as praias do subúrbio. Boa opção para o almoço é o restaurante *Boca de Galinha*, com sua decoração peculiar e pratos exóticos da culinária baiana.

Resistência Cultural

Esse aspecto da cultura afrodescendente pode se constituir em um roteiro ou mais roteiros, abrangendo o trabalho artístico e social desenvolvido pelos principais blocos afros de Salvador, e artistas como Carlinhos Brown. O circuito pode começar na Liberdade, com visita ao Ilê Aiyê e ao Centro Cultural Senzala do Barro Preto, prosseguindo no bairro do Candeal, para conhecer os projetos artísticos e sociais do criativo Carlinhos Brown, como o seu *Candyall Guetho Square*. A capoeira e os projetos da Associação de Capoeira Mangangá, comandada por Tonho Matéria, é outro atrativo e pode ser apreciado em vários locais da cidade, uma vez que a Mangangá tem filiais em vários bairros da cidade e no Litoral Norte de Salvador. Uma visita à Escola do Olodum e a participação nos ensaios do bloco, que acontecem às terças-feiras, no Pelourinho, podem fechar com chave-de-ouro um roteiro deste tipo. Para potencializar ainda mais o aspecto turístico dessas peculiaridades da cultura afrodescendente, pode-se designar cada um dos segmentos em questão por denominações recorrentes e autoidentitárias do trabalho desenvolvido pelos quatro grupos: *Tambores da Liberdade*, *Candyall Guetho Square*, *Na roda de capoeira* e *Rufar dos tambores*.

No panteão dos deuses africanos

A ideia de roteiros específicos para religiosidade de matriz africana é ampliar o conhecimento dos visitantes acerca dessas manifestações, possibilitando a visita aos terreiros de candomblé de nações diferentes: Ketu-Nagô, Jeje e Angola. Em roteiros desse tipo, pode-se agregar também visita ao Museu Afro-brasileiro, Dique do Tororó, onde se encontram grandes esculturas de divindades do panteão africano. Os roteiros podem corresponder ao calendário litúrgico das casas, o que possibilitaria também a degustação da autêntica comida-de-santo.





Dendê, feijão, milho, amendoim, camarão seco, ervas e especiarias estão entre os diversos produtos comercializados na Feira de São Joaquim, em Salvador



Sabores da Negra Bahia

A culinária afro-baiana é uma atração à parte no turismo de Salvador e pode ser incluída em qualquer roteiro. Entretanto, roteiros gastronômicos desse segmento devem contemplar aspectos inusitados e abranger uma maior diversidade de pratos típicos. Nesse sentido, a degustação dos alimentos pode ser precedida de uma aula prática sobre o preparo dos pratos e a exposição de temperos e condimentos utilizados. Outros podem incluir a degustação de pratos nos próprios terreiros, que preparam os pratos de acordo com a divindade homenageada no dia da semana. A aquisição de tais ingredientes, na Feira de São Joaquim, por exemplo, pode conferir ao roteiro uma diversidade maior de atrativos exóticos. O tratamento dispensado às folhas sagradas pelos adeptos do candomblé é outro componente que pode ser destacado nesse tipo de roteiro. O uso medicinal e religioso das ervas, o plantio, colheita e utilização são alguns dos aspectos que podem ser potencializados, inclusive numa visita ao Parque de São Bartolomeu.

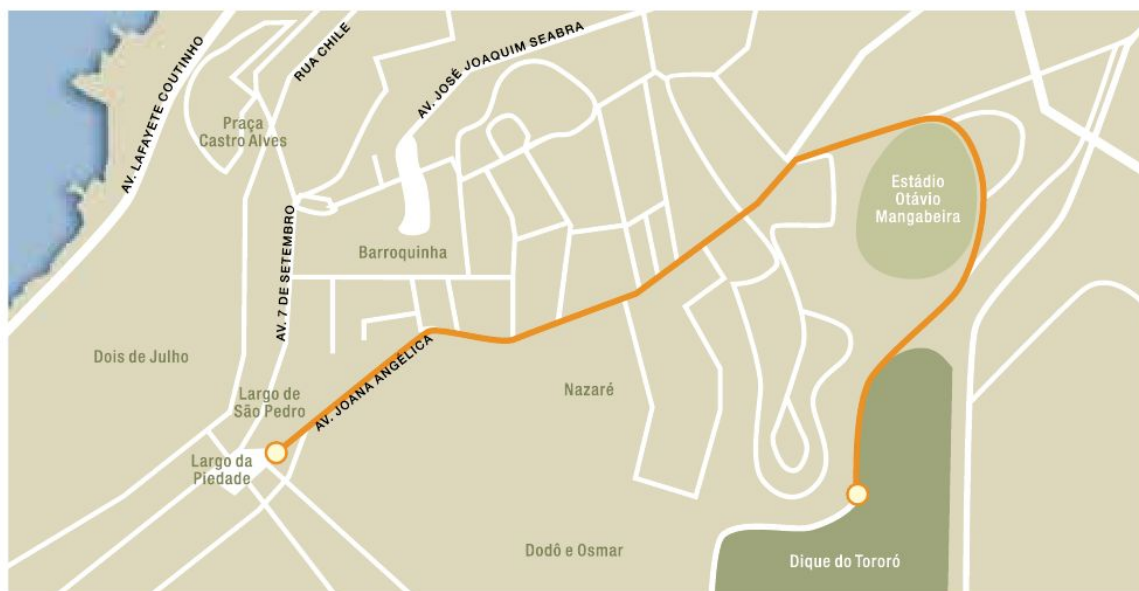
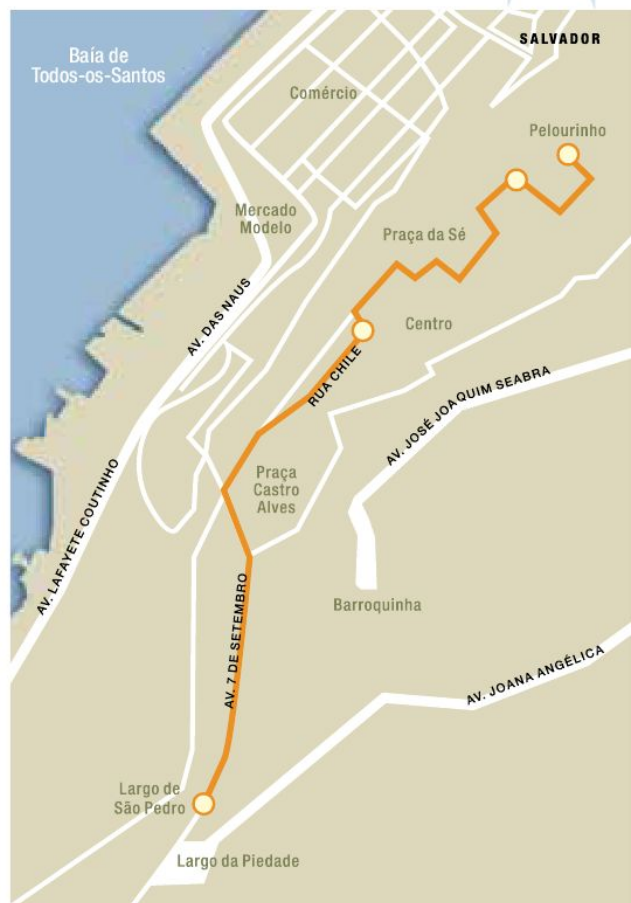
No palco das lutas pela liberdade

Os locais onde aconteceram as principais rebeliões escravas em Salvador é objeto de importância para o visitante interessado neste segmento. A história das duas revoltas mais significativas, a dos Búzios e a dos Malês, pode ser contada a partir dos locais onde elas foram iniciadas e sufocadas, incluindo os monumentos nos quais seus líderes foram castigados ou enforcados e expostos em praça pública para servirem de exemplo. Nos mapas ao lado, indicamos as duas principais rotas que podem funcionar como ponto de partida. Além do aspecto histórico, roteiros dessa linha podem abranger visita às irmandades, como a Sociedade Protetora dos Desvalidos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e outros cenários da resistência e das lutas pela liberdade.

Revolta dos Malês – O número de mortos nesta revolta somaram mais de 70, sem contabilizar os que morreram posteriormente. Alguns nomes, porém, podem ser retirados do anonimato completo, como Ahuna, Vitório Sule, Dassalu, Manoel

Calafate, Nicobé, Flamé, Batanhos, Mama Adeluz e Combé, na sua maioria, escravos dos ingleses que moravam no bairro da Vitória. O palco principal da rebelião fica no Centro Histórico, bem no coração da cidade, onde hoje se localizam a Ladeira da Praça, a Câmara Municipal, a sede da Prefeitura de Salvador e adjacências, como mostra o mapa.

Revolta dos Búzios – Na linha de frente desta rebelião encontravam-se o alfaiate João de Deus do Nascimento; o jovem aprendiz de alfaiate, Manoel Faustino dos Santos, com apenas 18 anos; e os soldados Luís Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas. O movimento contou também com a participação de mulheres. Duas delas tiveram muito destaque: as negras, alforriadas, Ana Romana e Maria do Nascimento. Uma centena de pessoas, entre militares, religiosos, funcionários públicos, foi denunciada. Dessas, 47 foram presas, mas somente 30 foram processadas. Todos eles alegaram inocência. Apenas quatro homens admitiram culpa. João de Deus, Manoel Faustino, Luís Gonzaga e Lucas Dantas foram condenados à morte por enforcamento e executados no dia 8 de novembro de 1799, no Largo da Piedade. Depois de aplicada a sentença, seus corpos ficaram expostos para servirem de exemplo àqueles que ousassem questionar a Coroa portuguesa. A cabeça de Lucas Dantas ficou espetada no Campo do Dique do Desterro (atual Dique do Tororó). A de Manuel Faustino, no Cruzeiro do São Francisco, enquanto a de João de Deus, na Rua Direita do Palácio (hoje Rua Chile). A cabeça e as mãos de Luís Gonzaga das Virgens ficaram pregadas na forca, que foi levantada na Praça da Piedade para a execução, como mostra o mapa ao lado.





Calendário

Dia-a-Dia da Negra Bahia

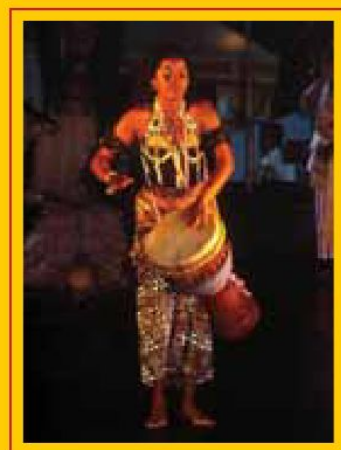
JANEIRO

Calendário festivo

- Procissão dos Navegantes – Boa Viagem, Salvador (1/1)
- Festa da Boa Viagem – Salvador (1/1)
- Procissão dos Navegantes – Salinas da Margarida
- Lavagem do Beco – Ilha de Itaparica
- Terno de Reis – Lapinha, Salvador (6/1)
- Festa de Santo Antônio de Catejeró – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho
- Lavagem do Bonfim – Salvador
- Segunda-Feira Gorda da Ribeira – Salvador
- Festival de Música e Arte do Olodum (Femadum) – Concha Acústica, Salvador
- Lavagem de Santo Amaro da Purificação – Santo Amaro
- Celebração da Revolta dos Malês – Itapuã, Salvador (25/1)
- Festival de Música Infantil Didá – Salvador
- Festival de Verão – Salvador
- Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê – Curuzu, Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador.
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum, Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº 40, Salvador.
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador





FEVEREIRO

Calendário festivo

- Festas de Iemanjá – Rio Vermelho, Salvador (2/2)
- Feijoada do AfroPop Brasileiro – Hotel Tropical da Bahia, Salvador
- Lavagem do Gantois – São Lázaro ao Terreiro do Gantois, Salvador
- Lavagem Itapuã – Salvador
- Os Negões – FESTNEGÕES / Largo Monte Belém – Vasco da Gama, Salvador
- Feijoada Sorriso da Dada – Salvador
- Carnaval – Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador.
Sábados do Ilê – Centro Cultural Sensala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº.40, Salvador.
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador

MARÇO

Calendário festivo

- Feijoada de Alaíde do Feijão – Praça Tereza Batista, Pelourinho

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador.
Sábados do Ilê – Centro Cultural Sensala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº 40, Salvador.
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador

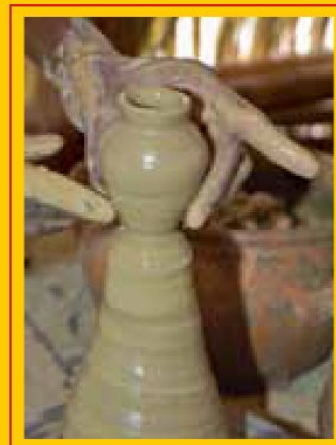
ABRIL

Calendário móvel

- Festa em Louvor a São Benedito – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho
- Feira do Caxixi – Nazaré das Farinhas

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Salvador
Sextas da Didá – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha e Convidados – Curuzu, Liberdade, Salvador
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto – Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, shows, Rua Djalma Dutra, nº 40, Salvador



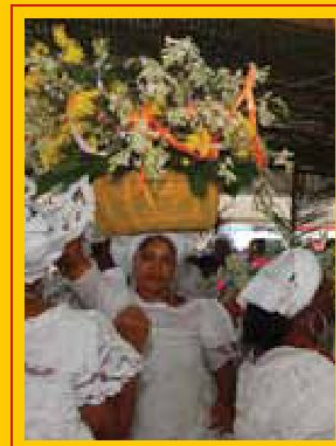
MAIO

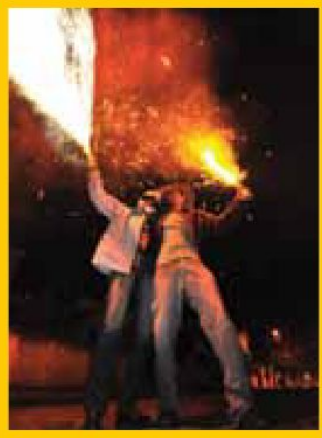
Calendário móvel

- Festa de Bembé – Santo Amaro da Purificação, Recôncavo

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador





JUNHO

Calendário móvel

- Trezena de Santo Antônio – Igreja de Santo Antonio, Salvador
- Ciclo de festas juninas – Salvador e municípios do interior
- Caminhada Afro-Junina Os Negões – Cosme de Farias a Vasco da Gama, Salvador
- Independência de Cachoeira, Bahia – (24 e 25/6)

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador

Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador

Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador

Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador

Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador

Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador

Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador

Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador

Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador

JULHO

Calendário móvel

- Cortejo Cívico da Independência do Brasil na Bahia, (2/7)
- Nego Fugido – Salvador
- Bando Anunciador da Festa de São Bartolomeu – Maragojipe
- Nego Fugido – povoado de Acupe, Santo Amaro da Purificação

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador

Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador

Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador

Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador

Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador

Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador

Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador

Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador

Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador



AGOSTO (Mês da Ancestralidade Africana)

Calendário móvel

- Encontro Cultural e Internacional de Capoeira Mangangá – Salvador
- Feira da Economia do Sagrado – Praça Municipal, Salvador
- Festival de Filarmônicas – Maragojipe
- Festival de Arte e Cultura da Diáspora Africana da Bahia – Salvador
- Celebração da Revolta dos Búzios – Salvador
- Festa em Louvor a Nossa da Boa Morte – Cachoeira
- Festas em Louvor a São Roque / Omolu – Salvador
- Caminhada Azoany – Pelourinho / São Lázaro, Salvador
- Lavagem de São Bartolomeu – Maragojipe
- Dia do Folclore – Salvador
- Dia de São Bartolomeu – Maragojipe
- Procissão de São Bartolomeu – Maragojipe

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador

SETEMBRO

Calendário móvel

- Lavagem do Curuzu / Bar Espaço R2, Curuzu – Liberdade, Salvador
- Festa de São Cosme e São Damião / Ibejis – Salvador / Recôncavo (27/9)
- Caruru do Lindro Amor – São Francisco do Conde
- Caruru dos 7 Poetas – Cachoeira
- Semana da Mãe Preta – Bloco Afro Ilê Aiyê, Curuzu, Salvador
- Feira da Economia do Sagrado – Terreiro da Casa Branca, Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador

Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador

Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador

Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador

Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador

Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador

Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador

Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador

Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador



OUTUBRO

Calendário móvel

- Dia de Nossa Senhora Aparecida (12/10)
- Festa de aniversário em Louvor a N. S. do Rosário dos Homens Pretos – Pelourinho, Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador



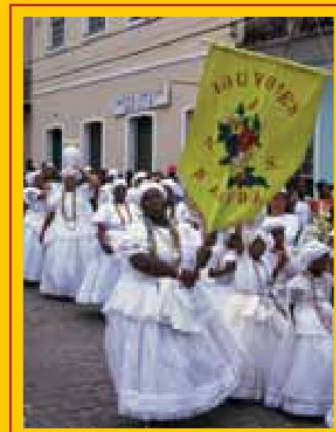
NOVEMBRO (Mês da Consciência Negra)

Calendário móvel

- Alaiandê Xirê – Terreiro Pilão de Prata, Boca do Rio, Salvador
- Festa de Nossa Senhora da D' Ajuda – Cachoeira
- Bahia Afro Film Festival – Salvador
- Dia Nacional da Consciência Negra (20/11)
- Dia da Baiana – Centro Histórico, Salvador (25/11)
- Corrida Zumbi dos Palmares – Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador
Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador
Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador
Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador
Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador
Sextas da Didá – Pelourinho, Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador
Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador
Sábados do Ilê – Centro Cultural Senzala do Barro Preto, Curuzu, Salvador
Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador
Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador
Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador





DEZEMBRO

Calendário móvel

- Dia do Samba – Centro Histórico, Salvador (2/12)
- Festa de Yansã / Oyá / Santa Bárbara, Igreja do Rosário dos Homens Pretos – Pelourinho, Salvador (4/12)
- Ciclo do Caruru de Santa Bárbara / Yansã / Oyá – Mercado de Santa Bárbara – Baixa dos Sapateiros, Salvador
- Caminhada do Samba – Campo Grande a Praça Castro Alves, Salvador
- Festa em Louvor a Nossa Senhora da Conceição da Praia – Salvador (8/12)
- Festa em Louvor a Santa Luzia – Largo do Pilar / Comércio, Salvador (13/2)
- Os Negões – FESTBLAC, Largo Monte Belém, Vasco da Gama, Salvador

Calendário fixo

Segundas do Cortejo Afro – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Terças / Missas Igreja de São Francisco – Terreiro de Jesus, Salvador

Terças / Missas afros – Igreja do Rosário dos Pretos, Pelourinho, Salvador

Terças da Bênção – Pelourinho, Salvador

Terças Bênção de Arcanjo – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Quartas do Beco de Gal – Vasco da Gama (Dique do Tororó), Salvador

Quintas na Escadaria do Passo – Show com Tomalira, Pelourinho, Salvador

Sextas da Didá – Pelourinho – Praça Tereza Batista, Pelourinho, Salvador

Sextas / Samba de Cozinha – Curuzu, Liberdade, Salvador

Sábados do Ilê – Centro Cultural Sensala do Barro Preto, Curuzu, Salvador

Domingos – Ensaio do Olodum – Praça Pedro Arcanjo, Pelourinho, Salvador

Domingos – Galpão Cheio de Assunto, Rua Djalma Dutra, nº40, Salvador

Domingos – Ensaio do Afoxé Filhos do Congo, Fazenda Grande, Salvador

Depoimentos

“Chorei quatro vezes durante o meu voo de retorno da minha primeira viagem à Bahia, pensando que nunca mais veria esse lugar incrível. Os baianos me receberam como se eu fosse parte da família. Salvador é antiga, orgulhosa e nada menos que mística, memorável e mágica, [...] uma das cidades mais importantes da Diáspora Africana. O fato da primeira capital do Brasil ter sido o principal portão de entrada de tantos escravos africanos fortaleceu a minha conexão com a cidade. A Bahia mexeu com a essência dos meus valores, tornando-os ainda mais significativos. [...] Tudo na Bahia respira África, seja comida, vestimenta, festivais, religião e especialmente música. Tive a sensação de já ter estado lá antes, após uma longa ausência. [...] Só de pensar em Salvador me faz sonhar acordado, onde posso cheirar, ouvir e praticamente ver todas as coisas maravilhosas que fazem este lugar tão querido no meu coração”.

N. Kozmo Miller
Produtor cinematográfico norte-americano

“Aportei pela primeira vez em Salvador, Bahia, em 1995. Senti o sopro da África no meu corpo todo enquanto andei pela primeira vez na praia. A Bahia fez renascer em mim um legado africano que nunca tinha sentido antes [...] Peixe bem temperado, servido quentinho na praia, capoeira, o som dos tambores metálicos do Olodum, as ruas de pedra do centro da cidade, artesanato feito na hora, apresentações no estilo brasileiro com as cores do Carnaval e música mística por toda parte. [...] Participei da Festa da Boa Morte e vi práticas religiosas passadas de gerações a gerações de africanos. As paixões da vida, vividas e aproveitadas pelos afro-brasileiros, são tão fortes que se pode sentir, num pequeno restaurante de uma senhora com 102 anos, sabores que perdurarão a vida inteira. Por isso a Bahia estará sempre viva em mim”.

Armenious Patterson, Jr
Diretor de Marketing da Revista Upscale

Farol da Barra, onde funciona o Museu Náutico da Bahia





“Os turistas que viajam com Diga Brazil aproveitam a cultura afro-brasileira da Bahia através da gastronomia, artes e do povo de Salvador. Os sabores da culinária única de Salvador oferecem ligações diretas com as raízes africanas da Bahia. Nossos clientes apreciam a paixão que os chefs locais têm pela cozinha tradicional. Este compromisso com a cultura gastronômica é claro quando se come em restaurantes como ‘Point do Acarajé’ ou ‘Boca de Galinha’. A música e a dança em Salvador são incomparáveis. Seja dançando com Ilê Aiyê na Liberdade ou assistindo ao espetacular Balé Folclórico da Bahia, nossos hóspedes adoram participar da autêntica cultura brasileira. As praias da Bahia são algumas das mais bonitas do Brasil. As montanhas da Chapada Diamantina são algumas das mais belas do país, mas é o povo da Bahia que faz com que os nossos hóspedes voltem ao Brasil ano

após ano. Quando estão dançando samba no Pelourinho ou andando com as Irmãs da Boa Morte, os nossos hóspedes sentem-se como se fossem baianos. Os baianos acolhem os hóspedes de tal forma que se sentem como família e não como turistas. Com o apoio da Coordenação do Turismo Étnico da Bahia, a Diga Brazil dá as boas-vindas a mais de 500 afro-americanos por ano em Salvador, Bahia. A Coordenação do Turismo Étnico da Bahia desenvolveu programas criativos para que os nossos clientes tenham experiências autenticamente brasileiras. A comida, cultura e povo únicos da Bahia fazem com que nossos hóspedes voltem aos Estados Unidos com mais do que um simples bronzeado. Eles voltam sabendo que ‘Bahia é muito mais’”.

Chip Finney
Diretor de agência de turismo Diga Brazil, na Filadélfia-USA

“Poucos lugares me cativaram tanto quanto Salvador, Bahia. Meses após minha visita, ainda me belisco e me pergunto quando voltarei. [...] A alma e a essência da Bahia vivem comigo todos os dias. [...] Ter visitado um lugar tão mágico quanto a Bahia é um dos pontos mais altos da minha vida. [...] Não há palavras para explicar como me senti conectada em Cachoeira, na Festa da Boa Morte. Podia entender as palavras? Não, mas conhecia o espírito. O senti quando criança no Mississipi, aos domingos, durante cerimônias especiais, quando essa força vital africana de alguma forma se manifestava. Escutar a música me comoveu tanto que tive a certeza de

também ter sido banhada por este mesmo espírito. [...] Passear pelo Pelourinho foi tão surreal! O céu nem parecia de verdade. Um amigo que fez a viagem anos antes descreveu a experiência como ‘mágica’, e como mais explicá-la? [...] Da arquitetura à gastronomia, e inclusive na espiritualidade do povo, a Bahia é especial. Conclamo àqueles no poder a continuar a atrair os filhos e filhas da África especificamente à essência das suas vidas neste hemisfério. [...] Envio os meus mais sinceros agradecimentos por valorizar e preservar esta história”.

Ronda Racha Penrice
Escritora norte-americana

Abaixo, representação dos orixás Oxum e Ogum. Página ao lado, Pelourinho com sua nova iluminação.




“Das ruas coloniais do Pelourinho, ao litoral apinhado de coqueiros, a Bahia é uma parte do Brasil que pode ajudar a conectar americanos negros ao seu passado perdido. Havia certa familiaridade na Bahia: os sabores de bobó-de-camarão e acarajé, os olhares melancólicos dos baianos mais pobres que seguravam a corda enquanto seus conterrâneos mais ricos dançavam e desfilavam no seu trio favorito. Conhecemos esses rostos nos Estados Unidos, imagens que ainda nos pertencem. Os ritmos ensurdecedores da Escola Olodum enchem o ar e pulsavam no meu coração, enquanto eu encontrava uma conexão com a história que, para a maioria dos americanos, foi deixada em outros continentes, oceanos e navios negreiros. Durante o Carnaval, aprendi a sambar e a preparar xinxim. Mas eu também descobri mais sobre mim mesma. Há partes do Brasil que correm profundas dentro do meu coração e da minha alma. Isto porque muitas pessoas achavam que eu era brasileira, e as crianças me perguntavam se eu era baiana. Senti que Salvador me acolheu como a uma filha”.

Jamila Robinson
Jornalista do Atlanta Constitution-USA

“Salvador, Bahia, Brasil apresenta uma riqueza de cultura, arte, inspiração, tradição e humanidade. As praias são lindas. A espiritualidade é real. O sentimento positivo está no ar para todos aproveitarem – brasileiros ou turistas. A criatividade não tem fim. Isto fica aparente no jeito como se jogam os esportes (capoeira e futebol), e na variedade de negócios (lojas de açaf a centros comerciais), os interiores das casas ou os designs, as vestimentas e os adornos pessoais, e certamente a comida, ‘gostosa’. A cultura da Bahia está no centro de tudo isto e é tão tangível que baianos de todas as classes entendem que o estado deles é ‘diferente’ da maioria, não melhor, só extremamente especial. É uma ‘coisa baiana’, que eu definiria como a cultura da Bahia. Eu sabia que queria voltar antes de sair. Obrigado, Bahia!”

Brenton Lamar Redcross
Produtor cultural norte-americano





“A Bahia é um dos lugares mais maravilhosos que visitei na vida. Das praias de Salvador às cachoeiras perto de Santo Amaro, tem belos sítios para ver e baianos hospitaleiros para lhe mostrar a terra deles. O secretário Domingos Leonelli e o Sr. Arquimimo alteraram suas atribuladas agendas para se encontrarem comigo, dando-me as boas-vindas em Salvador. Foi essa combinação de gentileza, cultura, beleza, música e poesia que me convenceu a gravar o meu próximo CD em Salvador, cantado em português e produzido pelo meu amigo Jota Velloso. Obrigado, Setur e Bahiatursa, por me revelarem a beleza da Bahia e me fazerem sentir em casa”.

Com sinceridade,

Clifton Davis
Ator e produtor norte-americano

Referências

- AQUINO, Lúcia; SOUSA, Regina A. **Caminhos do Recôncavo**: Proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo Baiano. Salvador: Unifacs, 2009.
- BARCELAR, Jéferson. **Barcelar. Etnicidade: ser negro em Salvador**. Salvador: Ianamá, 1989.
- BACELAR, Jéferson; PEREIRA, Cláudio (Org.). **Vivaldo da Costa Lima: intérprete do Afro-Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRASIL, MTur. **Segmentação do Turismo**. Marcos Conceituais. Brasília: MTur, 2006.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CASCUDO. Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia - um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / TopBooks, 2001.
- FAUSTO, Boris. **História da Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.
- GUERREIRO, Goli. **A cidade imaginada: Salvador sob o olhar do turismo**. **Revista Unifacs**, v. 1, no 11, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/viewArticle/192>. Acesso em 10 mai. 2009.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagô da Bahia**. Um estudo de relações intragrupais. Salvador: corrupio, 2003.
- _____. **Encontro de nações de candomblé**. Salvador: Ianamá - Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO) - Centro Editorial de Ensino (CED), 1984.
- LODY, Raul. **Atlas Afro-brasileiro: Cultura Popular**. Salvador: Edições Maianga, 2006.
- NINA RODRIGUES, Raimundo. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. São Paulo, Unicamp, 2007.
- PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia**. São Paulo: Editora nacional, 1971.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- REIS, João José. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão**. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1996, p. 7-33.
- RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Ed. 34, 2007.
- _____. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.
- _____. **Caymmi: Uma Utopia de Lugar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. **Uma História da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.
- SANTOS, Jocélio Teles dos (Coord.). **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: CEAO/Secretaria Municipal de Reparação de Salvador, 2008.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia. **Retrato em Branco e Preto**. Jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro de keto**. Salvador: Edições Maianga, 2006.
- TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: Edufba, 2004.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Baía de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX**. Salvador: Corrupio, 2002.
- _____. **Ewe. O uso das plantas na sociedade iorubá**. Salvador, Corrupio, 1995.
- _____. **Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1992.
- _____. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

Crédito das imagens

FOTOGRAFIAS:

Aristides Alves

Páginas 141 (esquerda),
142 e 143 (foto de baixo).

Artur Ikishima

Página 58.

Cristina Calacio

Páginas 108 e 109.

Jota Freitas

Páginas 14, 24, 27, 29,
30, 62, 70, 71, 72, 76, 84,
89 (foto de cima), 102,
122, 123, 124 (acarajé),
126, 129, 131, 137 (foto
de cima), 138 (foto de
baixo), 139 (foto de cima),
140 (foto de cima), 144
(esquerda), 145, 147, 148,
149 e 151.

Kin Guerra

Páginas 8 e 9.

Ivan Baldivieso

146

Luciano Filho e Nelly Santos

Páginas 32, 43 (direita),
44, 47, 49, 50, 52 e 61.

Marisa Vianna

Páginas 16, 20, 43
(esquerda), 48, 69 (foto
de cima), 88, 90 e 144
(direita).

Maurício Requião

Página 73.

Rita Barreto

Páginas 5, 10, 12, 36, 40,
53, 57, 60, 64, 69 (foto
de baixo), 74, 75, 78, 79,
82, 83, 85, 86, 89 (foto de
baixo), 100, 106, 110, 111,
112, 113, 115, 118, 120,
125, 128, 132, 134, 136,

137 (foto de baixo), 138
(foto de cima), 139 (foto de
baixo), 140 (foto de baixo),
141 (direita).

Rômulo Portela

Páginas 116.

Sérgio Guerra

Páginas 35, 45 e 67.

Arquivo Bahiatursa

Páginas 6, 54, 117, 127,
130 e 143 (foto de cima).

ILUSTRAÇÕES:

Goya Lopes

páginas 1 a 5.

Jota Cunha

páginas 7, 11, 13, 17,
25, 31, 37, 68, 71, 77,
80, 81, 91, 93, 95, 101,
107 e 119.

*Forte de Santa Maria,
na Baía de Todos-os-Santos,
em Salvador*





Este livro foi editado em setembro de 2009
pela Solisluna Design e Editora para a Setur- Secretaria
de Turismo da Bahia. Impressão em papel couché 150g/m².
Salvador, Bahia, Brasil.

